

---

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

---

**MICHELLE CRISTINA BUENO**

**CONSTRUINDO RELAÇÕES INTERGERACIONAIS  
NA FORMAÇÃO DE NOVOS PROFESSORES:  
PROCESSOS DE APROXIMAÇÃO E DE  
PARCERIA ENTRE PROFESSORES E  
ESTAGIÁRIOS.**

MICHELLE CRISTINA BUENO

CONSTRUINDO RELAÇÕES INTERGERACIONAIS NA FORMAÇÃO  
DE NOVOS PROFESSORES: PROCESSOS DE APROXIMAÇÃO E DE  
PARCERIA ENTRE PROFESSORES E ESTAGIÁRIOS.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Flávia Medeiros Sarti

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Instituto de Biociências da Universidade  
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -  
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de  
Licenciada em Pedagogia.

Rio Claro  
2012

370.71 Bueno, Michelle Cristina  
B928c       Construindo relações intergeracionais na formação de novos  
professores : processos de aproximação e de parceria entre professores e  
estagiários / Michelle Cristina Bueno. - Rio Claro : [s.n.], 2012  
99 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Pedagogia) - Universidade Estadual  
Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro  
Orientador: Flávia Medeiros Sarti

1. Professores – Formação. 2. Estágio supervisionado. 3. Relações  
intergeracionais. I. Título.

*Dedico este trabalho:*

*Aos meus pais  
pela educação, formação e por  
sempre me incentivar a estudar e  
a realizar o curso de Pedagogia.*

## AGRADECIMENTOS

Em minha trajetória na graduação muitas pessoas contribuíram para minha formação entre elas estão colegas de classe, especialmente pela grande amizade da **Bruna, Camila V., Christiane e Luana; todos os professores do curso de pedagogia**, especialmente a **Profª Dra. Flávia Medeiros Sarti** por ter despertado o interesse sobre o estágio, ser a inspiração para esse trabalho e ter contribuído na minha formação pelos auxílios, orientações, comprometimento, paciência, pelo seu jeito doce de corrigir, por fazer-me apaixonar pelo Francês, enfim por ter sido a *Fôs “φως”*, que do grego denomina luz, que me guiou na realização deste trabalho e contribuiu no meu amadurecimento e formação acadêmica.

Agradeço a todos os integrantes do **Grupo de Pesquisa: Mercado da formação docente: constituição, funcionamento e dispositivos**, aos sujeitos participantes desta pesquisa em contribuir nas entrevistas e possibilitar a realização das observações.

A **Profª Dra. Flávia Medeiros Sarti** e ao **Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC)** em conceder a Iniciação Científica sem bolsa.

Meus **pais, avós e avôs**, pela educação e apoio que fornecem a cada dia de minha vida.

A um **grande amigo**, que sempre está ao meu lado nas horas difíceis com sua ternura, paciência, apoio e pela nossa eterna *“φιλία”- philia*.

A **Andréia** pelas conversas e trocas de experiências acadêmicas e do curso de Francês.

Ao **Profº. Drº. Irineu Bicudo** que contribuiu muito para minha formação durante as aulas de Grego.

A **Profª. Kim** pelas aulas de Francês e ao Profº. Victor com aulas de espanhol.

A **Profª. Elaine Pôncio** por ter me recebido em sua sala de aula durante a realização do estágio - supervisionado, o qual faz parte da grade curricular do curso de Pedagogia. Ela me possibilitou perceber a importância do acompanhamento de um profissional durante o estágio e instigou-me a iniciar esta pesquisa.

*“Somos sempre aprendizes da profissão e  
estagiários da vida.”*

*Alves Franco*

## RESUMO

Esta pesquisa pretende contribuir para a compreensão das relações estabelecidas entre estagiários de cursos de licenciatura e professores da Educação Básica, que os recebem em suas salas de aula. Mais especificamente, tem-se o objetivo de investigar os processos de aprendizagem que ocorrem no encontro entre duas gerações profissionais docentes. Nesse sentido, questiona-se: de que maneira são estruturadas as relações estabelecidas entre professor titular e estagiário na escola, como ocorrem os primeiros contatos entre as duas partes, que vínculos são então estabelecidos e que relações formativas se desenvolvem no cotidiano do estágio. Tais percepções foram propiciadas pelas entrevistas e observações realizadas e analisadas sob ótica das “relações intergeracionais na docência” (SARTI, 2009), que pressupõem atenção especial a algumas categorias, tais como: geração (MANNHEIN, 1982), identidade e ciclo de vida profissional docente (HUMBERMAN, 1992; TARDIF, 2010). A pesquisa possibilitou análises que sugerem que o fator *geração profissional* deva ser sempre balizado com informações sobre a história de vida profissional dos sujeitos, já que, de acordo com os dados reunidos, tais experiências pessoais exercem influências em suas relações com as novas gerações profissionais. A partir desta investigação, foi possível perceber que as relações intergeracionais na formação docente envolvem fatores sutis e importantes, que dizem respeito a aspectos relativos à geração profissional dos sujeitos, mas também a sua geração social (MANNHEIN, 1982) e ao ciclo de vida profissional docente (HUBERMAN, 1992). Esse conjunto de fatores exercem influências significativas para os contatos formativos entre estagiários e professores experientes no magistério.

Palavras-chave: formação de professores, estágio supervisionado, relações intergeracionais.

## SUMÁRIO

	Página
INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA .....	07
1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO .....	14
2. RELAÇÕES INTERGERACIONAIS NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL .....	18
2.1. As expectativas iniciais nas relações estabelecidas entre professores e estagiárias .....	21
3. AS OBSERVAÇÕES REALIZADAS EM CAMPO SOBRE AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS ESTABELECIDAS NO ESTÁGIO DE PRÁTICA DE ENSINO .....	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	63
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA .....	66
APÊNDICES .....	67
APÊNDICE 1 – Roteiro de entrevistas com as Professoras .....	68
APÊNDICE 2 – Roteiro de entrevistas com as Estagiárias .....	69
ANEXOS .....	71
ANEXO 01: Entrevista com a Professora A .....	72
ANEXO 02: Entrevista com a Professora B .....	80
ANEXO 03: Observação da Estagiária A .....	89
ANEXO 04: Observação da Estagiária B .....	93
ANEXO 05: Termos de Consentimento Livre e Esclarecido .....	97



## INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A inquietação em iniciar esta investigação surge no ano de 2011, quando realizei meu estágio supervisionado, que faz parte da grade curricular do curso de Pedagogia. Na realização deste, obtive um grande respaldo da professora que me recebeu em sua sala de aula, possibilitando e me fornecendo a abertura para planejar, participar de eventos da escola e principalmente vivenciar uma regência ‘total’, do início ao fim da aula, quando me senti como uma segunda educadora, com responsabilidades de iniciar a aula às sete horas da manhã, ter um intervalo de quinze minutos e dar continuidade até às onze horas e vinte minutos, horário este de saída dos alunos. Cabe ressaltar que, durante minhas vivências na regência, a professora titular permaneceu o tempo todo dentro da sala de aula, acompanhando meu trabalho que estava sendo desempenhado.

Ao finalizar o estágio, senti-me instigada a aprofundar esses aspectos que nortearam minha passagem no ambiente escolar e de investigar de como ocorre essa vivência formativa com outros sujeitos inseridos nesse processo de formação inicial.

Nesse sentido, esta pesquisa focaliza relações estabelecidas entre alunos estagiários de um curso de Licenciatura em Pedagogia e os professores que os recebem em classes do ensino fundamental. A partir do estudo, pretendem-se oferecer subsídios para uma compreensão mais clara sobre os processos formativos presentes nas relações intergeracionais (SARTI, 2009) no magistério e, portanto, nos estágios supervisionados de prática de ensino. E tendo como objetivos específicos identificar e analisar os momentos iniciais de interação entre professores e estagiários durante o estágio supervisionado de prática de ensino; o modo como as relações intergeracionais são construídas e vividas diariamente por estagiários e professores; os tipos de vínculos que então se estabelecem; bem como as aprendizagens profissionais que ocorrem, para professores e estagiários, durante tais interações.

O trabalho integra o projeto mais amplo “Mercado da formação docente: constituição, funcionamento e dispositivos”, apoiado pelo CNPq 474327/2011-6, desenvolvido por pesquisadores ligados ao Departamento de Educação da UNESP, campus de Rio Claro e da Faculdade de Educação da USP. Elegendo o “mercado da formação docente” como foco de atenção, uma pesquisa mais ampla que busca

identificar e caracterizar processos envolvidos em sua constituição, seus dispositivos, algumas de suas principais manifestações, bem como o consumo que professores realizam nesse contexto. O trabalho parte de alterações importantes ocorridas no cenário educacional a partir da promulgação da LDB/1996 cujos efeitos envolvem, dentre outros, processos que têm alterado o campo da formação de professores.

Uma das novidades do período pós LDB/96 foi a ênfase com relação à importância dos estágios supervisionados para a formação de professores (BUENO, 2007). Atualmente os estágios supervisionados vêm recebendo maior atenção no campo da formação de professores, diferente do que vinha ocorrendo tradicionalmente, uma vez que o Brasil se constituiu inicialmente como nação em um contexto sócio-histórico marcado por uma economia voltada para a agricultura, que não exigia mão-de-obra muito qualificada, “dessa forma, não havia interesses econômicos que suscitassem a necessidade de formação de professores em uma escola especializada para isso” (BUENO, 2007, p.11). Esses interesses com a educação surgem e são intensificados a partir da industrialização na década de 1930.

Nesse contexto, surge a primeira regulamentação referente ao curso de Pedagogia através do Decreto Lei nº 1.190, de quatro de abril de 1939 que traz as finalidades à Faculdade Nacional de Filosofia, Ciências e Letras, a qual foi instituída pela Lei nº 452 de cinco de julho de 1937. Esse Decreto em uma das suas finalidades coloca em seu primeiro capítulo e artigo, “preparar candidatos ao magistério do ensino secundário e normal” (BRASIL, 1939),

Art. 19. O curso de pedagogia será de três anos e terá a seguinte seriação de disciplinas:

Primeira série

1. Complementos de matemática.
2. História da filosofia.
3. Sociologia.
4. Fundamentos biológicos da educação.
5. Psicologia educacional.

Segunda série

1. Estatística educacional.
2. História da educação.
3. Fundamentos sociológicos da educação.
4. Psicologia educacional.
5. Administração escolar.

Terceira série

1. História da educação.
2. Psicologia educacional.

3. Administração escolar.
4. Educação comparada.
5. Filosofia da educação (BRASIL, 1939).

Através desse Decreto-Lei deu origem ao que se chamou de “3+1”, onde em três anos o sujeito obteria o Bacharelado e cursando mais um ano do curso de didática, no qual as disciplinas eram as seguintes,

Art. 20. O curso de didática será de um ano e constituir-se-á das seguintes disciplinas:

1. Didática geral.
2. Didática especial.
3. Psicologia educacional.
4. Administração escolar.
5. Fundamentos biológicos da educação.
6. Fundamentos sociológicos da educação (BRASIL, 1939).

Portanto, o sujeito que fizesse mais um ano teria um diploma de Licenciatura e isso se aplicava na formação dos Pedagogos, porém, quem cursasse os três anos sem a formação do curso de Didática era reconhecido como “Técnico em Educação”. Já os sujeitos que cursassem os quatro anos seriam habilitados ao magistério. Conforme Luzia Bueno (2007), o estágio nesse contexto era visto como a prática pela prática no modelo de formação oferecido, o qual preconizava apenas como um espaço de aplicação de conhecimentos e não necessariamente de aprendizagem de uma futura profissão, onde Lima e Pimenta (2010) colocam que a prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática.

Conforme se passaram os anos novos decretos, pareceres surgiram nesse sentido e com a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/96) de 1996 retoma-se a discussão sobre formação de professores, quando se buscou uma maior integração entre a teoria e a prática na formação de professores (BUENO, 2007), como se pode verificar no Parecer CNE/CP nº 27/2001,

No estágio curricular supervisionado a ser feito nas escolas de educação básica. O estágio obrigatório definido por lei deve ser vivenciado durante o curso de formação e com tempo suficiente para abordar as diferentes dimensões da atuação profissional. Deve, de acordo com o projeto pedagógico próprio, se desenvolver a partir do início da segunda metade do curso, reservando-se um período final para a docência compartilhada, sob a supervisão da escola de formação, preferencialmente na condição de assistente de professores experientes. Para tanto, é preciso que exista um projeto de estágio planejado e avaliado conjuntamente pela escola de formação inicial e as escolas campos de estágio, com objetivos e tarefas

claras e que as duas instituições assumam responsabilidades e se auxiliem mutuamente, o que pressupõe relações formais entre instituições de ensino e unidades dos sistemas de ensino. Esses “tempos na escola” devem ser diferentes segundo os objetivos de cada momento da formação. Sendo assim, o estágio não pode ficar sob a responsabilidade de um único professor da escola de formação, mas envolve necessariamente uma atuação coletiva dos formadores” (BRASIL, 2001b, p1).

E o CNE/CP nº 28/2001 prevê um número específico de 400 horas voltado para o Estágio Supervisionado e reconhece a importância dele para a formação inicial, ao dizer que,

(...) é preciso considerar um outro componente curricular obrigatório integrado à proposta pedagógica: **estágio curricular supervisionado de ensino** entendido como o tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim o estágio curricular supervisionado supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário. Por isso é que este momento se chama estágio curricular *supervisionado*. Este é um momento de formação profissional do formando, seja pelo exercício direto *in loco*, seja pela presença participativa em ambientes próprios de atividades daquela área profissional, sob a responsabilidade de um profissional já habilitado. Ele não é uma atividade facultativa sendo uma das condições para a obtenção da respectiva licença. Não se trata de uma atividade avulsa que angarie recursos para a sobrevivência do estudante ou que se aproveite dele como mão-de-obra barata e disfarçada. Ele é necessário como momento de preparação próxima em uma unidade de ensino. Tendo como objetivo, junto com a prática, **como componente curricular**, a relação *teoria e prática social* tal como expressa o Art. 1º § 2º da LDB, bem como o Art. 3º , XI e tal como expressa sob o conceito de prática no Parecer CNE/CP 9/2001, o estágio curricular supervisionado é o momento de efetivar, sob a supervisão de um profissional experiente, um processo de ensino-aprendizagem que, tornar-se-á concreto e autônomo quando da profissionalização deste estagiário. Entre outros objetivos, pode-se dizer que o estágio curricular supervisionado pretende oferecer ao futuro licenciado um conhecimento do real em situação de trabalho, isto é, diretamente em unidades escolares dos sistemas de ensino. É também um momento para se verificar e provar (em si e no outro) a realização das competências exigidas na prática profissional e exigíveis dos formandos, especialmente quanto à regência. Mas é também um momento para se acompanhar alguns aspectos da vida escolar que não acontecem de forma igualmente distribuída pelo semestre, concentrando-se mais em alguns aspectos que importa vivenciar. É o caso, por exemplo, da elaboração do projeto pedagógico, da matrícula, da organização das turmas e do tempo e espaço escolares. O estágio curricular supervisionado é pois, um modo especial de atividade de capacitação em serviço e que só pode ocorrer em unidades escolares onde o estagiário assuma efetivamente o papel de professor, e outras exigências do projeto pedagógico e das necessidades próprias do ambiente institucional escolar testando suas competências por um determinado período (...) Para fazer jus à efetivação destes considerados e à luz das diretrizes curriculares nacionais da formação docente, o tempo mínimo para todos os cursos superiores de graduação de formação de docentes para a atuação na educação básica para a execução das atividades científico-acadêmicas não poderá ficar abaixo de **2000 horas**, sendo que, respeitadas as condições peculiares das instituições,

estimula-se a inclusão de mais horas para estas atividades. Do total deste componente, **1800 horas** serão dedicadas às atividades de ensino/aprendizagem e as demais **200 horas** para outras formas de atividades de enriquecimento didático, curricular, científico e cultural. Estas 2000 horas de **trabalho para execução de atividades científico-acadêmicas** somadas às 400 horas da **prática como componente curricular** e às 400 horas de **estágio curricular supervisionado** são o campo da duração formativa em cujo terreno se plantará a organização do projeto pedagógico planejado **para um total mínimo** de 2800 horas. Este **total não poderá ser realizado em tempo inferior a 3 anos de formação** para todos os cursos de licenciatura inclusive, o curso normal superior (BRASIL, 2001c, p. 10 - 13)

Além desse parecer, há as Resoluções CNE/CP nº 1/2002 e CNE/CP nº 2/2002 do Conselho Nacional de Educação (CNE), nas quais o estágio passa a ser mais valorizado como um espaço de formação profissional. Entretanto, esses documentos não têm respondido como deve ser efetivamente realizado o estágio (BUENO, 2007; LIMA; PIMENTA, 2010).

Contudo, conforme Lima e Pimenta (2010), o objetivo das políticas atuais é valorizar a formação dos professores não mais baseada na racionalidade técnica, que os considera como meros executores de decisões alheias, mas numa perspectiva que releva sua capacidade de decidir e de, confrontar suas ações cotidianas com as práticas e produzindo novos conhecimentos para a teoria e a prática de ensinar.

No que se refere a essa valorização da experiência e da reflexão na experiência, Donald Schon (1995) propõe uma formação profissional baseada na epistemologia de prática, ou seja, na valorização da prática profissional como construção de conhecimento por meio de reflexão, análise e problematização dessa prática.

Seguindo nessa mesma direção, parece ser pertinente explicitar e valorizar o estágio como um campo de conhecimento necessário aos processos formativos, pois para Lima e Pimenta (2010), o conhecimento e as atividades que constituem a base formativa dos futuros professores têm por finalidade permitir que estes se apropriem de instrumentos teóricos e metodológicos para a compreensão da escola, dos sistemas de ensino e das políticas educacionais. Portanto, o estágio constitui um espaço privilegiado de aprendizagens para futuros professores, mas também para professores já em exercício (SARTI, 2009). Dialogando com Harvey (1996) e Maria Elias (2006) temos que o espaço escolar, que é formativo, comunica, mostra a quem quiser ou saber ver, o uso que os seres humanos fazem dele, o qual varia em

cada cultura, pois é um produto cultural específico. Nele estão presentes as relações interpessoais, as distâncias, os contatos, as comunicações, os conflitos de poder, a linguagem, a simbologia, as disposições dos objetos, as localizações, que para Harvey,

[...] as concepções do tempo e do espaço são criadas necessariamente através de práticas e processos materiais que servem a reprodução da vida social. [...] A objetividade do tempo e do espaço advém, em ambos os casos, de práticas materiais de reprodução social; e, na medida em que estas podem variar geográfica e historicamente, verifica-se que o tempo social e o espaço social são construídos diferencialmente. Em suma, cada modo distinto de reprodução, ou formação social incorpora um agregado particular de práticas e conceitos do tempo e do espaço (HARVEY, 1996, p.189-190).

Logo, será neste espaço, da sala de aula onde ocorrerá este contato entre o estagiário e o professor e através deste acontecerá essas relações formativas entre duas gerações distintas.

Assim, podemos pensar com Lima e Pimenta (2010) que o estágio é um momento indispensável na construção do ser profissional docente, da sua identidade, dos saberes e das posturas, pois os professores contribuem com seus saberes, valores e suas experiências, onde esta última assume um papel relevante na formação do professor e também fundamental para uma formação reflexiva. Durante as atividades de estágio, professores experientes no magistério e estagiários se encontram, convivem na escola e partilham aspectos relativos à docência. Portanto, levando em consideração que o estágio é um aspecto *sine qua non* à formação inicial, essa pesquisa vem tentar compreender melhor esse espaço rico em experiências e trocas das relações que ocorrem no estágio que - envolvendo professores já experientes no magistério e estudantes que pretendem ingressar na carreira docente - são da ordem das relações intergeracionais.

Portanto, com o trabalho desenvolvido pela Iniciação Científica através do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC), pretende-se compreender melhor os processos formativos que ocorrem nesses estágios, durante as relações intergeracionais (SARTI, 2009) estabelecidas entre estagiários e professores titulares da classe.

Pressupõe-se que o encontro entre duas gerações docentes possa fazer emergir modos de agir e de pensar dos sujeitos envolvidos, seus valores, compromissos, opções e desejos ligados ao magistério. Entende-se também, com

Lima e Pimenta (2010), que o estágio seja um momento importante para a construção da identidade, dos saberes e das posturas necessárias na profissão docente. Durante as atividades de estágio, professores experientes no magistério e estagiários se encontram e partilham aspectos relativos à docência: o dia a dia na escola, o trabalho junto aos alunos, a relação com a equipe gestora, com demais docentes e com os pais dos alunos, etc.

O estágio possibilita uma primeira “exploração” da docência (HUBERMAN, 1992), marcado por descobertas e impasses importantes que farão parte da construção de um paradigma profissional, na dialética entre o empírico e a teoria estudada. Durante o estágio, esse processo de exploração do trabalho docente deve ser acompanhado por um profissional já experiente, que lhes apresenta um “ponto de vista propriamente docente” (SARTI, 2009, p. 146), ao mesmo tempo esses professores titulares da classe terão a oportunidade de revisitar seu trabalho a partir do olhar de “estranhamento” do estagiário (p.144).

Neste trabalho, a investigação das interações intergeracionais entre professores e estagiários na escola foi realizada por meio de observações em sala de aula, durante os estágios supervisionados de prática de ensino, e de entrevistas realizadas com os sujeitos envolvidos.

Tendo em vista apresentar a investigação realizada, este trabalho foi organizado em quatro capítulos. Seguindo esta introdução, o primeiro capítulo relata os caminhos percorridos na realização desta pesquisa e quem são os sujeitos que fizeram parte. O segundo procura explorar o conceito de *geração* e discutir que relação se constitui nesse processo entre uma pré-profissionalização e um profissional que já atua há anos nessa carreira. O terceiro capítulo expõe e discute que prática foi desenvolvida por cada estagiária e quais contribuições elas consideram que tal experiência trouxe para sua formação como docente. Revela as experiências vivenciadas no estágio, buscando evidenciar o que esse momento de pré-profissionalização baseado na relação com professoras experientes lhes proporcionou como formação. O último capítulo apresenta as considerações finais da pesquisa retomando algumas reflexões de cada capítulo, tais como o fator *geração* influencia nessa relação formativa entre professores-titulares e estagiário, as trocas e experiências, com intensidades e maneiras distintas. Além disso, sugere a continuidade da pesquisa referente o fator geração nos aspectos geração de carreira, geração social e ciclo de vida profissional.

## 1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO

A pesquisa foi realizada sob uma perspectiva qualitativa que, segundo Marli André (1995), busca os significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações e interações. O trabalho, nesse sentido, orienta-se para a apreensão e a descrição dos significados culturais dos sujeitos. No caso desta investigação, entende-se que tal caminho metodológico seja capaz de permitir o estabelecimento de relações mais dialéticas entre o que acontece nas relações intergeracionais estabelecidas entre os estagiários, docentes titulares e os referenciais teóricos eleitos para o estudo.

A coleta de dados da pesquisa realizou-se por meio de observações e de entrevistas semi-estruturadas. As entrevistas foram gravadas (mediante o consentimento dos informantes), transcritas integralmente e posteriormente devolvidas aos sujeitos de pesquisa para autorização de seu uso e possíveis complementações/correções.

Para a realização do trabalho de campo, foram escolhidas duas duplas compostas por professores dos anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano), os quais são convidados a receber estagiários do curso de Pedagogia com o propósito de estabelecerem uma relação de parceria docente com seus estagiários, alunos do primeiro semestre no 3º Ano em Licenciatura de Pedagogia de uma Universidade Pública do Estado de São Paulo. Cabe salientar que esses professores não atuam como Tutores e sim uma parceria formativa que “pretende possibilitar maior integração entre a formação inicial para o magistério e os processos contínuos de aprendizagem e desenvolvimento profissional docente” (SARTI, 2009, p.136).

Esses docentes possuem características heterogêneas, tendo apenas como critério de seleção a disponibilidade para receber os estagiários, para que esses possam vivenciar diversos aspectos que permeiam o ambiente escolar (CUNHA, 1992; SARTI, 2009).

Portanto, para realizar esta pesquisa pretendia-se, em um primeiro momento, selecionar duas profissionais na fase da “diversificação” (geralmente entre os oito e quatorze anos de carreira). Porém, após selecionar esses dois sujeitos com base em uma listagem oferecida pela Secretaria da Educação do Município, ao efetuar a



primeira entrevista com a Professora - Titular A, verificou-se que a mesma estava com 21 anos de carreira e não dez, como constava na relação. Contudo, teve-se que dar continuidade ao trabalho uma vez que as estagiárias já haviam iniciado seus estágios. Após a Secretaria de Educação do Município autorizar a entrada da pesquisadora nas escolas, foram agendados encontros com os sujeitos para a proposição da pesquisa e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE), conforme anexo cinco, bem como agendar as primeiras entrevistas e observações.

Cada sujeito escolheu o dia, horário e local para a realização das entrevistas individuais. Elas foram gravadas (mediante o consentimento dos informantes), transcritas integralmente e posteriormente devolvidas aos sujeitos de pesquisa para autorização de seu uso, possíveis complementações e correções.

Durante essa primeira etapa de entrevistas, foi possível conhecer um pouco melhor cada sujeito. A Professora A, que atua no magistério (ensino fundamental) há 21 anos, estaria, segundo classificação proposta por Huberman (1992), possivelmente no “meio da carreira”, que costuma ser uma “fase com múltiplas facetas”, na qual alguns professores se questionam sobre a monotonia da vida cotidiana e outros sentem um certo desencanto “subsequente aos fracassos das experiências ou das reformas estruturais em que as pessoas participam energicamente, que desencadeia a “crise” (HUBERMAN, 1992, p.43).

Ela foi formada no curso de magistério e no curso de Licenciatura em Pedagogia. Atualmente trabalha em uma escola localizada em um bairro periférico do município. A sala na qual ocorreram as observações era composta por 21 alunos de oito a nove anos (3º Ano) do período vespertino. Já a professora B, tem dez anos de carreira entre a Educação Infantil e Fundamental. De acordo com a proposta de Huberman, estaria em uma fase de “estabilização” profissional, marcada por um acentuado comprometimento profissional e sentimento de independência. Em sua formação passou pelo magistério, curso de Licenciatura em Pedagogia e Pós – Graduação em Psicopedagoga. Assim como a primeira professora, atualmente leciona em uma escola localizada em bairro periférico da cidade. A sala na qual ocorreram as observações era composta por 23 alunos entre seis a sete anos (1º Ano) do período matutino. As estagiárias A e B são alunas do 3º ano de Pedagogia de uma Universidade Estadual localizada em uma cidade no interior do Estado de São Paulo.

Após a realização desta primeira etapa da entrevista, iniciaram-se as observações nas datas marcadas com as Professoras. As observações ocorreram em cinco dias consecutivos. Ao encerrar as observações, foi realizada a segunda etapa das entrevistas em dia, horário e local escolhidos por cada sujeito, assim finalizou-se esse momento de coleta de dados.

Nesta pesquisa, além do tempo de experiência no magistério serão considerados outros fatores que indiquem que as professoras escolhidas estejam vivenciando determinadas fases profissionais, conforme indicado por Huberman. Além disso, as informações sobre o modo como as professoras focalizadas vivenciam atualmente o magistério foram reunidas especialmente por meio de entrevistas, atividade inicial da pesquisa e que foi realizada também no final do estágio. Já as observações fizeram-se necessárias, a fim de identificar relações e vivências que foram construídas no decorrer do estágio entre os sujeitos e também compreender melhor a importância das interferências, diálogos, conversas presentes nas relações intergeracionais (professoras e estagiárias) à formação docente.

Nesse sentido, a análise da primeira entrevista foi pautada em três aspectos centrais. O primeiro consistiu em conhecer melhor o perfil do estagiário, suas visões sobre diversos aspectos escolares que trazem com eles e suas expectativas. O segundo foi analisar o perfil do professor colaborador a fim de compreender melhor como vivencia atualmente o magistério, como ocorreu seu próprio processo de formação e suas expectativas esperadas referente ao estagiário. Já o terceiro aspecto consistiu em analisar a concepção de ambos e entender melhor a visão de cada um sobre estágio como formador e o que cada um espera da relação professor x estagiário e vice-versa.

Após esta primeira entrevista com ambos (professor e estagiário), foram realizadas observações no decorrer do estágio para identificar como essas relações estavam sendo estabelecidas. Ao final, foi realizada uma segunda entrevista para retomar à primeira e comparar o que ambos esperavam, quais os resultados obtidos, as contribuições, como ocorreram e foram estabelecidas essa relação entre duas gerações distintas, com culturas, realidades e visões de mundo diferentes. Com esses procedimentos esperou-se compreender melhor como ocorrem essas relações entre professores titulares e estagiários, como são estabelecidas e sua importância para a formação docente.

Portanto, o conjunto de dados reunidos foi analisado a partir da ideia de “relação intergeracional na docência”, tal como vem sendo trabalhada por SARTI (2009), que pressupõe atenção especial a algumas categorias, tais como: geração (MANNHEIN, 1982), identidade (DUBAR, 1997), ciclo de vida profissional docente (HUMBERMAN, 1992) e as Relações Geracionais (MUKAMURERA; TARDIF, 2004), conforme será discutido nos capítulos adiante.

## 2 RELAÇÕES INTERGERACIONAIS NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

A etimologia do termo geração, conforme o dicionário Houaiss (2009) registra, deriva do substantivo latino "generatio, onis" que está ligado ao verbo grego *γίγνησμαι* "gignomai", cujo significado é vir- a-ser, tornar- se, "nascer". Nessa mesma direção Mannheim (1982) explora o conceito enfatizando seus aspectos sociais,

o fenômeno social da "geração" não representa nada mais que um tipo particular de identidade de situação, abrangendo "grupos etários" relacionados, incrustados em um processo histórico-social (MANNHEIM, 1982, p.73).

Para esse autor, a cada geração de um "grupo etário" há uma nova vivência, logo tanto a estagiária A quanto a estagiária B estão em uma ocasião pré-profissional, momento este, propício para uma "iniciação em valores, representações, saberes e fazeres que constituem a cultura pedagógica e estruturam a prática docente cotidiana" (SARTI, 2009, p.134).

Esses saberes e práticas docentes serão transmitidos de geração a geração, sofrendo sempre novas configurações uma vez que,

Cada geração é seguida por outra- caracteriza-se principalmente pelo fato de que a criação e a acumulação de culturas nunca são realizadas pelos mesmos indivíduos em vez disso, temos o surgimento de novos grupos etários.

Isso significa, em primeiro lugar, que a nossa cultura é desenvolvida por indivíduos que entram de maneira diferente em contato com a herança acumulada (MANNHEIM, 1982, p.74).

Levando em consideração também que no magistério há uma cultura específica, que sofre influência dos diversos aspectos que permeiam os espaços escolares, conforme afirmado por Penin (1994),

Na escola, o professor é envolvido não só por essa cultura geral sendo também exposto ao que podemos chamar de cultura escolar. De fato, a escola cria ou produz, ela própria, um saber específico, considerando, de um lado, a confrontação entre os conhecimentos sistematizados disponíveis na cultura geral e de outro, aqueles menos elaborados, provenientes tanto da "lógica" institucional quanto das características da profissão como ainda da vida cotidiana escolar (PENIN, 1994, p.26).

Portanto, a Professora-Titular fará uma mediação nessa primeira inserção das estagiárias na docência. Pressupõe-se que essa relação intergeracional poderá

influenciar na construção gradativa de uma profissionalidade docente, dia após dia, durante os momentos de “exploração” do ofício, através das aberturas, diálogos e trocas nas relações geracionais (SARTI, 2009). Além desses aspectos presentes no ambiente pedagógico, levou-se em consideração a influência da fase em que cada professora se encontra, uma vez que a pesquisa de Huberman (1992) revela a existência de ciclos no decorrer da carreira docente. Esses ciclos interferem no comportamento e atitudes dependendo da fase que esse educador está. Logo, nessa direção, pretendeu-se no âmbito desta investigação reunir dados que oferecessem informações a respeito do momento profissional das professoras envolvidas.

Durante a primeira entrevista que concedeu, a professora-titular A disse estar vivenciando seu vigésimo primeiro ano de carreira docente. Possivelmente, esta professora encontra-se na fase, a qual Huberman (1992) denomina como a “fase com múltiplas facetas”, na qual alguns se questionam sobre a monotonia da vida cotidiana e para outros é o desencantamento, fazendo um balanço de sua carreira.

No caso dessa professora A podemos encontrar algumas evidências a esse respeito em um trecho de seu depoimento, quando afirma,

**ela me fez lembrar algumas coisas que já estavam esquecidas, como uma proposta que você já utilizou e não utiliza mais, e que às vezes fica esquecida.** E quando eu a vi fazendo, você vê que realmente você fazia e dava certo e que você já tinha deixado de lado, então acaba retomando algumas coisas. Então ele possibilitou ter essa troca. **Além disso, têm algumas posturas da estagiária que eu gostei, que você vê, olha desse jeito é legal, e lembrar algumas coisas que com o tempo vai deixando de lado,** esquece, e agora quando você lembra você acaba voltando a fazer, coisas que você não fazia mais (1ª Entrevista com Professora A).

Através de seu depoimento, podemos notar que a educadora se questiona sobre a monotonia da vida cotidiana docente e de suas práticas desenvolvidas em sala de aula. O contato com a estagiária possibilitou-lhe refletir e lembrar aspectos do trabalho docente que ela reconhece que já estiveram presentes em sua própria prática.

Já a professora B, revelou ter dez ano de docência, que segundo Huberman (1992), lhe possibilita estar em um momento final da fase de estabilização, marcada pelo estabelecimento de um maior comprometimento com a profissão, por um sentimento de responsabilidade e um momento decisivo nas escolhas profissionais,

aspecto esse presente na entrevista. Ao referir-se à realização de estágio durante sua própria formação, ela relata que, dentre as modalidades de ensino passadas durante o estágio, ela se identificou mais com as crianças na faixa etária da educação infantil, pois atualmente ela trabalha com o primeiro ano no período da manhã, que na verdade corresponde ao antigo pré três e no período da tarde atua no Infantil II nessa mesma instituição. Na entrevista abaixo, essa educadora relata o quão o estágio é significativo nesse primeiro contato na pré-profissionalização,

Sim, era estágio supervisionado né, era em grupos e nós fizemos estágio em escolas de educação infantil e fundamental. E a gente assistia também aula normal bem quietinho e tinha um dia apenas de regência para nos darmos aula. Mas era em grupo, o grupo pegava um tema para dar aula e cada uma falava um pedacinho, desenvolvia uma parte da atividade e a professora de didática, se eu não me engano, assistia a aula. Mas a regência foi de uma aula só ou duas, acho que foi uma na educação infantil e outra no fundamental, mas foi em grupo né, e isso foi no magistério né, aí depois eu fiz a pedagogia. **Na pedagogia aí o estágio foi mais completo, porque foi em todas as modalidades; na creche, na educação infantil, no fundamental de quinta a oitava e no ensino médio. Eu achei bem bacana, porque tem a possibilidade de estar observando a escola, o funcionamento, ver qual modalidade se identifica mais.** Tem gente, por exemplo, que não entende a educação infantil com a importância que ela tem né, eles vêem o professor da educação infantil como cuidador “a tia” e não é, eu acho que a educação infantil é a etapa mais importante da escola, porque é a base e é a fase que a criança mais desenvolve, claro que nas suas devidas proporções né. **Eu gosto muito da educação infantil e vejo como uma fase riquíssima no desenvolvimento humano mesmo né.** E aí através do estágio a gente tem a possibilidade da pessoa está observando né, teve estágio que eu fiz numa quarta série por exemplo que eu não gostei, **acho que eu prefiro trabalhar com os menores mesmo.** Então eu acho interessante fazer o estágio e ter esse contato com as áreas né, porque depois você pode optar nas modalidades quando você for iniciar a sua carreira em qual etapa você quer ficar né (2ª Entrevista com Professora A).

Como podemos perceber, o primeiro contato com o ensino por parte dessa educadora foi durante o estágio, quando ela se identificou mais com a educação infantil e agora, com dez anos de carreira, afirma que realmente gosta muito desse nível de ensino ao dizer que “eu gosto muito da educação infantil e vejo como uma fase riquíssima no desenvolvimento humano mesmo né”, portanto é possível evidenciar sua escolha decisiva na carreira docente, mais especificamente dentro da faixa etária da Educação Infantil.

Nessa mesma entrevista surge também a importância do estágio na experimentação do ofício. Segundo Huberman (1992), o primeiro contato com a docência tem a função de experimentação e de reconhecimento de si mesmo como

profissional. Mas é somente na fase da estabilidade, dos oito a dez anos de carreira, que ocorre a decisão de assumir o magistério como carreira, a qual seguir-se-á.

Portanto, como se pode notar, as duas professoras focalizadas por esta pesquisa estão vivendo fases distintas em suas carreiras profissionais, o que poderá influenciar diretamente na formação de suas respectivas estagiárias. Esse é um dos aspectos que se deve levar em consideração e que, de certa maneira, influenciará na formação, uma vez que cada professora proporcionará vivências e experiências distintas, na qual Sarti (2009) afirma,

Os professores em exercício são chamados a desempenhar o papel de **iniciadores de uma nova geração docente, algo que lhes possibilita vivenciar novas aprendizagens, ao mesmo tempo que sentimentos de valorização de seus saberes e práticas profissionais** (SARTI, 2009, p. 134, grifo nosso).

(...) vivenciar experiências significativas de socialização profissional, algo que normalmente ocorre no interior de um ambiente assim heterogêneo (SARTI, 2009, p. 137).

Seguindo na perspectiva apontada por Mannheim (1982) e Sarti (2009) em que enfatizam a riqueza que pode estar presente nas relações estabelecidas entre duas gerações profissionais docentes. Ainda sobre os aspectos envolvidos nessas relações, Sarti (2009) acrescenta,

Para além das diferenças etárias, esses professores trazem consigo modos por vezes diversos de conceber o ensino, a aprendizagem, os alunos, a escola, as relações pedagógicas, entre outros tantos fatores implicados na docência. Revelam, em maior ou menor grau, marcas das gerações de professores às quais pertencem, que se distinguem em função dos contextos históricos e sociais nos quais os sujeitos foram iniciados no magistério (SARTI, 2009, p. 139).

Diante disso, nota-se a riqueza que permeia os espaços escolares, mais especificamente, o legado nessa relação entre Professora - Titular e estagiária, que influenciará nesse processo de pré-profissionalização.

## **2.1 As expectativas iniciais nas relações estabelecidas entre professoras e estagiárias**

A palavra grega *Prosdokía* “προσδοκία”, *expectativa*, que no latim “*ex(s)pectare*” denomina “estar na expectativa de, esperar, desejar, ter esperança”

(HOUAISS, 2009, p.858). Nessa pesquisa buscou-se identificar o que cada sujeito esperava e desejava nas relações estabelecidas durante o estágio. Portanto, antes de iniciar a exposição dos dados referentes à visão de cada sujeito de pesquisa sobre as relações estabelecidas, cabe explicitar suas expectativas e sentimentos iniciais a esse respeito.

Na realização da primeira entrevista, a estagiária A explicou: “minhas expectativas foram profissionais, aprender suas experiências de sua carreira e positiva por estar ao lado de um profissional em que eu estaria construindo minha formação” e quando foi questionada sobre como esperava que fosse sua relação com sua Professora - Titular disse que,

Eu sempre esperei ter uma boa relação com a professora, devido a minha postura como estagiária, profissionalmente eu teria a certeza de uma relação de parceria. Mas a possibilidade de ter problemas nessa relação existem (1º Entrevista com Estagiária A).

Quando foi questionada se o primeiro contato com a professora correspondeu as suas expectativas, ela responde dizendo que,

Sim, a professora é uma profissional séria e comprometida com seu trabalho e com a educação. No início do estágio foi uma relação de pouca abertura, **mas eu consegui observar depois que finalizei o estágio, que é uma construção dia após dia. Mas, essa construção vai depender de você, somente do estagiário, da postura, comportamento, comprometimento, responsabilidade e as atitudes** (1º Entrevista com Estagiária A).

Nas partes grifadas dessa resposta, a estagiária revela um dado importante ao dizer que essa relação tem que ser construída ao longo do estágio e que para ter uma boa relação depende da postura tomada pelo estagiário.

Ao ser questionada também sobre como foi sua relação com a professora, disse,

Foi uma relação profissional e de parceria. Aprendi com ela como se colocar perante uma classe, posicionamento de um professor perante um aluno, o comprometimento com o trabalho, responsabilidade, como prender a atenção do aluno (2º Entrevista com Estagiária A).

Já a professora - titular A, quando é questionada sobre suas expectativas, revela não as ter, conforme descrito abaixo,



Eu não criei nenhuma expectativa assim, geralmente eu não espero né, deixo vir para ver o que acontece. Mas eu espero que ela ajude e contribuía no trabalho que eu estou desenvolvendo dentro da sala de aula e que tenha uma troca tanto para mim como para ela. É bom para nós porque elas trazem outro olhar e eu acho que é mais importante para ela ainda, sentir de perto como que é (1º Entrevista com Professora - Titular A).

Quando foi questionada sobre a relação que esperava manter com a estagiária, ela responde esperar trocas,

Ah eu sempre tive estagiária na sala, nem que fosse só para observação, eu acho que dessa forma (regência) é mais válido, tanto para a estagiária quanto para mim, porque antes quando eu recebia estagiária, elas sentam lá e depois vai embora (estágio de observação). E assim (estágio de regência) ela colabora com o meu trabalho e ela também tem uma visão melhor da sala de aula e de como é estar na sala de aula. Eu acho que tem uma troca, acho melhor trocar do que só oferecer né, apesar de ter professores que não gostam, porque às vezes tem aquela visão que estagiário vem só para observar e fazer o relatório e falar que você faz tudo errado (1º Entrevista com Professora - Titular A).

Na segunda entrevista, quando se perguntou como ocorreu essa relação, a professora responde com satisfação, dizendo que foi ótima. Enfatiza, inclusive, que essa boa relação possibilitou uma maior abertura,

Foi ótima minha relação com a estagiária, a gente se deu super bem. Eu acho que isso teve implicações com seu desenvolvimento, pois quando a gente se entende podemos caminhar mais tranquilamente, tanto o professor quanto o estagiário. Eu acho que quando há uma boa relação entre o professor e estagiário, ajuda a conhecer e a entender melhor a estrutura e a dinâmica da sala de aula (2º Entrevista com Professora - Titular A).

Nessa mesma entrevista, essa educadora foi questionada sobre as implicações de uma boa relação entre ambas as partes na realização do estágio e ela responde o seguinte,

Eu acho que sim, pois quando há boa relação, **o professor ajuda a entender melhor a dinâmica da sala de aula. Até porque para que atinja os objetivos, para que possa planejar juntos e ter um bom desenvolvimento precisa haver uma boa relação.** E tem que se entender naquilo que foi combinado, do que foi feito, **porque se eu falo A e ela fala B, o resultado do que vai fazer vai nem me satisfazer e nem a ela.** Então se você não ter uma empatia, eu acho que não funciona e **fica o fazer por fazer** (2º Entrevista com Professora - Titular A).

Nos trechos aqui sublinhados é possível notar que a professora acredita que uma boa relação é essencial e que os resultados obtidos durante o estágio sofrerão influências desta relação.

Esses mesmos questionamentos foram realizados com a dupla intergeracional B. A estagiária B, quando questionada sobre qual era a sua expectativa com relação à professora que a recebeu, fornece a seguinte resposta,

Nossa eu estava morrendo de medo, pois a gente escuta cada história de professor que não gosta de estagiário, então eu estava morrendo de medo. E quando eu vi a professora, ela tinha até cara de mal, e eu estava apreensiva, fiquei com muito medo dela, medo das dificuldades.

Pesquisadora: E porque você acha que os professores não gostam de receber os estagiários?

R: Acho que o estágio de regência faz pouco tempo que funciona e antes acredito que no magistério era só observação e então o estagiário escrevia tudo que o professor fazia e falava e nem sempre o professor tinha acesso a essas informações. E como a maioria dos professores fizeram o magistério, ficaram com a ideia que o estagiário vai para criticar, falar mal do professor (1º Entrevista com Estagiária B).

Em sua fala nota-se que esta estagiária ainda tinha uma postura e sentimentos escolares de uma aluna. A etimologia da palavra aluno “*alumnus*” vem do latim e significa discípulo, logo aluno é aquele que segue seu mestre, do latim “*magister, tri*” é aquele que dirige, ensina e que detém de artífice e experiência (HOUAISS, 2009, p.1280). Dessa forma, a estagiária necessita dos ensinamentos e das experiências de sua Professora, para que a partir deles ela possa criar uma nova postura com um olhar mais profissional. Apesar da estagiária já ter passado um bom tempo no ambiente escolar (ensino fundamental, médio e agora superior), essas experiências foram de caráter de aluno, portanto seu primeiro contato como profissional ainda não havia ocorrido, pois conforme afirma Perrenoud (2002),

Durante a infância e a adolescência, os alunos passam na escola entre vinte e cinco e trinta e cinco horas por semana, durante doze, quinze ou vinte anos. Mas na perspectiva dos adultos não se trata de um verdadeiro trabalho, não é uma autêntica vida activa. Na escola não vivemos: preparamos-nos para a vida. Na escola, não agimos: preparamos-nos para agir. De um lado está a escola, onde não se vive ainda da facto, onde nos preparamos para entrar na vida, a vida que conta, aquele em que teremos um ofício e um vencimento (PERRENOUD, 2002 [1994], p.21).

O autor em sua afirmação diz que “Na escola, não agimos: preparamo-nos para agir (...)” (PERRENOUD, 2002 [1994], p.21), revela que apesar de passarmos um tempo significativo na escola, não se tem ação e a prática do ofício, a qual lhe atribuirá um caráter profissional. Portanto, verifica-se a importância da prática e o quanto o estágio é um fator *sine qua non* à formação, pois será nessa pré-

profissionalização (espaço vivenciado no estágio) que dar – se - á início a uma postura, um modo de pensar, proceder e de se arquitetar como profissional.

É por meio da Professora que a estagiária poderá vivenciar a organização escolar, rotina, conflitos, rivalidades, hierarquização, entre outros aspectos exposto por Perrenoud (2002) ao dizer que,

A organização escolar atribuiu aulas aos professores e aos alunos, concede-lhes um espaço e recursos materiais, dá-lhes direitos e obrigações, impõe-lhes regras de condutas, modelos de referência, métodos de trabalho, normas de avaliação, horários. A organização põe a funcionar um sistema de controle sobre a conformidade das responsabilidades de cada um e prevê eventuais sanções, tanto para os professores como para os alunos. O todo é enquadrado por uma estrutura hierárquica em patamares, que se apóia cada vez mais em serviços especializados (gestão de pessoal e dos equipamentos, elaboração das didáticas e dos meios de ensino correspondente, formação dos professores) (PERRENOUD, 2002, p.32).

O autor ainda revela a existência de *habitus*, quando um profissional passa vários anos exercendo o mesmo ofício, conforme sua afirmação abaixo,

Mas tudo leva a crer que diversos anos de prática num tipo definido de organização arrastam consigo a formação de um conjunto de esquemas e acções, de pensamentos, de avaliação, de antecipação, daquilo a que se chama, em sociologia, um *habitus*. Estes esquemas, uma vez adquiridos, não se transformam facilmente de hoje para amanhã, e comandam uma parte das novas experiências do indivíduo, tanto na construção de uma imagem da realidade como nas condutas concretas que adapta em relação ao seu trabalho, aos seus colegas, à sua carreira, à sua formação, às suas filiações políticas e sindicais (PERRENOUD, 2002, p.33).

O conceito de *habitus*, do qual Perrenoud (2002) se vale para discutir a formação profissional docente, foi inicialmente proposto por Pierre Bourdieu (2009) para quem o *habitus* “é uma capacidade infinita de agregar em toda liberdade (controlada) produtos-pensamentos, percepções, expressões, acções” (BOURDIEU, 2010 [1989], p.91), os quais são construídos nas práticas, experiências adquiridas e também limitadas de acordo com o tempo e contexto sociocultural e histórico vivenciado no decorrer do ofício.

Portanto, para que as estagiárias tenham contato nos diversos aspectos do ambiente escolar é necessária uma boa relação principalmente com a Professora - Titular e também com todo o corpo escolar, proporcionando abertura e uma vivência mais intensa. E para saber essas dimensões e profundidades dessa relação entre ambas, é necessário primeiramente ter conhecimento sobre que tipo de relação foi

estabelecida e também o que se esperava dela. E para isso, ambas foram questionadas sobre suas expectativas nessa relação, em que a estagiária B revelou novamente o medo, sentimento e postura de aluna, ao dizer que,

Eu não tinha noção o que esperar dela (da professora), não tinha ideia, eu achava ela um enigma. Eu achava que ela não estava a fim de ter uma estagiária, porque na hora em que a coordenadora me apresentou, ela olhou com uma cara estanha, como se não gostasse de ter uma estagiária na sua sala e isso fez com que eu ficasse com medo.

Pesquisadora: Porque você tinha tanto medo?

É que eu ficava muito com essa coisa de aluno na cabeça e eu tinha medo da coordenadora, medo do diretor, medo da professora, eu tinha medo de tudo sabe, medo de ser castigada, aquele medo de aluno da autoridade escolar. Meu emocional tinha um medo muito grande disso, eu não sei o que acontece comigo, eu tinha muito medo. Acho que é porque eu não tinha muito contato com a escola, acho que esse medo da autoridade escolar que todo aluno tem permaneceu comigo (1º Entrevista com Estagiária B).

Observa-se nesse depoimento a influência de aspectos emocionais, impressões e contextos vivenciados por essa estagiária. Já na segunda entrevista com a mesma estagiária, nota-se que seu sentimento de medo foi superado no decorrer do estágio, como é possível perceber na resposta que forneceu na segunda parte da entrevista,

Foi boa a relação com a professora, sempre me deixou muito a vontade dentro da sala, nunca falou para eu fazer isso, ou me chamar atenção ou não faz desse jeito, não tá certo, num gosto; nunca tive esse tipo de problema com ela. Sempre me deixou muito a vontade para circular pela carteira, para ajudar as crianças, já para o final do estágio eu auxiliava na explicação. Acho que não tive nenhum problema ou atrito com ela, tive uma relação muito boa. Ela foi muito solícita dentro do que ela podia me oferecer e realmente eu não estava lá para entrar em conflito com ela. **Tudo que ela falava dentro da sala para mim era lei, porque a classe era dela, é a sala, é a aula dela, e eu to lá aprendendo. Então foi muito tranquilo. Eu já fui para o estágio com essa posição de não entrar em conflito com o professor** (2º Entrevista com Estagiária B).

Conforme o trecho sublinhado, podemos verificar que a estagiária acatava as colocações feitas pela professora, a fim de evitar conflitos e ter uma boa relação com a mesma. Mukamurera e Tardif (2004) afirmam a importância de saber se colocar como aprendiz nessa relação intergeracional e estar aberto para aprender com professores experientes.

Já o relato da Professora B sobre suas expectativas, é o seguinte,

Ah normalmente a estagiária quando vem, e como eu já conheço eu sei que tem uma parte de observação outra da regência né, **aí dependendo da estagiária interage mais com a turma outras são tímidas então fica só observando mesmo né.** Mais eu acho o legal assim que não é um dia ou dois, ela passa um período né, no qual ela pode ir se familiarizando com os alunos, ir percebendo o ritmo da classe, o modo de interferir e nos momentos oportunos ela soube estar interagindo e até participando na execução de algumas atividades e me auxiliando né, então foi bem bacana (1º Entrevista com Professora - Titular B).

No trecho sublinhado podemos notar que para a professora quando a estagiária é mais tímida, ela permanece apenas observando. Porém, nos depoimentos da estagiária podemos notar seu receio em questionar a professora, pelo fato de não querer causar algum tipo de conflito.

Na mesma entrevista, foi perguntado para essa profissional como esperava que fossem às relações entre ela e a estagiária, onde ela afirma ter gostado da postura da estagiária, conforme descrito abaixo,

Aí a gente sempre espera que seja uma boa relação né, porque é complicado, é como a casa da gente a sala de aula, a gente abre a porta para receber a pessoa, mas você não sabe quem vem, você pode receber uma pessoa muito crítica que de repente não tem uma vivência, não conhece uma sala de aula e vem assim realmente para criticar “ como falou com a criança”, “como fez a atividade”, “como é a sala”, “se eles são bagunceiros”, e no caso da estagiária que eu recebi ela trabalha já com criança, então ela sabe como que é, como funciona, então a postura dela foi bem bacana, porque quando você sai do teórico pra você participar, agir na prática, é diferente. Então acontecem situações que você tem que saber como reagir, porque não é tudo lindo, cor de rosa igual está escrito né, aí você não vai encontrar crianças numa sala cem por cento, tudo quietinho que faz tudo, então tem os conflitos né, e às vezes, um dia eu tenho ser mais dura, no outro mais flexível, mais boazinha, então é de acordo com eles. E aí de repente, um momento que eu tive que alterar meu tom de voz, aí a estagiária já fala “nossa ela gritou com a criança” aí vem uma crítica, mas essa foi uma postura que naquele momento eu tive que ter. É assim que a gente leva. De repente se é uma pessoa que vem cheia de teoria apenas, e não sabe como lidar com isso vai falar, nossa né, então o bacana é que ela tinha também uma bagagem já, porque ela trabalha com criança já (1º Entrevista com Professora - Titular B).

Durante a entrevista essa educadora explicou que quando realizou seu estágio, teve apenas um dia de regência, atividade que, inclusive, foi marcada por uma experiência desagradável,

Olha, eu me lembro assim, nós passamos por uma experiência em uma das regências que não foi assim muito agradável, pois a professora ficou muito insegura, pois tem professor que se sente intimidada com estagiário na sala né, assim não gostam mesmo, e esta, por exemplo, não fez questão de esconder o descontentamento dela com a presença da estagiária lá. Ela permitiu porque a diretora impôs, mas ela até saiu da sala e aí a gente

escolheu o tema, já que ela não deu dica nenhuma, então escolhemos o tema pra dar aula na regência e depois quando terminou ela retornou, mas foi um caso isolado assim de acontecer, embora a gente saiba que acontece bastante isso aí na rede, com a gente foi desta vez numa escola e ficou uma situação bem chata, teve outras colegas também que a professora fechou a porta e não as deixou entrar, mas o restante foi sempre assim tranquilo. Em outra modalidade da educação infantil foi bem diferente, a professora conversou, explicou como era, deu dica do que a gente podia estar trabalhando com eles, casava com o que ela estava trabalhando já, e foi bem bacana assim, mas acontece NE, de não ser bem recebida pelo professor, o professor não gostar (1º Entrevista com Professora - Titular B).

Além disso, sobre as influências de uma boa relação com a professora para o desenvolvimento de estágio, ela afirmou,

Ah sim, é fundamental ter essa boa relação com o professor, porque primeiro se o professor não quiser te receber, ele não recebe, ou se ele receber com má vontade também não vai acontecer esse desenvolvimento, porque aí vai ficar ela quietinha no fundo da sala e o professor fechado, aí não vai ter um diálogo, não vai ter uma abertura para desenvolver um trabalho, uma relação, não vai, por exemplo, tem a chance de ela interagir com a turma, **eu falo várias vezes “olha gente agora a estagiária vai ajudar”, “olha ela vai colocar isso para vocês”, até teve um dia que falei para essa estagiária “vai para a lousa”, até ela ficou assustada e disse “eu”, aí eu disse: é você. Aí ela foi, colocou o cabeçalho na lousa, e é bacana porque você só desenvolve fazendo né.** Agora se o professora já recebe com má vontade, não acontece nada né (2º Entrevista com Professora - Titular B).

Nesses depoimentos, a professora ressalta a importância de uma boa relação entre estagiária e professora, acreditando inclusive ter possibilitado a estagiária interagir com a sala durante o desenvolvimento de seu trabalho. Nesse sentido Passeti (2003) traz concepções sobre as relações utilizando o termo “privado” no âmbito individual e o termo “público” nas relações entre seus pares e explica que a amizade ocorre na união entre o privado e o público, e que é nessa relação de troca que se aperfeiçoará os costumes e relações, ao dizer que,

Na modernidade a amizade apresenta duas facetas. A privada contempla a existência de cada um, seus amigos e intimidades. A pública se volta para a permanência do Estado, suas relações amistosas com outros parceiros, guerras, ideal de paz perpétua e dúvidas constantes diante da oscilação dos inimigos. A amizade se encontra cindida entre o público e o privado, mas em cada uma destas facetas são esperados aperfeiçoamentos em busca da realização do ideal. Pouco se dá atenção para o questionamento a respeito deste ideal, formulado antes de nossa existência. Espera-se que ele permaneça após a morte de cada um de nós. É nessa adesão imediata de cada um aos costumes herdados que se afirmam e naturalizam suas continuidades, com base na crença num absoluto (...) Para manter a vida em sociedade o indivíduo precisa de um amigo especial, de trabalho, de Estado, de superiores. A amizade privada supõe relações igualitárias e horizontalizadas, independentemente da origem social dos amigos. A

amizade pública, laço que une as pessoas, grupos, povos e Estado, exige, por sua vez, aperfeiçoamento dos costumes com virtudes nos negócios, relacionamentos e governos (PASSETI, 2003, p. 09-10).

Paseti (2003) enfatiza a importância da amizade, para ter uma boa relação entre as pessoas. O termo *amizade*, do grego *philia* “φιλία”, que no latim “*amicitia*, *ae*” significa afeição, simpatia, apreço, concordância de sentimentos na relação entre duas ou mais pessoas. Uma relação de amizade garante a segurança e a confiança na trajetória do caminho do sujeito.

O autor diz também o quanto é importante saber valorizar os bons momentos presentes nessa relação, e o quanto é significativo as experiências vivenciadas nas relações ao afirmar que para ocorrer experiências nas relações é necessária a troca, mas para que esta ocorra, cada sujeito não poderá agir e vivenciar como *individuum*, algo que não se divide e sim como *dividuum*, algo que se divide e se troca. Pois “amigos são referências primárias à nossa existência. Eles chegam para ficar, partir, voltar, passar, deixando marcas e recordações” (PASSETI, 2003, p. 126), e estas recordações são geradas no movimento entre o meio interno e externo e assim por diante, possibilitando as trocas desse movimento. Dessa forma, a partir da ideia de relação de amizade (PASSETI, 2003), entende-se que para ter uma boa relação no âmbito profissional, que possibilite ter diálogos, trocas e experiências, é necessário o fator amizade entremear essas relações.

Durante a coleta de dados com os sujeitos foi possível notar que professoras titulares e estagiárias estabeleciam uma relação marcada por sentimentos de amizade, baseada nas trocas das relações profissionais. Nas entrevistas, tanto a estagiária A quanto a Professora-Titular B, relatam as trocas vividas nessa relação de “parceria formativa na docência” (SARTI, 2009), a qual possibilita uma “integração entre a formação inicial para o magistério e os processos contínuos de aprendizagem e de desenvolvimento profissional docente” (SARTI, 2009). Mukamurera e Tardif (2004), reconhecem em sua pesquisa que ser amigável e estar aberto para aprender é uma boa forma de estabelecer uma boa relação com seus pares, evidenciando a importância da amizade nas relações profissionais.

Nas entrevistas, a estagiária A relata as contribuições que obteve da Professora A e se essas foram importantes. Ressalta que essa parceria lhe proporcionou “construção, aprimoramento e experiências adquiridas”. Afirma que as trocas ocorreram em três dimensões, sendo esta dentro das relações estagiário-

professor, professor-estagiário, estagiário-alunos e alunos-estagiário. Sua Professora-Titular confirma a existência dessas dimensões, dando ênfase na dimensão estagiário-aluno, ao dizer que,

Eu acho que foi bom, **acho que a troca foi boa, pelo menos para mim foi**, gostei do trabalho, da maneira como foi conduzido, da maneira como ela envolveu as crianças. A ideia da cartola para incentivar a leitura e a escrita. Pena que o tempo é curto, porque a gente poderia ter aproveitado um pouco mais, a ideia que era tão boa. Pois a gente acaba fazendo mais superficialmente, porque o tempo é curto. Mas mesmo assim foi muito válido. **Eu acho que contribuiu mais do que para mim e para ela, foi para as crianças**, eu achei que eles guardaram muito do que ela falou, porque veio alguém de fora que passou, então acho que isso marcou muito. Então eu acho que, quem saiu mais ganhando foram as crianças. Porque quando eu comento alguma coisa durante as aulas, e esse assunto está relacionado com o que ela trabalhou com eles, eles dizem “é como a estagiária A falou né professora”. Eles gostaram muito do trabalho que ela desenvolveu (2ª Entrevista com Professora - Titular A).

Diante desses dados reunidos por meio das entrevistas, é possível perceber que ambas as professoras e suas respectivas estagiárias consideram ter uma boa relação e acreditam que essa relação influencia grande parte do desenvolvimento do estágio. Cabe considerar, no entanto, que esse espaço vivenciado pelas duas estagiárias foi cedido pelas professoras, não sendo previsto na legislação, que afirma apenas a obrigatoriedade de execução de uma carga horária mínima e oferece indicações muito gerais para a realização do estágio.

Os dados mostram também que, para as entrevistadas, uma boa relação no estágio depende significativamente de um esforço por parte do estagiário (suas posturas). Esforço que é esperado pelas professoras que, durante a primeira etapa da entrevista, enfatizaram a importância de uma boa relação para obter bons resultados e atingir objetivos na realização do estágio.

Além disso, nos dados foi possível evidenciar algumas dificuldades que apareceram no decorrer do estágio, já que as duas estagiárias não tiveram o espaço de atuação que esperavam ter. A esse respeito, Mukamurera e Tardif (2004) mostram algumas dificuldades encontradas na pesquisa que realizaram, indicando pouca abertura dos profissionais experientes aos que estavam iniciando a carreira.

Portanto, nota-se que essa pouca abertura ocorre em outros espaços e também o papel importante da atuação da Professora-Titular nessa formação inicial, para abrir caminhos e possibilitar vivências que permeiam o dia-a-dia da carreira docente, que segundo Cunha (1992) é necessário ter contato com “a realidade da



vida cotidiana” (CUNHA, 1992, p.36) na construção dos saberes docentes. O autor explica que a vida cotidiana sofre interferências “pela conjuntura social e cultural onde se desenvolve” (CUNHA, 1992, p.36) e que isso enriquece e contribui para “uma heterogeneidade na vida cotidiana do professor manifestada pelas incongruências, saberes, práticas contraditórias e ações aparentemente inconsequentes” (CUNHA, 1992, p.39) e enfatiza a riqueza que há nessa heterogeneidade presente na atuação da docência.

### 3 AS OBSERVAÇÕES REALIZADAS EM CAMPO SOBRE AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS ESTABELECIDAS NO ESTÁGIO DE PRÁTICA DE ENSINO

A etimologia da palavra prática, a qual tem sua origem grega Práxis (πράξις), refere-se à atividade humana em sociedade e na natureza. Conforme o dicionário da Academia Brasileira de Letras (2008) traz a concepção de que é “[...] experiência adquirida através de ação [...]”. Vários autores (HUBERMAN, 1992; PIMENTA; LIMA, 2010; TARDIF, 2010) destacam a importância da prática durante o início da carreira profissional, a qual possibilitará contato direto com as vivências, possibilitando um processo de re-significação destas, que por sua vez far-se-ão parte desse movimento de modelação e construção da identidade docente (DUBAR, 1997).

Portanto, para explorar esses aspectos foram realizadas cinco observações de duas duplas intergeracionais, que tiveram experiências distintas, propiciadas pelas suas respectivas Professoras.

Antes de iniciar as observações ambas estagiárias foram questionadas sobre a importância da realização do estágio no curso de Pedagogia e a estagiária A respondeu que “a prática nos leva ao aprofundamento da teoria. E as experiências vivenciadas em nossa prática, servirão para a construção de nossa formação” já a estagiária B diz acreditar que o estágio seja importante, pois “a maior parte das pessoas na minha sala, não fez o magistério e não teve o contato com a escola, com o dar aula, com sistema político da escola, eu acho muito importante para ter noção, para quando chegar lá, ter uma ideia de como será. Eu acho até que poderia ter mais tempo de estágio”, portanto pelas respostas ambas acreditam que a prática é formativa.

Nas cinco observações efetuadas, foi possível notar que nas interações entre a Professora – Titular B e a estagiária B, a educadora deu mais ênfase em explicar à sua aprendiz quais eram as atividades, como as aplicava, os resultados e como classificava o nível, no qual se encontrava cada aluno.

Uma amostra de como eram feitas essas explicações, pode ser conferida pelos registros das observações realizadas no mês de junho no ano de dois mil e doze,

[...] a professora dialogou com a estagiária sobre o desenvolvimento das crianças, mostrou quem já está quase alfabetizado e por que já está nesse

nível, portanto, mostrou e explicou o desenvolvimento dos alunos na escrita [...] (1ª Observação – 05/06/2012).

[...] Durante este espaço, em que a professora aguardava os alunos efetuar a cópia do acróstico, aproveitou para mostrar à estagiária algumas atividades de escrita realizadas pelos alunos. Conforme ela mostrava, comentava em que nível de escrita eles se encontravam e quais eram os indicadores de cada nível, além disso, mostrou as atividades adaptadas que são passadas para um aluno que entrou no mês de abril e encontrava-se bem atrasado em comparação aos outros alunos da sala, pois ainda não reconhece todas as letras do alfabeto e não sabe escrever seu nome [...] (5ª Observação – 19/06/2012).

[...] Quando a professora terminou de colar a tarefa no caderno dos alunos, chamou a estagiária para mostrar o caderno de um dos alunos, e enquanto ela mostrava, dizia à aprendiz, “olha como ele evoluiu da última atividade para esta”, “ele já consegue escrever algumas palavras sozinho” e a estagiária diz, “nossa é verdade”, “como eles evoluem rápido” [...] (5ª Observação – 19/06/2012).

Na entrevista a estagiária confirma que a educadora dialogava bastante sobre o desenvolvimento dos alunos nas atividades, conforme relato abaixo,

A professora sempre me explica como iria aplicar a atividade e qual seria o objetivo de cada uma. Explica também que cada aluno tem um ritmo diferente, e que ela passa as atividades conforme eles vão terminando. Toda terça-feira, no horário HTPI que durava cinquenta minutos a professora me explicava o porquê de cada atividade, como aplicar, como seria melhor, objetivo das atividades. Isso foi bom, pois eu não tinha noção como passar as atividades e como elas (as crianças) avançam rápido (1ª Entrevista com Estagiária B).

Além de explicar sobre as atividades, dialogava e apresentava alguns conflitos e situações que ela vivenciava no dia-a-dia de seu ofício na docência,

[...] Durante esse horário, a professora contou para a estagiária os acontecimentos referentes aos dias que ela não está na escola, tanto dos alunos da manhã como os da tarde, pois esta educadora trabalha nos dois períodos nesta escola, sendo no período da manhã com o primeiro ano (faixa etária de 6 a 7 anos) e no período da tarde com Infantil II (faixa etária de 5 a 6 anos). A professora disse à estagiária o quão é importante a interação entre a família da criança e a escola, além disso, expôs para ela a influência da estrutura familiar no comportamento dos alunos. Contou sobre um aluno que tem o pai preso, porém ele tem estrutura, pois a mãe cobra disciplina desta criança e a realização das tarefas de casa. Já outro aluno tem os dois pais presentes, porém, eles não cobram dele a lição de casa, deixam a criança “largada”. Informou a aprendiz sobre a reforma da escola que está atrasada e que ela (escola) está precisando muito desta reforma, devido as rachaduras e pelo fato do muro ser baixo (5ª Observação – 19/06/2012).

Como se pode perceber essa educadora tinha a preocupação em passar os ensinamentos de sua prática através de diálogos e explicações das atividades,

porém não houve a realização das atividades por parte da estagiária no decorrer do estágio. As observações realizadas revelam que a estagiária tinha um papel de auxiliar de classe, pois quem programava, explicava e aplicava as atividades era a Professora – Titular. Dessa forma, a estagiária permanecia observando e a auxiliava apenas quando ela ou algum aluno a solicitava, caso contrário, apenas observava, conforme dados coletados na primeira observação relatada abaixo,

No dia cinco de junho no ano de dois mil e doze, foi observado no período da manhã, uma sala do 1º Ano da escola, na qual a **Estagiária B** estará desenvolvendo seu estágio com a **Professora – Titular B**.

Neste dia eles têm uma aula de Educação Física e durante esse tempo de HTPI, **a professora passou para a estagiária recortar o E.V.A. em vários quadrados pequenos, para utilizá-los em uma atividade com os alunos.** Além de ajudar a professora, ela tirou foto dos cadernos das crianças e a professora dialogou com a estagiária sobre o desenvolvimento das crianças, mostrou quem já está quase alfabetizado e por que já está nesse nível, portanto, mostrou e explicou o desenvolvimento dos alunos na escrita.

Enquanto a estagiária estava riscando e cortando o E.V.A., a educadora saiu da sala para pegar a música da festa junina, e ensaiar com os alunos posteriormente.

Ao terminar a Educação Física as crianças foram ensaiar para a festa junina com outras duas salas e durante todo o ensaio a estagiária permaneceu o tempo todo apenas observando. Durante esse momento, observou como os alunos eram ensaiados, como a educadora fazia para que eles se concentrassem e interagissem com o ensaio. Além de observar, ela olhou os alunos que não queriam ensaiar e chamava a atenção quando eles corriam pelo espaço fora da quadra. Ao retornarem à sala de aula (8h40), **a professora entregou os cadernos de matemática para trabalhar com os numerais. Os alunos sentam-se em duplas e a educadora fez o cabeçalho contendo o dia, mês, ano, nome da cidade, nome da escola, nome da educadora e o ano escolar em que esta sala se encontra. Em seguida, contou junto com os alunos de 1 a 10, com os dedos das mãos. Enquanto isso, a estagiária apenas ficou sentada em sua cadeira ao lado da mesa da professora, apenas observando o trabalho desenvolvido por ela.**

Nessa aula, explicou o conceito de unidade relacionando o número 2 com 2 unidades e assim por diante, até chegar ao 9 e depois acrescentou mais uma unidade para chegar ao 10, assim construindo o conceito de dezenas com os alunos. Assim que ela apresentou o número 10 aos alunos, fez o seguinte questionamento, “será que os números têm fim?”, e as crianças disseram, “acho que não”. Logo na sequência contou uma estória sobre os homens das cavernas, na qual disse aos educandos que os homens das cavernas quando contavam faziam os grupinhos de 10 em 10.

Ao término do diálogo, contou de 10 em 10, onde cada dedo de sua mão valia 10, então contou 10, 20, 30 até chegar ao 100, e quando chegou no 100 explicou que eles iriam aprender as dezenas que são os grupos de 10.

Quando chegou a hora do intervalo às 9h, a estagiária permaneceu na sala dos professores observando o diálogo entre eles, o qual consistia em alunos que faltam por motivos de problemas na estrutura familiar. Discutiram também sobre os problemas na relação dos pais, professores e alunos, como por exemplo, pais que cobram dos educadores que olhem e cuidem dos materiais dos alunos, pois quando desaparece o lápis do educando há pais que colocam o professor como responsável pelos materiais, e tiram satisfação por que o lápis sumiu.

Ao término do intervalo às 9h20, retornaram à sala, onde cada criança levou até à mesa da Professora-Titular seu caderno de matemática, para ela colar uma folha A4 com atividades. **Nesse momento, a estagiária passa pela sala tirando dúvidas e pede que os alunos em pé, sentem-se.**

Assim que a educadora termina de colar a atividade no caderno de todos, ela lê, explica, e realiza a atividade junto com os alunos.

**Ao finalizar a atividade, a educadora passou colando no caderno dos alunos um quadrado, o qual a estagiária recortou no início da aula.**

**Logo que todos haviam colado o pequeno quadrado no caderno, solicitou que eles escrevessem na frente deste quadrado a palavra uma unidade. Nesse momento, a estagiária perguntou à ela se precisaria de ajuda e a educadora disse que ela poderia passar nas carteiras para colar uma dezena,** que seria na verdade um bloco com 10 unidades feito também de E.V.A.

**Assim que a estagiária colou em todos os cadernos, a Professora - Titular explicou na lousa e contou com a sala, quantas unidades existem em um bloco, o qual havia 10 unidades que é uma dezena.** Em seguida, a educadora passou de carteira em carteira olhando quem fez a lição e como fez.

Ao terminar de olhar os cadernos, voltou à lousa e explicou novamente os grupinhos de 10, e perguntou aos educandos quanto é uma dezena mais uma dezena, e eles responderam corretamente, ao dizer que seria vinte o resultado.

Após explicar na lousa através de desenhos o conceito de unidade e dezena, a profissional pegou o material dourado e falou como os alunos deveriam trabalhar. **Na sequência, pediu à estagiária distribuir o material, e quando ela terminou, sentou-se em sua cadeira e quem interagiu com os alunos foi a professora. Já a estagiária só interagiu com os alunos quando eles a chamavam para tirar dúvidas.**

Durante a explicação, a educadora solicitou que eles formassem com as unidades do material dourado, uma barra com 10 unidades, e as unidades que sobrassem eles deveriam colocar do lado. Assim que eles acabaram essa tarefa, a educadora disse que ela e a estagiária iriam passar de mesa em mesa para trocar as 10 unidades por uma dezena que corresponde a uma barra.

Após trocar as dez unidades por uma dezena, a educadora fez a seguinte pergunta, “quanto é uma barra mais uma unidade?” e obteve a seguinte resposta, “onze”. Em seguida, solicitou que eles contassem quanto cada um tinha de material dourado em sua mesa, pois cada um estava com quantidades distintas desse material.

**Nesse momento, tanto a educadora quanto a estagiária passaram perguntando para cada aluno qual era a quantidade de material dourado que eles tinham.**

**Conforme a estagiária perguntava, eles respondiam e ela verificava se a resposta estava correta, porém houve uma aluna que respondeu errado, pois a estagiária quando perguntou quanto ela tinha desse material ela respondeu seis, então a estagiária perguntou se ela tinha certeza, e ela ficou em silêncio, então a aprendiz questionou a aluna dizendo “quanto vale essa barra?” e ela respondeu “dez” e a aprendiz perguntou “quantas unidades você tem?”, e logo a criança disse “seis”, então a estagiária disse, “vamos somar? quando é dez mais seis?”, e a aluna conseguiu responder corretamente ao dizer que o resultado seria dezesseis.**

Durante o momento, no qual a estagiária auxilia essa aluna, a Professora - Titular também passava nas carteiras e enquanto os alunos aguardavam uma das duas passar em suas carteiras, no decorrer desse tempo “ócio” eles conversavam, andava pela sala e a educadora diante desta situação gritou dizendo, “pode cada um ir sentar no seu lugar, vocês pensam que estão onde?”.

Ao passar em todas as carteiras, a educadora voltou à lousa, desenhou uma barra mais duas unidades e logo abaixo desenhou outra barra e mais três unidades e assim que terminou de desenhar, pediu para eles tentarem responder sozinhos.

**Conforme eles foram terminando a tarefa, a professora e a estagiária passaram recolhendo o material dourado**, e em seguida a educadora passou olhando os cadernos e escreveu na lousa mais dois exercícios similares a esses.

Durante o tempo que foi deixado para eles executarem a tarefa, houve alguns alunos que foram à mesa do outro amigo para conversar, e a aprendiz levantou de sua cadeira para chamar a atenção e pedir que retornassem aos seus lugares.

Enquanto a professora colava a tarefa de casa no caderno dos alunos, eles corriam pela sala, empurravam o amigo, formavam grupos de três alunos e ficavam conversando, e a professora vendo tal situação gritava para chamar a atenção, mas resolvia apenas no momento, porque logo eles voltavam a correr pela sala. A estagiária também tentava chamar a atenção deles, mas não resolvia.

Ao chegar próximo ao horário da saída, a professora pede para que eles se sentem para esperar seus pais, pois faltavam cinco minutos para o horário da saída, às 11h20 (1ª Observação – 05/06/2012).

Como se pode notar, todas as partes da observação que estão em negrito possibilitam perceber as interações da estagiária durante seu estágio de regência. É possível constatar que a Professora - Titular propiciava apenas momentos de auxílio dentro da sala de aula, na aplicação das atividades que a educadora preparava. A aprendiz teve oportunidade de explicar as atividades apenas aos alunos com dúvidas, portanto, a maior parte de seu estágio de regência a professora não propiciou que ela estivesse em contato com o planejamento das aulas, a aplicação desse planejamento e nem a explicação com todos da sala, uma vez que ela apenas tirava as dúvidas dos alunos.

Durante a entrevista com a Estagiária B, ao perguntar se ela havia atingido seus objetivos durante o estágio ela responde que,

Sim e não, quando eu entrei eu tinha um objetivo e durante o estágio eu criei outros objetivos, porque eu vi que aquele que no começo eu ia seguir não ia dar certo. Eu pretendia ter dado mais aulas, um contato maior com o planejamento, mas enfim, aí eu tentei aprender o máximo possível, passava nas carteiras das crianças para ver as lições e tirar as dúvidas e foi isso (2ª Entrevista com Estagiária B).

Como podemos perceber neste relato, há um descontentamento da estagiária B pela pouca abertura que ocorreu durante o estágio. Além disso, ao ser perguntado na entrevista como foi o desenvolvimento do estágio foi relatado que,

A maior parte do tempo foi mais auxílio da aula dela, então quando ela ficava apertada com o programa largava eu com as crianças com a

atividade, então eu acompanhava as crianças durante a atividade e ela ficava lá fazendo outra coisa que ela precisava, a maior parte do tempo era assim, quem explicava as coisas das atividades era ela e eu acompanhava o andamento (2ª Entrevista com Estagiária B).

Logo, podemos verificar que realmente foi um estágio, no qual a estagiária foi delegada a função de auxiliar pela sua Professora - Titular, que propiciou uma prática por meio de auxílios.

Durante a entrevista realizada com a Professora - Titular B, quando foi questionada sobre suas expectativas em receber uma estagiária, ela responde que,

Ah normalmente a estagiária quando vem, e como eu já conheço eu sei que tem uma parte de observação outra da regência né, **aí dependendo da estagiária interage mais com a turma outras são tímidas então fica só observando mesmo né.** Mais eu acho legal assim que não é um dia ou dois, ela passa um período né, no qual ela pode ir se familiarizando com os alunos e percebendo o ritmo da classe, o modo de interferir **e nos momentos oportuno ela soube está interagindo e até participando na execução de algumas atividades e me auxiliando né,** então foi bem bacana (1ª Entrevista com Professora - Titular B).

Como se pode notar pela fala em negrito desta profissional, quando uma estagiária é mais tímida tem por consequência um foco maior em observação, porém, disse que nos “momentos oportunos” a estagiária soube interagir com a sala, todavia, as observações revelam que esses “momentos oportunos” eram quando a professora solicitava o auxílio da estagiária.

Já na segunda entrevista com essa mesma profissional, ao ser indagada, se acredita que a aprendiz atingiu os objetivos, responde da seguinte maneira,

A eu acredito que sim, pois ela passou um bom período aqui com a gente, **ela pode observar a parte de conteúdos que foram trabalhados nas áreas,** pôde acompanhar um desenvolvimento de um projeto, até ela já veio perguntar quando vai ser a finalização do projeto porque eles vão fazer a colheita do feijão. E também ela pôde participar do ensaio da festa junina, **observou a educação física,** conversou com a professora da sala de recursos, **observou alguns conflitos que surgem na sala de aula relativo ao comportamento, observou também alguns avanços cognitivos. Então eu acho que deu para ela observar bastante coisa.** A reunião de pais ela também acompanhou (2ª Entrevista com Professora - Titular B).

Através das falas sublinhadas, nota-se a frequência e a ênfase na utilização da palavra “observou”. Além disso, nesta mesma entrevista quando foi questionada de como ela acredita que seja construída a identidade docente e quais fatores ela entenda que influencie nesta construção, nos diz que “Eu acho que primeiro é

através dos estudos, **e depois é através da observação mesmo né, você vai observar** e vai montando uma ideia de como ocorre as situações na sala de aula [...]", portanto tanto na primeira quanto na segunda entrevista, verifica-se o quão esta profissional atribuiu a importância da observação na prática docente, porém Pimenta e Lima (2010) alerta para ter cuidado da "prática imitação de modelo" uma vez que,

O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer "algo" ou "ação". **A profissão docente também é prático.** E o modo de aprender a profissão, **conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação,** imitação, reprodução e, às vezes, reelaboração dos modelos existentes na prática consagrados como bons (PIMENTA; LIMA, p.35, 2010, grifo nosso).

Essa afirmação de Pimenta e Lima pode ser evidenciada na entrevista com a estagiária ao relatar que,

[...] Acabei também incorporando algumas coisas dessa relação entre o professor e o aluno, da forma como se dirigir ao aluno e dar até broncas, pois é mais fácil e funcional. Adquirir algumas formas da professora lidar com os alunos por ser fácil e dar certo, como dar broncas nos alunos, modo de conversar, incentivar, coisas que deram certo e que uso no meu dia-a-dia em uma ONG que comecei a trabalhar em fevereiro deste ano. Nessa ONG eu fico com 20 alunos com a idade de 6 a 10 anos. A situação sócio-econômica dos alunos é precária. No começo eu não conseguia controlar a sala, pois eles são violentos entre eles, saem da sala sem pedir e correm de mim. Agora estou aplicando na ONG algumas vivências do estágio. Agora eles melhoraram o comportamento e até pedem para sair da sala. O estágio possibilitou eu mudar o modo de como lidar com eles, até a posição corporal acaba ajudando, como o modo de se impor e de se posicionar na sala, gestos e a forma de explicar. Incorporei da professora do estágio a forma de me impor para a sala como autoridade na sala de aula. O estágio me fez entender algumas coisas sobre as crianças, como por exemplo, que elas não vão ficar sentadas do jeito que eu quero. Eu achava que as crianças da ONG eram crianças problemas, porém o estágio me fez entender que as crianças dessa faixa etária são agitadas e entendi que o problema não está comigo e nem nas crianças. Possibilitou entender algumas atividades apropriadas para essa faixa etária, pois eu não tinha ideia de como trabalhar com as crianças dessa idade. Pois antes levava atividades mais complexas para as crianças e eles não faziam. Agora, depois do estágio consegui entender que aquelas atividades eram complexas e por isso as crianças não faziam. Agora seleciono mais as atividades e eles estão fazendo (1ª Entrevista com Estagiária B).

Além disso, Dubar (1997) ressalta a importância da prática na construção da identidade na formação inicial, na qual faz a seguinte afirmação "[...] a identidade para si, se forjou na aprendizagem *in loco*, na aprendizagem direta do trabalho ("aprende-se olhando e tocando"), na aquisição de saberes práticos na experiência



direta das tarefas a realizar [...]” (DUBAR, 1997, p.257, grifo do autor). Portanto, é significativo a ação e interação com o contato no real, pois é a partir dele que formará a experiência, conforme proposto por Mannheim (1992),

A consciência humana, estruturalmente falando, caracteriza-se por uma “dialética” interna particular. Ela é de considerável importância para a formação da consciência cujas experiências produzem àquelas “primeiras impressões” e “experiências infantis” extremamente importante (...) As experiências não se acumulam no curso de uma vida através de um processo de adição ou aglomeração, mas são articuladas “dialeticamente” (MANNHEIM, 1982, p.80).

Já por meio das cinco observações efetuadas nas interações entre a Professora – Titular A e a estagiária A, foi possível notar que essa professora cedeu o espaço de uma aula a cada dia de estágio à aprendiz, que por sua vez, ela interagia com a sala apenas nos momentos de sua regência, pois nos momentos das atividades desenvolvidas durante as aulas da Professora - Titular A a estagiária A permanecia no fundo da sala observando.

Durante a segunda entrevista com a Professora - Titular A, surge o relato de uma prática geracional, onde revela ter aprendido com sua professora de estágio a utilizar dois giz em apenas uma das mãos para fazer duas linhas ao mesmo tempo e que havia passado essa prática à sua descendente profissional, conforme relato abaixo,

(...) Eu acho que tudo a gente aprende, até hoje as crianças admiram eu fazendo as linhas na lousa usando dois giz né, e que **eu aprendi no estágio com a professora, assistindo a aula dela. E agora a estagiária também aprendeu a fazer as linhas dessa maneira** (2ª Entrevista com Professora - Titular A)

Quanto às observações, pode-se verificar através da amostra abaixo, de como eram feitas a regência da estagiária A, conforme descrito abaixo,

No dia vinte oito de maio no ano de dois mil e doze, foi observado no período da tarde, uma sala do 3º Ano da escola na qual a **Estagiária A** desenvolve seu estágio na sala de aula da **Professora – Titular A**.

Das 13h às 13h50 a professora corrigiu a lição de casa com os alunos. Das 13h50 às 14h40 é o horário de educação física, portanto este é o horário de HTPI desta professora.

A estagiária chegou à escola às 13h50, no horário do HTPI e assim que os alunos saem da sala de aula para realizar a atividade da educação física no ambiente externo, a professora auxilia a estagiária organizar a sala para a atividade que será desenvolvida com os educandos. Em seguida a educadora busca o projetor e ajuda a estagiária a montá-lo dentro da sala.

Assim que finalizam a montagem, a estagiária testa o equipamento, enquanto a professora apenas observa. Durante o teste, notaram que o computador da escola não conseguiu ler o arquivo do vídeo, então a estagiária passou o vídeo direto da internet. Logo que acessa o site, assiste ao vídeo junto com a professora e pergunta se ela achou que ele abordou o tema da virtude que trabalharia nesta aula e a professora responde que gostou bastante e que ela poderia passá-lo à sala.

Na sequência, chegam os alunos e a educadora solicita que todos sentem para que a estagiária possa iniciar a aula. Logo em seguida, a professora sentou-se no fundo para assistir ao vídeo, e a estagiária saiu do fundo da sala e se dirigiu à frente para assumir a sala. Assim que ela assumiu, disse boa tarde a todos e informou que nesta data eles estariam aprendendo uma nova virtude, e ao dizer isso vários alunos perguntou qual seria essa nova virtude, e ela responde que teriam que descobrir através do vídeo que seria passado.

Conforme era passado o vídeo, a estagiária interagia com os alunos, questionando-os sobre o que estava acontecendo de uma cena para a outra. Ao término do vídeo, ela solicitou que cada um levantasse a sua mão para falar, e questionou sobre o que eles haviam entendido.

Durante esse momento, vários alunos levantaram a mão e disseram ter presenciado a união em várias cenas do vídeo. Após o diálogo e questionamentos sobre as cenas do vídeo apresentado, ela disse que seria trabalhado com a virtude da *união* e *cooperação* e solicitou que cada aluno escrevesse o que eles entendem sobre União e Cooperação. Um aluno perguntou se poderia desenhar, e a estagiária disse que sim, desde que fique claro.

Enquanto os alunos realizavam a atividade solicitada, ela, estagiária passava pela sala olhando os alunos desenvolvendo a atividade e tirando dúvidas. Conforme eles finalizavam a tarefa, era solicitado para que fossem até à frente da sala, colocasse a cartola e lesse o que havia feito. O primeiro aluno ao ler, disse que para ele união é “se unir e nunca deixar alguém para trás” e cooperação é “ajudar os colegas”.

Durante a realização desta tarefa, foi possível observar que há uma aluna que se senta de frente com a mesa da professora, devido ter grande dificuldade com a escrita. Nessa atividade, a aluna necessitou do auxílio da professora na hora da escrita e como a professora estava sentada em sua mesa, logo, foi ela quem acompanhou a aluna em seu desenvolvimento nessa tarefa, enquanto a estagiária auxiliava o resto da sala.

Assim que todos haviam finalizado a tarefa, a estagiária solicitou a todos que tragam na próxima aula exemplos de união e cooperação. Em seguida pede para que os alunos do nº 5 e nº 15 da chamada, recolham a atividade realizada. Enquanto esses dois alunos estão recolhendo, a professora - titular da sala pergunta: “todos vocês colocaram o nome na folha? Pois os alunos que estão recolhendo não vão ficar conferindo”. Logo que a educadora terminou de falar, vários alunos pediram a ela se poderiam ver novamente o vídeo, e assim foi feito, a estagiária passou novamente o vídeo e outros que abordava a mesma temática, a qual estava sendo trabalhada nesta aula.

Enquanto ela passava o vídeo, houve um educando que pediu para assistir um vídeo de Tom & Jerry e a estagiária perguntou a todos, o que eles estavam trabalhando nesta aula e se este vídeo abordava o assunto, e a maioria respondeu que não. Após esse breve diálogo, foi passado um vídeo, o qual mostrava que a força das formigas estava na união que elas tinham. Ao terminar esse, assistiu outro que mostrava o trabalho em equipe dentro da dança, a qual dependia da união e cooperação de todos ali presentes. Conforme a estagiária passava os vídeos, ela dialogava e questionava aos alunos sobre o assunto tratado, perguntando “o que fala esse vídeo?”, “porque aconteceu isso?”, “porque a união foi importante?”, instigando os educandos a refletir sobre o conteúdo tratado.

Assim que terminou de passar os vídeos, perguntou a eles, porque se dever ter união, e uma das alunas disse que: “tem que ter união, porque senão estraga a coreografia”, nesta fala da aluna, pôde-se observar que ela deu como exemplo um dos vídeos assistidos.

Após esse diálogo com todos, foi passado por último um vídeo que mostra a falta de responsabilidade e a importância da união para sanar esse problema. Ao finalizá-lo, vários alunos falaram o que haviam entendido e saíram para o intervalo.

Ao retornar, a professora liberou os alunos aos poucos para escovar os dentes e enquanto isso a estagiária desligou o computador e retirou o projetor da sala.

Assim que todos retornaram à sala de aula, a professora assumiu a sala e solicitou com que todos abrissem o livro de geografia, e realizou a correção oral de exercícios passados na aula anterior. Durante a correção uma aluna perguntou o que significava a palavra nômade, palavra esta que estava presente em uma das questões. A professora explicou sobre povos nômades e conforme ela explicava os alunos faziam várias perguntas.

Ao terminar a correção, ela entregou uma atividade em folha A4 que seria a lição de casa, explicou como eles deveriam realizá-la. Ao terminar de explicar, pediu para que eles falassem como deviam realizá-la, assim verificando se os alunos entenderam como deveriam executar a tarefa.

**Durante todo esse tempo, a estagiária ficou sentada no fundo da sala de aula, apenas observando.** Após explicar a lição de casa, pediu para que abrissem o caderno de matemática e passou a tarefa na lousa para os alunos copiá-las. Ao terminar de passá-las, solicitou a atenção de todos para explicar como deveriam realizá-las. A atividade consistia em números da classe da dezena e centena, na qual eles deveriam escrever por extenso a denominação nominal destes números.

Conforme os alunos acabavam a tarefa proposta, a professora passava mais atividades na lousa.

Durante a realização da atividade, um aluno ficou com dificuldade e a professora utilizou-se do material dourado para explicar através do concreto, o que o aluno não estava conseguindo entender.

Assim que todos terminaram, ela corrigiu na lousa junto com eles. Após a correção, eles guardaram seus materiais e cantaram parabéns para uma aluna que estava completando mais um ano de vida nesta data. Depois de parabenizá-la, alguns alunos pegaram do suporte de revista que situa-se dentro da sala de aula, revistas e gibis, para ler enquanto aguardavam seus pais.

**Nesse momento, a professora se dirige ao fundo da sala em direção da estagiária para conversar sobre a atividade proposta nesta data e também ter ciência sobre os materiais que serão utilizados na próxima aula (segunda- feira).**

Como estava próximo do horário de saída dos alunos, logo os pais chegaram para buscá-los. Nesse momento observou-se pais que perguntavam sobre o desempenho escolar de seus filhos e o comportamento da criança, outros apenas buscavam os filhos (2ª Observação – 28/05/2012).

Conforme foi sublinhado no relato das observações, pode-se verificar que logo que a estagiária finaliza sua atividade, não há mais interação com a sala, passando assim apenas a observar o trabalho realizado pela sua Professora - Titular A. Além disso, no penúltimo parágrafo desta observação podemos notar que a professora dialoga com a estagiária, porém apenas sobre as atividades que ela

(estagiária) desenvolve e em nenhum momento a Professora - Titular dialoga ou mostra para ela sobre as atividades que vem desenvolvendo com a sala.

Durante a entrevista com a estagiária A, ao ser perguntado sobre como foi combinada a regência, ela disse o seguinte,

A Professora da disciplina de estágio falou que existe a possibilidade do professor ceder a aula dele, depende do professor, pois o professor tem autonomia de ceder ou não, então cabe ao professor. Existem outras informações que eu tive das minhas colegas que o professor não se desfaz, pois bem, se o professor tem essa disponibilidade de ceder um espaço é crédito seu, mas nem todos têm. Eu só tive um estágio de observação, depois os outros eu fiz as ações sempre no período depois do HTPI até antes do intervalo, são cinquenta minutos, uma aula (2ª Entrevista com Estagiária B).

Portanto, com esse relato da estagiária, é possível verificar que cabe ao aprendiz saber se colocar como iniciante nesse ambiente e conquistar um espaço de abertura a cada dia presente. Já o professor tem direito e autonomia de querer ou não ceder esse espaço, logo a aprendiz terá que aos poucos lapidar essa relação, assim possibilitando uma abertura maior, diálogos, trocas e uma parceria nesse processo de aprendizagem durante esse primeiro contato *in loco* com a profissão.

Esse contato *in loco*, na sala de aula, permite as estagiárias vivências, experiências e saberes que permeiam o dia-a-dia do ofício docente. O autor Perrenoud (2002) afirma as riquezas presentes no contexto escolar ao dizer,

Em qualquer escola existe uma vida relacional muito rica e diversificada entre alunos ou entre estes e os adultos. Raiva, amor, desejo, inveja, admiração, devoção, submissão, apatia, entusiasmo, alegria, prazer, angústia, expectativa, frustração, dominação, competição, cooperação, rejeição, segregação, filiação, aprovação, isolamento, marginalidade, liderança, sexualidade, defesa do território, sentido de propriedade, legalidade e partilha: todos os componentes da vida sentimental e relacional dos adultos se encontram na escola, as atitudes, as paixões, os mecanismos de agressão e de defesa, de identificação ou de projecção que funcionam, de resto, em todas as situações (PERRENOUD, 2002, p.29).

Antes de iniciar a discussão sobre as experiências, que fizeram parte do processo de formação inicial de nossos sujeitos (Estagiária A e B), será necessário ter conhecimento da concepção da palavra *experiência*, a qual em grego vem de *Empeiría* (εμπειρία), que significa empírico "(...) que se conhece por meio da experiência e da observação (...)", conforme o dicionário da Academia Brasileira de

Letras (2008). Além disso, o autor Larrosa (2002) traz outras concepções em torno da palavra experiência, nos revelando que,

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-européia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova. Em grego há numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem: *peirô*, atravessar; *pera*, mais além; *peraô*, passar através, *perainô*, ir até o fim; *peras*, limite. Em nossas línguas há uma bela palavra que tem esse *per* grego de travessia: a palavra *peiratês*, pirata. O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o *ex* de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o *ex* de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “*ex-iste*” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente. Em alemão, experiência é *Erfahrung*, que contém o *fahren* de viajar. E do antigo alto-alemão *fara* também deriva *Gefahr*, perigo, e *gefährden*, pôr em perigo. Tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo (LARROSA, 2002, p.25).

(...) em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutamos em francês, em que a experiência é “*ce que nous arrive*”, o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. E em português, em italiano e em inglês, em que a experiência soa como “aquilo que nos acontece, nos sucede”, ou “*happentous*”, o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos. Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial (LARROSA, 2002, p.24).

Portanto nessa relação a Professora - Titular traz e dá continuidade de seu legado, de sua prática docente às suas respectivas estagiárias. Porém, cabe ressaltar que esse contato será o início de uma experiência no ambiente escolar como profissional, mas não o primeiro contato com ambiente escolar, uma vez que vem sendo vivenciado antes mesmo da escolha desta profissão, pois esses sujeitos já passaram um grande período das suas vidas no ambiente escolar, o qual permeia desde a educação básica até o ensino superior. Portanto, dentro deste estudo

ontológico da formação inicial (TARDIF, 2010), procura-se compreender a essa identidade que vem sendo construída por estas duas aprendizas, em sua fase inicial de sua carreira profissional.

De acordo com Tardif e Raymond (2000), a identidade é construída através de diferentes saberes, que envolve as experiências familiares, informais e formais, as quais compõem os saberes subjetivos dos professores.

Portanto, cada sujeito traz valores e hábitos oriundos ao longo de sua educação vivenciada. Outros autores, como Dubar (1997), explicam esta ideia indicando que os professores estão em contato com o local de trabalho muito antes de iniciar a profissão, o que faz com que desde a infância vá se construindo percepções e representações a respeito da prática docente, na qual Dubar afirma que,

A identidade humana não é dada, de uma vez por todas, no ato do nascimento: constrói-se na infância e deve reconstruir-se sempre ao longo da vida. O indivíduo nunca constrói [sua identidade] sozinho: depende tanto dos julgamentos dos outros, como das suas próprias orientações e auto-definições. [Assim] a identidade é produto de sucessivas socializações (DUBAR, 1997, p. 13).

Assim, mesmo ao passar pela graduação, essas crenças anteriores continuam a existir, sendo passivo de adaptação de acordo com o que vive quando iniciam a prática docente, portanto, a identidade vai sendo construída no decorrer da carreira e que está sujeita a sofrer diversas influências da escola, de reformas políticas, do contexto social (CIAMPA, 1998; DUBAR, 1997; TARDIF; RAYMOND, 2000). A identidade profissional não é fixa, ela está em constante evolução, desenvolvendo coletiva e individualmente. Esses movimentos entre as relações sociais e as relações intrínsecas interferem na construção da identidade, na qual Ciampa (1998) faz a seguinte afirmação,

Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Um projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida no emaranhado das relações sociais [...]. No seu conjunto as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma, por ela (CIAMPA, 1998, p.127).

Assim, o processo de criação da identidade acontece a partir da reinterpretção de experiências e de aprendizagens que se dão ao longo da vida, onde essa construção e reconstrução da identidade ocorrem em um ambiente de

incertezas, permeando o processo de socialização, onde o percurso da história de vida do indivíduo passa a ter um valor significativo, uma vez que faz parte do saber da experiência.

Conforme Nóvoa (1995), a identidade docente não é possível separar as dimensões pessoais e profissionais, eles constroem sua identidade por referência a saberes práticos e teóricos, através de um conjunto de valores entre as características pessoais e os percursos profissionais.

Dubar (1997) traz colaborações referentes a este assunto, mostrando que não basta considerar as relações pessoais e profissionais, mas que é preciso perceber que ela é também influenciada pelo contexto histórico, uma vez que o indivíduo não se encontra desassociado de seu processo histórico, contudo, cada estagiária dentro de um contexto específico vivenciado durante o estágio supervisionado nessa formação formal inicial, configurou um novo paradigma de sua identidade, a qual estará em constante transformação no decorrer de sua carreira.

Nesse início de carreira, tanto a aprendiz A como a B, estará enfrentando uma fase denominada como crítica (HUBERMAN, 1992; TARDIF, 2010), na qual esses autores revelam que há uma transição desta relação dialética entre o que era idealismo para uma colisão em contato com o real, além disso, Huberman (1992), afirma o conceito de que,

[...] um estágio de “sobrevivência” e de “descoberta”. O aspecto da “sobrevivência” traduz o que se chama vulgarmente o “o choque com o real”, a confrontação inicial com a complexidade da situação profissional: ocupa constantemente, a preocupação consigo próprio (“Estou-me a aguentar?”), a distância entre os ideais e as realidades quotidianas da sala de aula, a fragmentação do trabalho, a dificuldade em fazer face, simultaneamente, à relação pedagógica e à transmissão de conhecimentos, a oscilação entre relação demasiado íntimo e demasiado distantes, dificuldades com os alunos que problemas, com material didático inadequado, etc (HUBERMAN, 1992, p.39).

Tardif (2010), além de expor essa mesma concepção de Huberman, ressalta quão significativo é esse primeiro contato com as experiências, construídas no início do ofício, revelando que essa primeira fase traz a construção gradativa da identidade profissional na “exploração do ofício” (HUBERMAN, 1992). Segundo Tardif,

A experiência inicial vai dando progressivamente aos professores certezas em relação ao contexto de trabalho, possibilitando assim a sua integração no ambiente de trabalho, ou seja, a escola e a sala de aula. Ela vem também confirmando a sua capacidade de ensinar. Os saberes não poderiam desempenhar seu papel predominante sem um elemento

integrador, o conhecimento do eu profissional nesse ofício de relações humanas, conhecimento esse que vai dar ao professor experiente uma colocação idiossincrática. A tomada de consciência dos diferentes elementos que fundamentam a profissão e a integração na situação de trabalhos levam à construção gradual de uma identidade profissional (TARDIF, 2010, p.86).

Durante a coleta de dados por meio das observações e entrevistas foi possível verificar que ambas as aprendizes passaram por esta transição entre o que era idealizado sobre a docência para um confronto com o real vivenciado, a cada dia durante o estágio supervisionado. Cada vivência, no entanto, foi peculiar e distinta. A estagiária A, em um dia de estágio, vivenciou na realização de uma atividade intervenções da Professora - Titular A e um acidente com uma aluna. Logo, esse último acontecimento influenciou na condução da aula, conforme o trecho em negrito na observação descrita abaixo,

No dia vinte três de maio no ano de dois mil e doze, foi observado no período da tarde, uma sala do 3º Ano da escola, na qual **a Estagiária A** desenvolve seu estágio com a **Professora – Titular A**.

Durante as observações foi possível notar que das 13h às 13h50 a professora corrigiu a lição de casa com os alunos. Das 13h50 às 14h40 é o horário de educação física, portanto este é o horário de HTPI desta educadora. Assim que a professora de educação física chegou à sala de aula, permaneceram uns vinte minutos para que finalizassem a tarefa da aula passada, a qual eles desenharam em uma cartolina um jogo de basquete.

A estagiária chegou à sala às 13h50, no horário do HTPI e enquanto a professora de educação física aguardava os alunos finalizar o cartaz, a estagiária e a Professora-Titular sentam-se no fundo da sala, onde a estagiária mostra e discute sobre os resultados obtidos na atividade que foi realizada na aula passada e a atividade que irá aplicar nesta data.

Assim que as crianças terminaram o cartaz, foram expor seus trabalhos no corredor da escola e depois saíram na área externa para jogar basquete, no tempo que restou desta aula.

Assim que elas saíram, a estagiária e a professora organizaram as carteiras em forma de círculo e colocou uma cadeira no centro, uma cartola e um bastão sobre essa cadeira. Ao terminar de arrumar, pegou o caderno de lição de casa de um aluno, para mostrar à estagiária que ele havia feito a lição.

Assim que os alunos retornaram da educação física, a educadora pediu para que todos guardassem seus materiais embaixo da carteira. Em seguida, a estagiária foi até ao centro da roda e disse boa tarde a todos e perguntou quem fez a tarefa que ela havia passado na segunda-feira (aula anterior). Após alguns alunos terem levantado a mão, ela pediu para que os educandos que não haviam feito a lição contassem o porquê, porém todos permaneceram em silêncio. Diante do silêncio, solicitou para um aluno que havia realizado a lição fosse ao centro do círculo bater o bastão na cartola e falar a virtude que havia pesquisado. Assim que o aluno faz esse procedimento, a estagiária coloca a cartola sobre a cabeça dele, para que conte a virtude pesquisada. Quando o aluno terminou de falar, a estagiária perguntou quem gostaria de ir até ao centro falar sobre sua virtude, e



conforme o aluno levantava a mão manifestando sua vontade de falar, esta criança passava pelo mesmo processo descrito acima.

Durante essa atividade, era a estagiária quem conduzia os alunos e a professora ficava apenas observando e tirando foto dos alunos.

Após a fala de todos os alunos que fizeram a tarefa, a professora- titular perguntou se algum dos alunos que não haviam feito gostaria de falar algo sobre alguma virtude, porém nenhum aluno se prontificou, então ela conversou com a sala sobre a responsabilidade e comprometimento que eles devem ter, pois a atitude que alguns alunos tiveram em não fazer a lição de casa era falta de responsabilidade e de comprometimento com a estagiária.

Ao terminar esse diálogo entre a professora e alunos, a estagiária colocou a cartola na cabeça e andou em círculo, passando em cada carteira lendo um texto sobre a responsabilidade e ao finalizar perguntou o que eles haviam entendido e cada um relatou sua compreensão.

**Na sequência, ela solicitou com que todos ficassem em pé para realizarem uma atividade. Antes da execução desta, explicou que iria jogar o barbante para um aluno e que este ao pegá-lo deveria falar uma ação de responsabilidade e assim por diante até o barbante passar pelas mãos de todos.**

**Assim que ela iniciou jogando o barbante para um educando, ele quase caiu para pegá-lo, pois todos ficaram em pé atrás da carteira. Então, nesse momento a professora intervém e solicita que todos fossem para frente da carteira, assim fazendo uma roda em pé, um do lado do outro. Além disso, pediu que jogassem o barbante devagar e ter cuidado para que o barbante não machuque o amigo.**

**Apesar de a estagiária ter conduzido a atividade, a professora fez algumas intervenções, como por exemplo, quando o aluno não sabia o que dizer, ela perguntava para este, que responsabilidade você tem ou deveria ter na sua casa?**

**Durante a realização da tarefa, ocorreram alguns momentos de conversas paralelas, porém tanto a estagiária quanto a professora chamavam a atenção dos alunos.**

Assim que todos haviam participado, a aprendiz disse para que eles observem os barbantes entrelaçados e perguntou o que eles lembraram, e várias crianças disseram ter se lembrado de uma teia de aranha, então ela dialogou dizendo que todos estavam unidos pela responsabilidade, pois cada um apresentou uma atitude de responsabilidade. Além disso, perguntou o que cada um havia aprendido sobre essa virtude e quais as responsabilidades que eles devem ter com o mundo, e vários responderam que se deve reciclar para não poluir o planeta e economizar água para que ela não acabe.

Nesse momento de diálogo, tanto a estagiária quanto a professora instigou os alunos a refletir quais responsabilidades eles devem ter dentro da escola. E uma aluna disse que se deve economizar água, para não faltar e outro disse que deve separar o lixo para reciclar. Um aluno também falou que ao jogar o barbante sem machucar o colega, é uma atitude de responsabilidade e tanto a estagiária como a professora disse que o aluno estava certo e que todos devem ter responsabilidade uns com os outros, seja na sala de aula ou na hora do intervalo.

Após toda essa discussão, a professora solicitou para que todos sentassem em suas respectivas carteiras, e assim que todos se sentaram, a estagiária sentou-se no fundo da sala, ficando apenas observando e desse momento em diante a professora assumiu a sala de aula.

Assim que todos estavam acomodados em suas carteiras, solicitou para cada um pensar o que precisariam fazer e melhorar para ter responsabilidade. Um aluno disse que deve fazer a lição de casa e arrumar a cama. Outro disse que não pode esquecer de fazer a lição de casa e que deve parar de ficar muito tempo na frente do computador.

Logo que terminou o diálogo, pediu para voltar as carteiras em fileiras e nesse momento, vários alunos pediram para permanecer as carteiras como estava, em círculo, porém disse que iria usar a lousa e que deveriam colocar as carteiras em fileiras.

Assim que organizaram as carteiras, pediu que abrissem o caderno de tarefa, para que pudesse olhar antes do intervalo.

Assim que os alunos saíram para intervalo, a estagiária ficou alguns minutos conversando com eles. Durante esse momento eles pediram sugestões de brincadeiras, e perguntam se ela gostaria de brincar também.

Já a professora realizava seu intervalo na sala dos professores, onde foi possível observar que durante esse horário elas falam sobre vários assuntos, sendo eles desde o ambiente escolar até de suas vidas pessoais. Quando faltavam uns cinco minutos para finalizar o intervalo, **houve uma correria na escola, pois uma menina pertencente à sala da estagiária A, estava correndo, brincando com os amigos e caiu no chão da área externa, a qual é de cimento, onde a aluna acabou ralando todo seu rosto. A menina ao cair no chão desmaiou o que assustou alunos e funcionários da escola, que chamaram o SAMU.**

**Assim que deu o sinal do intervalo, a professora ficou com a aluna acidentada e a estagiária ficou com os alunos na sala até o horário da saída. Vários alunos entraram na sala chorando e abalados com o que havia acontecido e diante desta situação, a estagiária pegou um livro de orações dentro de sua bolsa e leu uma oração junto com a sala.**

Ao terminar a leitura, ela autorizou um aluno de cada vez ir à lousa escrever um recado à aluna acidentada, e enquanto isso acontecia, a estagiária deixou um de cada vez ir à frente da sala, colocar a cartola e ler uma oração. Durante esse momento, enquanto um aluno lia a oração, a sala toda permanecia em silêncio e prestava atenção no que estava sendo dito, e assim foi conduzida a aula até o horário da saída dos alunos.

Por volta das 16h45 a professora retornou à sala de aula e os alunos perguntaram sobre o estado de saúde da aluna e a educadora disse para todos ficarem tranquilos, pois ela estava bem, apesar de ter machucado o rosto.

Ela perguntou aos alunos o que eles fizeram durante o tempo que ela havia ficado fora da sala e os alunos explicaram que estavam lendo orações, para que a amiga se recuperasse logo do acidente. Após essa conversa, a professora solicitou que todos pegassem seus cadernos de lição de casa, e disse: “para lição de casa de hoje, vocês devem fazer uma carta para a amiga que está no hospital, dizendo que desejam que ela melhore logo e tudo que vocês acharem importante, pois levarei essa carta amanhã depois da aula quando eu for visitá-la”.

Após ela ter explicado o motivo da carta e como eles deveriam fazê-la, pediu que todos guardassem o material, pois estava no horário da saída. Enquanto eles guardavam, a educadora foi até ao fundo da sala conversar com estagiária para saber como a sala se comportou e quais atividades foram desenvolvidas. Essa conversa entre a professora e a estagiária durou cerca de dez minutos, pois logo os pais dos alunos chegaram e ela se dirigiu à porta para recepcioná-los (1ª Observação – 23/05/2012).

Além de observar a interação da sala nos momentos em que a Professora - Titular A interagiu com a sala, a estagiária teve abertura de uma hora/ aula, para interagir com os alunos na posição profissional e não como aluna, conforme dado abaixo,

Na sequência, chegam os alunos, e a educadora solicita que todos sentem para que a estagiária possa iniciar a aula. Logo em seguida, a professora

sentou-se no fundo para assistir ao vídeo, e a estagiária saiu do fundo da sala e se dirigiu a frente para assumir a sala. Assim que ela assumiu, disse boa tarde a todos e informou que nesta data eles estariam aprendendo uma nova virtude, e ao dizer isso vários alunos perguntaram qual seria essa nova virtude, e ela responde que teriam que descobrir através do vídeo que seria passado.

**Conforme era passado o vídeo, a estagiária interagia com os alunos, questionando-os sobre o que estava acontecendo de uma cena para a outra.** Ao término do vídeo, ela solicitou que cada um levantasse a sua mão para falar, e **questionou sobre o que eles haviam entendido.**

Durante esse momento, vários alunos levantaram a mão e disseram ter presenciado a União em várias cenas do vídeo. Após o diálogo e questionamentos sobre as cenas do vídeo apresentado, ela disse que trabalharia com a virtude da União e Cooperação e solicitou que cada aluno escrevesse o que eles entendem sobre União e Cooperação. Um aluno perguntou se poderia desenhar, e a estagiária disse sim, desde que fique claro.

Enquanto os alunos realizavam a atividade solicitada, ela, **estagiária passava pela sala, assim olhando os alunos desenvolvendo a atividade e tirando dúvidas.** Conforme eles finalizavam a tarefa, era solicitado para que fossem até a frente da sala, colocasse a cartola e lesse o que havia feito (2ª Observação – 28/05/2012).

Outro momento, durante a terceira observação, foi possível notar que, na atividade desenvolvida, a Estagiária A deixou os alunos muito livres e eles acabaram por não realizar o que havia sido proposto. Ocorreram então conflitos entre os alunos e a professora titular fez intervenções nos momentos que julgou necessário, e fez com que a estagiária realizasse assim uma reflexão durante a ação. Guillot (2008) ressalta que reflexão da ação é possível durante a ação e permite reestruturar e adaptar a situação durante o processo. Além disso, diz que prefere a noção de “profissional reflexivo” por duas razões: de um lado, se a ação nutre o saber como retorno, a reflexão deve anteceder a ação a fim de não fazer do ensino um empirismo melhorado no decorrer do processo; de outro, a refletividade nem sempre é possível na urgência do momento e se é preferível a uma reatividade mal controlada, pode também ser trabalhada depois. Logo, o “fogo da ação” é formador, contanto que se retroceda depois para um balanço refletindo o que se passou e para a elaboração de novas hipóteses e estratégias. Portanto a reflexão foi realizada tanto pela aprendiz quanto pela professora, porém quem faz emergir essa reflexão é a Professora – Titular, conforme observação descrita,

[...] passou uma atividade, na qual entregou um saquinho para cada fileira e cada aluno teria que tirar uma maçã feita de papel, onde cada maçã havia uma letra. Após todos os alunos terem pego uma maçã, sendo cada uma com letras distintas, explicou que todos teriam que se unir e formar uma palavra ou mais, na qual essas palavras devem corresponder a uma virtude. Além disso, ela deixou um bloco de folha e canetas à disposição dos

alunos, pois caso faltasse alguma letra, eles poderiam escrever no papel desse bloco.

**Como foi deixado para que os alunos se organizassem, foi possível observar que durante a atividade, duas meninas assumiram a postura de líder, onde estas começaram a perguntar “quem está com a letra A”, “quem está com a letra B”, e assim por diante. Dessa forma, elas organizaram as crianças com suas respectivas letras em ordem alfabética, para depois montar uma palavra. Porém elas não foram muito felizes, pois conforme elas tentavam manter os alunos em ordem alfabética com suas respectivas maçãs, logo que alguém saísse do lugar, elas se perdiam e acabavam brigando com esses colegas de classe, que estavam saindo do lugar onde elas haviam estabelecido.**

**Quando a estagiária percebeu que a atividade estava perdendo o foco e as crianças ao invés de cumprir a tarefa estavam brigando, ela fez uma intervenção, perguntando a eles qual era a palavra escolhida, e como não haviam escolhido nenhuma palavra ainda, decidiram fazer uma votação. Durante a votação, como a maioria dos alunos dessa sala é do sexo feminino, pois são 15 meninas e 5 meninos, os meninos sentiram-se excluídos da votação e resolveram não participar mais da atividade, pois a virtude que estava ganhando, era a qual as meninas haviam escolhido. Então, nessa hora é a professora que intervém, dizendo que eles podem apresentar duas palavras. Então a estagiária deixou mais um tempo para que eles tentassem se organizar, e quando ela percebeu que novamente eles estavam perdendo o foco da atividade, perguntou se eles já haviam terminado a tarefa e os alunos disseram que sim, e foram na frente da sala para apresentar a letra que haviam formado. Porém, quando foram apresentar, cada um levantou uma letra sem formar uma palavra. Diante disto, a estagiária perguntou o que foi solicitado para que eles realizassem, e eles ficaram em silêncio, e logo em seguida, a professora perguntou se eles haviam entendido a atividade e pediu para repetir o que eles teriam que fazer, assim para entender porque não conseguiram realizar a tarefa proposta.**

**A professora - titular perguntou para eles, “o que precisa ter para formar as palavras”, e eles responderam, “as letras”, então ela perguntou “o que vocês têm nas mãos”, e responderam, “as letras”, logo a professora explicou que eles devem formar palavras com essas letras. Disse ainda que forneceria mais dez minutos para eles tentarem realizar a atividade.**

**Enquanto eles tentavam realizá-la, a professor conversou com a estagiária, dando algumas dicas para ela melhorar a atividade, pois os alunos não estavam produzindo, disse ainda que “você não deve deixar tudo para os alunos decidirem, pois eles acabam enrolando e não chegam ao objetivo traçado.” Outra dica passada pela professora foi que, da próxima vez ela poderia optar em não colocar as letras pouco usuais no alfabeto brasileiro, como as letras H,X,W,Y,Z; pois isso fez com que os aluno que estavam com essas letras ficassem de fora da atividade.**

**Assim que a estagiária conversou com a professora, pediu para eles finalizar a atividade, pois estava acabando o tempo. Em seguida, foram na frente da sala apresentar a palavra formada por eles, porém para isso eles se dividiram em dois grupos, onde o primeiro grupo consistia em quatro alunos, e cada um segurava uma letra formando a palavra teia. Já o segundo grupo se colocou na frente da sala em forma de roda, eles deram as mãos, simbolizando a palavra união, para representar a palavra Teia de União. Após essa apresentação, a estagiária pediu para guardarem as letras nos saquinhos e depois dialogou com a sala, questionando se para realizar essa atividade houve união e cooperação entre eles. E eles disseram que houve vários problemas no decorrer da atividade, pois todo mundo começou a falar junto e assim não conseguiram**

**entender o que um estava falando para o outro, além disso, apontaram a dificuldade de conseguir chegar num acordo com todos da sala.**

Na sequência, a estagiária disse que ao mesmo tempo em que o trabalho em grupo é difícil, ele também é muito importante e pediu para eles falassem exemplos que mostre a importância da união, na qual uma aluna disse que “precisamos da união para nossa própria sobrevivência no mundo” e outra disse que “precisamos da união para não poluir e para cuidar do mundo”.

**Durante esse diálogo a professora intervém dizendo “para ter uma união, eu posso sempre colocar só a minha ideia? E quando não é a minha ideia, o que eu deveria fazer?”, um aluno respondeu que tem que ouvir e ficar quieto e diante desta resposta, a professora respondeu que mesmo que a sua vontade não seja escolhida você tem que participar, não é ouvir e ficar quieto (3ª Observação – 30/05/2012).**

Na segunda entrevista com a Professora - Titular, quando é questionada sobre a postura da estagiária diz que é de estudante ainda por estar aprendendo a lidar com situações recorrentes do dia-a-dia durante o exercício da docência,

Eu acho que ainda é como estudante, porque mesmo ela sempre esperava uma aprovação minha né. É aquela coisa assim, não sei, **eu acho que em alguns momentos eu ainda tenho que interferir na situação, às vezes deixa um pouco passar do ponto**, assim não que ela faça errado, mas assim, deixa se estender um pouco mais, **mas isso a gente só aprende mesmo com o tempo, e é o tempo que ela não tem né. Eu acho que no caso dela, a postura era a falta da prática mesmo né. E isso você vai adquirir só com o tempo mesmo, estando ali todo dia (2ª Entrevista com Professora – Titular A).**

Tanto a professora como a estagiária julgam importantes essas vivências formativas, as quais contribuíram na construção não só da identidade, mas também dos saberes. Durante a entrevista, quando a educadora é indagada sobre a questão, quais foram as experiências e saberes adquiridos, como é construído a identidade docente e quais fatores acredita influenciar nesta construção, ela fornece a seguinte resposta,

**Eu acho que a troca na hora de preparar as atividades**, de pensar o que vai ser feito, alguns momentos, **eu acho que o retorno das crianças, na aplicação da atividade**, que eu percebi assim que ela (estagiária) veio tirar dúvida perguntando se era assim mesmo que deveria ser o retorno deles, a reação é essa, ou é só comigo que acontece, **então isso se não fosse um estágio assim (de regência) ela não perceberia. Porque ela viu que aplicou uma atividade e o retorno não foi o que ela esperava**, daí ela ficou naquela, foi eu que fiz errado ou com você não acontece isso. E eu acho que é isso que contribui. Ela veio perguntar e eu poder falar que não é só com você que acontece isso e também não é pelo tempo, e até poder conversar o que se pode melhorar, daí eu falo, se você fizer assim ou assim aí dá para estar ajudando ou de repente vai conseguir aproveitar melhor a atividade fazendo de outra forma, então eu acho que essa troca, essa conversa contribuiu para ela. Enfim, a gente não teve grandes problemas, então como a gente conversou antes, definiu algumas coisas, coisas que a

gente direcionou para atender o que ela e eu queríamos, tanto que na finalização ela incluiu uma atividade não que ela precisasse, mas que eu precisava, então contribui com o projeto dela e com o meu. Eu sugeri o tema e ela concordou, então a gente foi conversando e se entendendo, então não tivemos grandes problemas. A direção também contribuiu, pois tudo que a gente precisou, às vezes de até última hora, vai lá conversa e eles arrumaram. Então não teve uma coisa negativa. As positivas, foi a relação que deu certo, as crianças que aceitaram bem e ela também se deu bem com as crianças, ela tem jeito para tratar e conversar com elas. Apesar de alguns alunos às vezes passar dos limites e ter que pegar bastante no pé, mais não achei que houve pontos negativos. **Só no início do estágio só que eu disse, olha isso foi ruim, por que ela deixou a sala decidir e eu falei que em alguns momentos ela tem que estar determinando, “não é assim” ou “é aqui e pronto” ou “vai ser assim”, porque senão fica muito por conta deles e eles vão ampliando, ampliando e não chega onde a gente quer e eles não fazem o que deveriam fazer, porque eles desviam, e às vezes acaba saindo coisas que não tinham a ver, eu não sei, mas acho que isso foi falta de experiência.** Mas aí, eu fui direcionando e aí não teve mais problemas. Porque se você deixar por conta das crianças eles enrolam a gente e não só com quem está começando, mais com a gente também, têm muitas horas que eu percebo que eles estão me enrolando e aí têm cortar e direcioná-los. Mas isso não chegou a ser nada negativo, não tenho nada a dizer que “isso foi ruim” ou “aquilo não deu certo”, então para mim não teve isso. Sabe, tudo que ela propôs ela cumpriu (2ª Entrevista com Professora - Titular A).

Já a estagiária A, responde a mesma pergunta dizendo,

**A identidade vem por meio da própria prática, e não se pode esquecer das histórias de vida desse profissional.** O estágio contribuiu na construção da minha identidade docente através das **experiências vivenciadas no trabalho da prática docente na relação professor-aluno, estagiário-aluno, aluno-estagiário, estagiário-professor, professor-estagiário, funcionário-estagiário, estagiário-funcionário, estagiário e a escola como um todo.** Na relação estagiária – professor foi uma relação profissional, de muito respeito mútuo, comprometimento, responsabilidade, seriedade. A relação professor- estagiário, foi uma relação de muito comprometimento, muita dedicação, responsabilidade, seriedade, exigência, cobrança, afetividade, respeito e carinho. Já na relação aluno-estagiário, foi uma relação de consideração, respeito, amizade, afeto, afetividade e profissionalmente, pois eles me viam como uma segunda professora em sala de aula. A relação estagiário-aluno foi uma relação de comprometimento, responsabilidade, afetividade, afeto, respeito. E a relação estagiário-funcionário e funcionário-estagiário, foi uma relação de profissional mesmo, respeito e com papel profissional (2ª Entrevista com Estagiária A).

Como podemos perceber, tanto a Estagiária quanto sua Professora – Titular, relatam na entrevista reconhecer o quanto a prática é significativa à construção da identidade docente, nesse sentido Tardif (2010) afirma que “os professores, no exercício de suas funções e a prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio”

(p.39). Portanto, Tardif (2010) afirma a importância do contato com o dia-a-dia da profissão.

Conforme dados coletados nessa pesquisa, cada estagiária obteve práticas distintas, na qual a estagiária B experimentou vivências, que ocorreram, a maior parte, através das observações e interações nas atividades propostas pela Professora - Titular B. Além disso, vivenciou vários conflitos, dentre esses estão presentes a indisciplina dos alunos, questões sócio-econômicas, estrutura familiar, entre os fatores que influenciam no ofício docente,

[...] Ao chegar o intervalo, a estagiária se dirigiu até a sala dos professores, e observou a **indignação dos professores sobre a prova Brasil**, pois um professor disse as seguintes frases, “eles estão cobrando questões inadequadas para um segundo ano”, “colocaram perguntas sobre números romanos”, “meus alunos não viram isso ainda”. Além da prova Brasil, eles falaram sobre indisciplina de alunos, onde a estagiária se envolveu e discutiu junto com os docentes [...].

[...] Durante esse tempo que a professora utiliza para colar recados, **permanece o tempo todo chamando a atenção dos alunos**, como por exemplo, “você já terminou a lição”, “vira para frente”, “senta no seu lugar”, “para de falar com aluno X.”, “vamos fazer a lição, senão vai ficar atrasado”, “o que você está fazendo em pé” [...].

[...] Enquanto havia alguns alunos na mesa da professora-colaboradora para sanar algumas dúvidas do exercício, **vários alunos estavam conversando, um menino havia batido no amigo e outros estavam brincando ao invés de fazer a tarefa**, diante desta situação a aprendiz levantou-se da sua cadeira e se dirigiu até esses alunos, pedindo para que eles se sentassem, porém de nada adiantou [...].

[...] **outra aluna que não conseguiu entender a primeira explicação passada pela estagiária, então ela tentou explicar de outra forma**, dizendo que dezena é um grupo de dez, onde ela deu um exemplo, no qual deu um abraço nessa menina e mais outra amiga que estava junto, assim dizendo que elas formavam um grupo de três, então disse que, “a dezena é um grupo de 10, são 10 unidades juntas”. E a partir dessa explicação, a aluna disse ter compreendido [...].

[...] No decorrer das atividades **a professora sentiu falta de um aluno que havia pedido para ir ao banheiro** e já fazia um tempo que não havia retornado à sala, então ela saiu para procurá-lo, porém não o encontrou. Ao retornar, perguntou se alguém estava sabendo de alguma coisa e **alguns alunos disseram ter ouvido falar que pretendia pular o muro**. Diante de tal situação, a professora procurou uma inspetora para relatar o ocorrido e tanto a inspetora quanto a coordenadora pedagógica saíram para procurá-lo nas redondezas da escola [...].

[...] Quando faltavam uns vinte minutos para chegar o horário da saída, **a inspetora chegou com o aluno que havia pulado o muro da escola, e disse que o encontrou em sua casa brincando de pipa**. Tanto a professora, inspetora e coordenadora chamaram sua atenção dizendo que isso é muito perigoso e que não é coisa que se faça. Além disso, **elas ficaram indignadas, pois a professora disse à coordenadora - pedagógica, “como a mãe dessa criança vê que ele chegou sem a mochila da escola, sabendo que ele estava no horário de aula e não comunica a escola?”** [...] (2ª Observação da Estagiária B).

[...] Quando retornaram, saíram para ensaiar, onde possibilitou ver a evolução dos alunos nos passos, no qual eles estavam mais sincronizados, em apenas uma semana de ensaio. Durante o ensaio, houve um passo que foi alterado, pois acharam que as crianças não havia se adaptado. Como foi o primeiro ensaio com o passo novo, possibilitou perceber as crianças um pouco perdidas, com pouca sincronização [...].

[...] Enquanto os alunos copiavam da lousa, foi possível observar alguns conflitos nesse decorrer de tempo, no qual **um aluno que pegou o lápis de uma aluna**, e enquanto **outras crianças conversavam paralelamente**, ao mesmo tempo, outro aluno chama **o colega do lado para ver a bola que ele havia trazido de sua casa para brincar no intervalo** e isso fez com que outros três alunos se dirigissem a sua mesa para ver a bola também [...].

[...] Durante o intervalo, na sala dos professores, foi possível observar assuntos distintos, os quais consistem desde assuntos pedagógicos do momento, como a **prova Brasil, assuntos particulares**, acontecimento que envolve a relação aluno- professor, como por exemplo, **uma professora expõe sua indignação** dizendo, “você acreditam que hoje me aparece um aluno com uma vasilha me pedindo autorização par levar a comida da escola, porque a mãe dele queria saber a qualidade da merenda”, “você acreditam nisso”, “gente eu nunca vi isso”. Assim que essa professora terminou de colocar essa situação para os outros docentes, eles dialogaram sobre o assunto, no qual até a estagiária participou e fez o seguinte comentário, “nossa, não acredito nisso” [...] (3ª Observação da Estagiária B).

Portanto, todas essas experiências refletirão nesse processo de construção e formação. Pimenta e Lima (2010) afirmam a importância das vivências e das reflexões, as quais são inerentes à profissão dos professores,

[...] se faz necessário ressignificar a identidade do professor. O ensino, atividade característica dele, é uma prática social complexa, **carregada de conflitos de valor e que exige postura ética e políticas. Ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade para encarar as situações ambíguas, incertas, conflituosas, por vezes, violentas, presentes nos contextos escolares e não escolares.** É da natureza da atividade docente proceder a mediação reflexiva e crítica entre as transformações sociais concretas e a formação humana dos alunos, questionando os modos de pensar, sentir, agir e de produzir e distribuir conhecimentos (PIMENTA; LIMA, 2010, p.14-15, grifo nosso).

No decorrer das entrevistas, estagiária e Professora – Titular reconhecem a importância dessas vivências na construção da identidade docente. A professora relata também que é através da vivência com o real que emerge a escolha e decisão de seguir ou não essa profissão, conforme vem sendo relatado nas pesquisas de alguns autores tais como Huberman (1992) e Tardif (2010). Portanto, conforme relato,



**Eu acho que é a vivência com a prática né, da escola como funciona a escola, as situações que ocorrem né diariamente**, por isso que bom o estágio não ser de um dia, uma observação, uma aqui outra lá, por exemplo, no mínimo uma semana e ainda é pouco eu acho. Porque isso é uma prova de fogo, tem gente que faz estágio, uma mesmo na educação infantil, veio um dia comigo não sei se ela fez mais com outra professora, mas ela falou “ai não sei se isso que eu quero”, “ai difícil”, **então é na prática que a estagiária vai vê se isso que ela realmente que, eu acho que é o ideal, porque também você já vê que não é isso que você quer e já vai fazer outra coisa**, vai vende sapato, vai trabalhar no comércio, por que é difícil, é muito difícil, são relações, são vidas, e cada vidinha dessa que a gente tem, **são 25 alunos que traz todo um contexto familiar e muitas vezes é difícil, a criança vem problemática para a gente e a gente tem que saber lidar**. Hoje mesmo chegou uma criança dizendo que hoje ela não quer falar, aí eu falei, o que aconteceu? E ela respondeu, ai, eu briguei com a minha avó, então tudo interfere. **Então você tem que saber lidar não só em saber passar o conhecimento, como também lidar com a questão emocional, pois tudo influencia. Então, eles são seres humanos e eles são movidos por tudo que o meio coloca na vidinha deles, a questão familiar, a questão da escola, a relação com amigo. Então você tem que ver, já pelo contato que tem no estágio, se é isso que você quer**. Porque de repente **você planeja uma aula linda maravilhosa e quando você chega à classe não é um dia ou momento bom para se trabalhar o que foi planejado, e daí não vai dar certo**. Por exemplo, hoje eles querem falar de outra coisa, que está no auge, então vamos falar daquilo, e ai você deixa essa aula que você planejou para outro dia. Ou quando acontece alguma coisa, por exemplo, ontem a casinha de madeira do parque recém-pintada, toda reformadinha e foi toda pichada, detonada, com desenhos e palavrões obscenos, uma coisa horrorosa, então qual era o assunto de ontem, eles estavam todos chocados com isso, então eu tive que parar para conversar se é certo fazer isso, com uma coisa que é patrimônio deles, dizer que não pode, direcionando para esse assunto, abordando a questão comportamental de valores. **Então tudo interfere na sala de aula**, é a sua prova de fogo mesmo disso, e saber que um ano eu posso estar com uma sala ótima, mas no outro pode não ser, então você tem que saber lidar com isso. **Então o estágio é fundamental para isso. E é aí que o estagiário vai formando com qual ano ele prefere trabalhar**, se é com os maiores ou com os pequenos, ou então, ai eu não quero trabalhar com nenhum, não é para mim, **eu tive uma estagiária que disse “isso não é para mim”, pois a criança vomita na sala de aula quando ela não está bem, o nariz escorre, ela fica com febre**. Eu mesma, essa semana minha aluna estava ardendo de febre e o piolho estava caindo da cabeça dela. Eu tirei alguns piolhos, matei, e pedi para ligar para a mãe vim buscar, porque a criança estava ardendo de febre. Essa semana mesmo, eu peguei conjuntivite de uma aluna. Então tudo influencia né. E aí você já vê se quer mesmo, pois tem que gostar senão você sai correndo.

A menina, por exemplo, que tem piolho, eu já mandei vários bilhetes para mãe mais não resolveu, ontem mesmo tinha piolho andando pela cabeça da menina. Mais é assim, tem mãe que olha, têm mães que não olham e é uma judiação, um pecado. Tem casos também, quando a criança vem machucada e aí você pergunta o que aconteceu uns dizem que o pai bateu, outros que caiu, tem casos de criança molestada. Tem uma criança do 4º Ano que é molestada, pois a professora percebeu comportamento diferente da menina, e daí um dia quando a menina estava falando de uma conversa sobre beijo, ai a professora ficou brava dizendo que isso não é assunto para se falar dentro da sala de aula, a menina começou a chorar, aí a professora foi conversar em particular com a menina para dizer que ela não estava brava com a menina, que ela não precisava chorar, aí a menina se abriu com ela. Então o professor tem que ter esse olhar, ver quando o aluno está mais quieto que nos outros dias, por que isso vai influenciar na

aprendizagem dele. Então não é só o ensino cognitivo, o emocional influencia muito no desenvolvimento da criança né. Então você tem que ficar atento a tudo, eu tive um caso de um aluninho que ele era ótimo, depois quando voltou das férias, ele voltou horrível, só chorava, brigava bastante, não queria mais fazer lição, aí eu chamei a mãe, perguntei o que aconteceu, ele fazia toda a lição, era ótimo aluno e agora só chora, não faz mais lição, aí a mãe abriu a boca chorando, aí a mãe contou que nas férias os primos contaram para ele, que ele não era filho do pai, aí ficou naquela, que o irmão menor, recém-nascido era filho do pai e ele não, aí ficou todo esse conflito dentro da cabeça do menino, até porque isso foi falado de forma banal para o menino. Aí teve que fazer um trabalho, eu e a mãe, eu conversava com todos da sala, sem direcionar a ele. Aí eu falava, olha o pai não é só aquele que fez, mais tem o pai que escolhe, que o pai de coração, aquele que quis ficar com você, que cria, aquele que nos ajuda, então tudo isso é a função do pai. Então além de ser professor, você tem que ser psicóloga, por que se eu não fizesse isso, o menino não iria fazer nada, ele tinha empacado. **Então você tem que ter esse olhar com a criança, porque se ele é um bom aluno e de repente trava, é porque aconteceu alguma coisa com ele. Além disso, você tem que tentar cativar o aluno, às vezes se ele não faz de um jeito, você tem que tentar de outro, até ele conseguir avançar.** E mesmo se ele não avançar na aprendizagem, se ele melhorar como ser humano já é alguma coisa. Então você tem que gostar, porque lidar com os pais também é difícil né, tem uns que são compreensivos, tem outros que não estão nem aí, então tem que ter bastante jogo de cintura. Então eu acho que esse contato do estágio é bem importante, porque ela vai poder observar, e vai poder decidir se é isso que ela realmente quer (2ª entrevista com Professora - Titular B).

Durante a fala desta educadora, ficam evidentes que as vivências no ambiente escolar trazem uma reflexão sobre o fato de que a profissão docente demanda saberes que vão além dos saberes disciplinares. Trata-se de saberes experienciais, que são saberes específicos que os professores desenvolvem baseados em seu cotidiano (TARDIF, 2010).

Essa mesma questão sobre a concepção de como é construído a identidade docente e quais fatores acredita que influencie nesta construção, é respondida da seguinte forma pela estagiária B,

Eu acho que o estágio é legal para a identidade, porque você tem uma noção muito curta na faculdade, então você **faz o estágio para viver a prática.** E é legal que tem **muita coisa assim que a gente vê que não é legal,** e às vezes você vê a professora fazendo, embora a hora que você tá lá, você até entende porque o professor fez aquilo. Porque tem hora que realmente passa do limite. E você entende muita coisa também e você consegue ver o lado do professor e relevar e tal. Então isso é bom para a sua própria formação. Porque lá na frente quando você for professora, às vezes você vai se pegar fazendo isso, e aí você vai ficar horrorizada e com o estágio talvez você entenda porque fez, ou tenta melhorar, e se você fosse fazer isso algum dia você tenta não fazer ou procurar algo por outro meio, **não da para formar a identidade profissional com o estágio. Eu acho que isso, você vai formar sua formação a hora que você estiver com a sua classe, no meio, dando aula. E cada classe que você pegar você vai construir**

**uma identidade profissional porque cada classe é de um jeito diferente. Então eu acho que professor é um ser mutável que vai mudar durante a carreira dele toda** (2ª Entrevista com Estagiária B).

Através do relato, pode-se notar que ela refletiu sobre a observação de algumas práticas da Professora - Titular, entre as quais existem algumas que não considera adequadas. Além disso, acredita que apenas durante a realização do estágio não é possível formar a identidade profissional, ao afirmar que a construção da identidade é durante toda a carreira “Então eu acho que professor é um ser mutável que vai mudar durante a carreira dele toda”. Portanto, essas vivências irão configurar essa cultura geracional, pois,

(...) experiências que os sujeitos, futuros professores, vivenciam durante suas histórias de vida e de formação escolar, processo longo de iniciação em uma cultura específica dos professores, que os caracteriza e reúne em torno de certos valores, práticas e saberes (SARTI, 2009, p.139).

Além disso, Larrosa (2002) traz a concepção de “*experiência/sentido*”, na qual coloca ênfase na relação experiência e trabalho, onde esta possibilite a transformação do sujeito ao tocar a subjetividade de cada ente. Além disso, este autor traz os diversos significados que permeiam a palavra experiência, dizendo que,

(...) Poderíamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol, “o que nos passa”. Em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”; em francês a experiência seria “ce que nous arrive”; em italiano, “quelloche nos succede” ou “quelloche nos accade”; em inglês, “that whatis happening tous”; em alemão, “wasmirpassiert”. A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca (LARROSA, 2002, p.21).

(...) A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p.24).

Outrossim, o autor ressalta a ideia de que experiência é algo que acontece, cria significados e tem a potencialidade de transformação, onde enfatiza que “o sujeito da experiência é também um sujeito sofredor, padecente, receptivo,

aceitante, interpelado, submetido” e que este por conta dessas relações estabelecidas entre o meio, permitir vivências que quando essas tocam o subjetivo, tem a capacidade transfigurar, onde Larrosa (2002) afirma que,

Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo, pode ler-se outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação. É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação (LARROSA, 2002, p.25-26).

E Mannheim (1992) explica que a experiência é uma relação intrínseca e extrínseca,

Sabe-se perfeitamente que em todos esses casos **ocorre uma transformação bastante visível e impressionante** na consciência do indivíduo em questão: uma modificação, não meramente no conteúdo da experiência, mas no ajustamento mental e espiritual do indivíduo a ela (...) Os “contatos originais” resultantes de modificações na situação **histórica e social poderiam ser suficientes para provocar as transformações no pensamento e na prática necessitadas por condições modificadas somente no caso de os indivíduos que experienciam esses contatos originais** de uma tal “elasticidade mental” perfeita (...) Todos os dados psíquicos e culturais apenas existem realmente na medida em que são produzidos e reproduzidos no presente: daí a experiência somente ser relevante ao ser concretamente incorporada ao presente (MANNHEIM, 1982, p.75-76, grifo nosso).

Segundo Mannheim (1982) essa incorporação da experiência pode ocorrer de duas maneiras, uma seria o sujeito adquirir modelos reconhecidos e a outra é transformar algo para adequar uma nova situação, assim desenvolvendo um novo modo de agir. Além disso, esse autor fala sobre a necessidade de diferenciar a concepção de “*memórias apropriadas*” e “*memórias adquiridas pessoalmente*”, na qual as recordações é um saber adquirido pelo sujeito nas situações reais presentes em suas experiências, logo,

Pode-se dizer que os jovens que experienciam os mesmos problemas históricos concretos fazem parte da mesma geração real; enquanto aqueles grupos dentro da mesma geração real, que elaboram o material de sua experiência comuns através de diferentes modos específicos, constituem unidades de geração separadas (MANNHEIM, 1982, p.87).

Além disso, enfatiza que,

As atitudes integradoras básicas e os princípios formativos representados por uma unidade de geração, surgidos originalmente dentro de tal grupo concreto, só são realmente efetivos e suscetíveis de expansão em esferas mais amplas quando formulam as experiências típicas dos indivíduos que partilham uma situação de geração (MANNHEIM, 1982, p.91).

Portanto, a partir da ideia de Mannheim (1982) podemos pensar no legado que permeia as relações intergeracionais docentes durante esse momento de pré-profissionalização, bem como entender um pouco esse movimento de resignificação que ocorre nesse primeiro momento da carreira, que traz riquezas bilaterais, sendo tanto para o professor que recebe o estagiário e que já atua um certo tempo na carreira docente, bem como para o estagiário que está ingressando nessa profissão.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a investigação, foi possível identificar o tipo de experiência vivida por cada uma das estagiárias no contexto da escola e como essas vêm integrando sua formação profissional em curso, no interior de uma geração profissional. Tais percepções foram propiciadas pelas entrevistas e observações realizadas e analisadas sob ótica das “relações intergeracionais na docência” (SARTI, 2009), que pressupõe atenção especial a algumas categorias, tais como: geração (MANNHEIN, 1982), identidade e ciclo de vida profissional docente (HUMBERMAN, 1992; TARDIF, 2010).

Verificou-se o quanto o fator *geração* influencia nessa relação formativa entre professores - titulares e estagiários, conforme afirma Mannheim (1982),

O importante fato de que a realidade de obscuras potencialidades inerentes ao local da geração é governada por fatores extrabiológicos, principalmente, como vimos, pelo ritmo e impacto predominantes de mudança social. Quer um novo estilo de geração surja cada ano, cada trinta, cada cem anos, quer surja de modo totalmente ritmado, depende inteiramente da ação desencadeadora do processo social e cultural. Pode-se perguntar, quanto a isso, se a dinâmica social opera predominantemente através da ação da esfera econômica ou de alguma esfera “ideológica”, mas isso é um problema que deve ser examinado separadamente. É irrelevante, em nosso contexto, como essa questão é resolvida; temos que ter em mente apenas que dependem desse grupo de fatores sociais e culturais os impulsos de uma geração alcançarem uma unidade de estilo distinta ou permanecerem latentes. O fato biológico da existência de geração apenas proporciona a possibilidade de que as enteléquias das gerações possam surgir- se não existissem diferentes gerações sucedendo-se umas às outras, nunca encontraríamos o fenômeno dos estilos de geração (MANNHEIM, 1982, p.94).

Além disso, pode-se notar que, nessa relação intergeracional houve trocas e experiências com intensidades e maneiras distintas, uma vez que, no Brasil são raros os vínculos entre as instituições de formação e as escolas que se colocam a disposição em receber esses aprendizes,

No Brasil, as instituições de formação de professores não costumam manter um trabalho articulado com as escolas de educação básica que recebem seus estagiários, apesar da existência de orientações legais a esse respeito. O mais comum é que os estudantes das licenciaturas realizem o estágio de docência em escolas escolhidas em função de suas preferências individuais e que nelas efetuem as atividades de observação e/ou de regência a partir de orientações gerais oferecidas pela instituição formativa. Nossos cursos de formação inicial de professores não costumam contar com a figura de tutores, ou seja, professores em exercício que, no âmbito

de um convênio com as instituições formativas, recebem sistematicamente estagiários em sua classe e participam ativamente de sua formação. A atuação dos professores em exercício costuma ser bastante limitada, cabendo-lhes apenas permitir que os estagiários realizem em sua classe as atividades solicitadas pela instituição de formação (SARTI, 2009, p. 135).

Os dados coletados evidenciaram que entre nossos sujeitos de pesquisa ocorreram trocas e que tiveram experiências de intensidades e maneiras distintas; sugerindo que não há um padrão formativo, e que a formação é uma experiência subjetiva, embora vivida no coletivo com os outros.

No caso da estagiária A, que recebeu um acompanhamento de sua prática por parte da professora titular (mesmo sendo de uma hora/aula), pôde ter uma vivência mais intensa no estágio. Ela planejou a aula e percebeu que certos alunos não respondiam ao esperado, conforme descrito abaixo,

Eu acho que a troca na hora de preparar as atividades de pensar o que vai ser feito, alguns momentos eu acho que o retorno das crianças, na aplicação da atividade, que eu percebi assim que ela (estagiária) veio tirar dúvida perguntando se era assim mesmo que deveria ser o retorno deles, a reação é essa, ou é só comigo que acontece, então isso se não fosse um estágio assim (de regência) ela não perceberia. Porque ela viu que aplicou uma atividade e o retorno não foi o que ela esperava, daí ela ficou naquela, foi eu que fiz errado ou com você não acontece isso. E eu acho que é isso que contribui. Ela veio perguntar e eu poder falar que não é só com você que acontece isso e também não é pelo tempo, e até poder conversar o que dá para melhorar, daí eu falo, se você fizer assim ou assim aí dá para estar ajudando ou de repente vai conseguir aproveitar melhor a atividade fazendo de outra forma, então eu acho que essa troca, essa conversa contribuiu para ela (2ª Entrevista com Professora-Titular A).

Enquanto isso a estagiária B relata certa insatisfação ao dizer: “Eu pretendia ter dado mais aulas, um contato maior com o planejamento, mas enfim,” por não ter vivenciado uma prática intensa, tendo uma vivência maior através de observações, portanto, a partir desses dados faz-nos refletir sobre a necessidade de estudos sistematizados de novas configurações em função de um acompanhamento dessas práticas, uma vez que estamos lidando com uma formação que terá impactos sociais importantes, pois cada educador influencia diretamente na formação de seus muitos educandos a cada ano de exercício de seu ofício. Dessa forma, é muito importante que nessa pré-profissionalização tenha um acompanhamento da prática por alguém mais experiente, de outra geração profissional, que seja responsável efetivamente por esta prática de caráter formativo, uma vez que os sujeitos desta pesquisa

revelam o quanto o estágio e as experiências que permeiam essa formação inicial são significativos nesse processo de inserção profissional.

Quanto ao fator *geração profissional*, ao evidenciar a fase em que estes profissionais se encontravam, podemos verificar que os dados dessa pesquisa não se afinam completamente àqueles revelados por Mukamurera e Tardif (2004). Esse dois autores afirmam que professores experientes, próximos à aposentadoria (como é o caso da professora-titular A desta pesquisa), não são abertos à mudança, implicando em maiores dificuldades em relação intergeracional. No entanto, os dados reunidos por esta investigação sugerem que a professora A propiciou a sua estagiária momentos de contatos com a regência, mesmo sendo de apenas cinquenta minutos a cada dia de estágio. Já a professora B, com menos tempo de carreira docente, cedeu menor abertura para a regência da estagiária, sendo de cinquenta minutos durante o estágio de regência inteiro. Portanto, enquanto a estagiária A planejou e realizou dezoito aulas, a estagiária B planejou e realizou apenas uma aula. Porém, mesmo com pouca abertura em aspectos distintos, ambas puderam ter várias vivências e trocas nessa relação intergeracional formativa.

Dessa forma, embora a presente pesquisa tenha sido realizada com um número muito reduzido de participantes, possibilitou análises que sugerem que o fator geração profissional deva ser sempre balizado com informações sobre a história de vida profissional dos sujeitos, já que, possivelmente, tais experiências pessoais exercem influências em suas relações com as novas gerações profissionais.

A partir desta investigação, foi possível perceber que as relações intergeracionais na formação docente envolvem fatores sutis e importantes, que dizem respeito a aspectos relativos à geração profissional dos sujeitos, mas também a sua geração social (MANNHEIN, 1982) e ao ciclo de vida profissional docente (HUBERMAN, 1992), que por sua vez irão influenciar de certa forma durante os contatos pré-profissionais.

Dessa forma, tais apontamentos sugerem a pertinência de novos estudos, que focalizem os modos como esses diferentes aspectos (geração profissional, geração social e ciclo de vida profissional) se relacionam na configuração das relações intergeracionais e, portanto, das contribuições que professores experientes podem oferecer para a formação de novos professores.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

ANDRÉ, M. E. D. A.: Etnografia da prática escolar-Campinas, São Paulo: Papyrus 1995. (Série Prática Pedagógica).

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 19, abr. 2002 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 02 set. 2012.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010 [1989].

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Federal de Educação. Decreto-Lei nº. 1190, de 4 de abril de 1939.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002. *Diário Oficial Da União*, Brasília, 2002a. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1\\_2.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1_2.pdf)>. Acesso em 05 de set. de 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002. *Diário Oficial Da União*, Brasília, 2002b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>>. Acesso em 05 de set. de 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº. 11.788 de 25 de setembro de 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CP 9 de 8 de maio de 2001. Documenta, Brasília, n. 476, p. 513-562, 2001a. Disponível em: <<http://www.uems.br/proe/sec/Parecer%20CNE-CP%20009-2001.pdf>>. Acesso em 23 de out. de 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CP 21 de 6 de agosto de 2001a. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp\\_212001.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_212001.pdf)>. Acesso em 05 de set. de 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CP 27 de 2 de outubro de 2001b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/027.pdf>>. Acesso em 05 de set. de 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CP 28 de 2 de outubro de 2001c. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/028.pdf>>. Acesso em 05 de set. de 2012.

BUENO, L. A construção de representações sobre o trabalho docente: o papel do estágio. São Paulo: [s.n.], 2007.

CIAMPA, A. C. A história do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1998.

- CUNHA, M. I. da. O Bom professor e sua prática. Campinas: Papyrus, 1992.
- DUBAR, C. A socialização: construção das identidades sociais e profissionais. Porto: Porto, 1997.
- ELIAS, M. E. V. Evolução do espaço escolar no Brasil: referências ao planejamento urbano de Limeira-SP. 2006. 122f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociência e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.
- ESTEVE, J. M. Mudanças Sociais e Função Docente. In: NÓVOA, A. (Org.) Profissão professor. Porto: Porto Editora, 1992.
- GUILLOT, G. O resgate da autoridade em educação. Trad: Patrícia Chttoni Ramos Reuillard. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- HARVEY, D. Condição pós-moderna. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- HOUAISS, A. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional. In: NÓVOA, A. (Org.) Vida de professores. Porto: Porto Editora, 1992.
- MANNHEIN, K. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, M. M. (Org.). *Mannheim: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982. Col. Grandes Cientistas Sociais.
- MEIRIEU, P. Aprender...Sim, mas como? In: A relação Pedagógica. Cap.3. Porto Alegre, 1998, 7ª edição.
- MUKAMURERA, J.; TARDIF, M. Rapport aux collègues et collaboration professionnelle entre generations d'enseignants au Québec. Recherche et Formation, n. 45, 2004.
- NÓVOA, A. Notas sobre a formação (contínua) de professores. In: Os professores e sua formação. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992.
- NÓVOA, A. Os professores e a sua formação. – 2ª .ed. – Lisboa: Nova Enciclopédia, 1954.
- NÓVOA, A. (Org.) Profissão de professor. 2ª. ed. Porto: Porto Editora, 1995.
- NUNES, C. M. F. Saberes Docentes e Formação de Professores: um Breve Panorama da Pesquisa Brasileira. Revista Educação & Sociedade, ano XXII, nº 74, Abril/2001.
- PAPI, S.O.G. Professores: formação e profissionalização. São Paulo: Junqueira & Marin editores, 2005.
- PASSETI, E. Ética dos amigos. São Paulo: Imaginário, 2003.
- PENIN, S. T. S. A aula: Espaço de conhecimento, lugar de cultura. Campinas: Papyrus, 1994.

PERRENOUD, P. Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar. Editora: Porto Editora, 2002.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. Saberes pedagógicos e atividade docente. 2ª edição, Cortez, 2000.

PIMENTA, G. S.; LIMA, M. Estágio e Docência. Cortez: São Paulo, 2010.

SACRISTÁN, J. G. Poderes instáveis em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SARTI, F. M. Parceria intergeracional e formação docente. Educ. Rev. v.25, n.2, 2009.

SCHÖN, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (coord.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. Educação & Sociedade, v.21, nº 73. Campinas – SP: 2000.

TEODORO, A. Crise de identidade nos papéis e na formação de professores. Quatro tópicos a partir de uma leitura sociológica. In: MAGALHÃES, J.; ESCOLANO, A. (Orgs.), Os Professores na História. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1999, p. 59-68. Disponível em: <<http://ateodoro.ulusofona.pt/images/stories/comunicacao%203%20encontro%20iberico.pdf>>. Acessado em 13 dez.2011.

## REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ANASTASIOU, L. G. C.; PIMENTA, S. G. Docência no ensino superior. São Paulo: Cortez, 2002.

ARENDRT, H. Entre o passado e o futuro. [tradução Mauro W. Barbosa]. -6ª.ed.-São Paulo: Perspectiva, 2009.

BRASIL. Plano Nacional de Educação para o decênio 2011-2020. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=16478&Itemid=1107](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16478&Itemid=1107)> Acesso em 06 fev. 2012.

\_\_\_\_\_. Diretrizes Curriculares Nacionais para formação de professores de educação básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. CP Parecer 9/2002 de 8 de maio de 2001. Documenta n. 476, p. 513-562.

CYRINO, M. Professores em formação: o momento da prática de ensino e a relação entre estagiários e professores- colaboradores. 2009. 100 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Instituto de Biociência, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

ESTRELA, M. T. Profissão Docente: Dimensões Afectivas e Éticas. Lisboa: Areal Editores, 2010.

GARCIA, M., HYPÓLITO, A.; VIEIRA, J. As identidades docentes como fabricação da docência. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 5, nº. 1, 2005.

LUDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. de. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LÜDKE, M.; BOING, L. A. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. Dossiê globalização e educação: precarização do trabalho docente – II. Educação & Sociedade, v.25, nº 89. Campinas: 2004, p. 1159 – 1180. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302004000400005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000400005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 02 mai.2012.

MANACORDA, M. A. História da educação: da Antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 1996.

MIZUKAMI, M. N. Ensino: As abordagens do processo. In: Abordagem sócio-cultural, São Paulo: EPU, 1986.

NOBLIT, G. W. Poder e desvelo na sala de aula. R. Fac. Educ. São Paulo. v.21. n.2. p.119-137.jul/dez.1995.

ROSA, M. I. P; RAMOS, T. A. Memórias e odores: experiências curriculares na formação docente. Rev. Bras. Educ. v.13, nº.39, p. 565-575. 2008.

## APÊNDICES

## APÊNCIDE 1 - Roteiro de entrevistas com as Professoras

### Primeira Parte

- 1) Você acha importante a realização do estágio no curso de Pedagogia? Por quê?
- 2) O que você espera do estagiário durante a realização do estágio?
- 3) Em sua formação houve estágio? Como ele ocorreu?
- 4) O estágio foi importante para sua formação na docência?
- 5) Como espera que seja a relação entre você e a estagiária durante o estágio?

Obs.: Esta entrevista será realizada com o professor- colaborador antes do primeiro contato com o estagiário.

### Segunda Parte

- 1) O primeiro contato com o estagiário correspondeu as suas expectativas? Por quê?
- 2) Quais foram às impressões e o que ficou deste primeiro contato?

Obs.: Esta entrevista será realizada durante o estágio.

### Terceira Parte

- 1) Quais são as suas considerações sobre o estágio?
- 2) Você acredita que sua estagiária atingiu os objetivos? Por quê?
- 3) Como foi a sua relação com a estagiária? Essa relação teve alguma implicação com o desenvolvimento do estágio? Quais?
- 4) Você acredita que uma boa relação com o professor- titular possa influenciar de alguma forma no desenvolvimento de estágio?
- 5) Como foi o desenvolvimento do seu estágio?
- 6) Quais foram as experiências e saberes adquiridos?
- 7) Em sua concepção como é construída a identidade docente? E quais fatores você acredita que influencie nesta construção?

Obs.: Esta entrevista será realizada no final do estágio.

## **APÊNCIDE 2 - Roteiro de entrevistas com as Estagiárias**

### **Primeira Parte**

- 1) Você acha importante a realização do estágio no curso de Pedagogia? Por quê?
- 2) Qual sua expectativa com relação ao professor que a receberá em sua classe durante o período de estágio?
- 3) Como você espera que seja o primeiro contato com esse professor-colaborador?
- 4) Como espera que seja a relação entre você e o professor durante o estágio?

Obs.: Esta entrevista será realizada com o estagiário antes do primeiro contato com o professor- titular.

### **Segunda Parte**

- 1) O primeiro contato com o professor - titular correspondeu as suas expectativas? Por quê?
- 2) Quais foram as impressões e o que ficou deste primeiro contato?

Obs.: Esta entrevista será realizada durante o estágio.

### **Terceira Parte**

- 1) Você considera que o estágio foi importante para sua formação? Por quê?
- 2) Quais são as suas considerações sobre o estágio?
- 3) Quais foram as experiências e saberes adquiridos?
- 4) Você atingiu seus objetivos? Por quê?
- 5) Quais as contribuições que você obteve da sua professora- titular? Essas contribuições foram importantes para você? Por quê?
- 6) Como foi a sua relação com o professor? Essa relação teve alguma implicação com o desenvolvimento do seu estágio? Quais?

7) Como foi o desenvolvimento do seu estágio?

8) Em sua concepção como é construída a identidade docente? E quais fatores você acredita que influencie nesta construção?

Obs.: Esta entrevista será realizada no final do estágio



## **ANEXOS**

## ANEXO 1: Entrevista com a Professora A

### Primeira Parte

1) Você acha importante a realização do estágio no curso de Pedagogia? Por quê?

R: Sim, acho importante, acho que dá uma noção né, do que é ser professor, não uma noção completa, mas dá para ter uma ideia. Eu acho que estar em contato com as crianças, aplicar as atividades, eu acho que aplicar as atividades é assim o grande ponto, porque vai estar vivenciando a reação dos alunos, a reação daquela atividade, porque nem sempre aquilo que você espera acontece, e essa noção você só tem na prática.

2) O que você espera do estagiário durante a realização do estágio?

R: Eu não criei nenhuma expectativa assim, geralmente eu não espero né, deixo vir para ver o que acontece. Mas eu espero que ela ajude e contribua no trabalho que eu estou desenvolvendo dentro da sala de aula e que tenha uma troca tanto para mim como para ela. É bom para nós porque elas trazem um outro olhar e eu acho que é mais importante para ela ainda, senti de perto como que é.

3) Em sua formação houve estágio? Como ele ocorreu?

R: Sim, eu fiz estágio só no magistério com um dia de regência e o restante foi só observação e quando eu fiz Pedagogia, é eu já estava dando aula então não precisava fazer estágio, contava como estágio.

4) O estágio foi importante para sua formação na docência?

R: Sim e não. Porque minha mãe era professora, então, assim eu vivi em escola, estudando ou não. Mas o estágio ajuda porque você vê outras pessoas né. Mas assim, essa coisa de estar sempre na escola é desde sempre. Eu acho que tudo a gente aprende, até hoje as crianças admiram eu fazendo as linhas na lousa usando dois giz né, e que eu aprendi no estágio, com a professora, assistindo aula dela. E agora a estagiária também aprendeu a fazer as linhas dessa maneira. Então tem algumas coisas assim, postura assim, que a gente fica só observando né.

5) Como espera que seja a relação entre você e a estagiária durante o estágio?

R: A eu sempre tive estagiária na sala, nem que fosse só para observação, eu acho que dessa forma (regência) é mais válido, tanto para a estagiária quanto para mim, porque antes quando eu recebia estagiária, elas vinham sentam fica lá depois vai embora e assim não, assim ela colabora com o meu trabalho e ela também tem uma visão melhor da sala de aula né. De como é estar na sala de aula. Eu acho que tem uma troca, acho melhor trocar do que só oferecer né, apesar de ter professores que não gostam, porque às vezes tem aquela visão que estagiário vem só para observar e fazer o relatório e falar que você faz tudo errado.

6) Quanto tempo você exerce essa profissão?

R: Há 21 anos, sendo 10 anos apenas nessa escola. Fiz magistério primeiro e depois a pedagogia.

### **Segunda Parte**

1) O primeiro contato com o estagiário correspondeu as suas expectativas? Por quê?

R: Correspondeu sim, eu não tenho o que dizer assim, porque geralmente eu não tenho expectativa, então é sempre bem tranquilo. Eu acho que foi bom, eu não esperava muito, eu esperava que ajudasse e contribuísse no trabalho que eu estava desenvolvendo dentro da sala de aula e ela ajudou e contribuiu bastante durante seu estágio. Ela sempre acatava minhas sugestões, sempre perguntava minha opinião dizendo “olha pensei em fazer assim, o que você acha?” Durante o estágio nós combinamos juntas alguns temas, valores, que seriam trabalhados e a cada semana nos lapidávamos o projeto aos poucos.

2) Quais foram as impressões e o que ficou deste primeiro contato?

R: Foram boas as impressões, pois ela pareceu ser bem responsável e comprometida, tranquila, calma né. É bem assim, mais dela como pessoa, do que como profissional, acho que a primeira impressão é essa.

3) Qual era a postura da estagiária?

R: Eu acho que ainda é como estudante, porque mesmo ela sempre esperava uma aprovação minha né. É aquela coisa assim, não sei, eu acho que em alguns momentos eu ainda tenho que interferir na situação, às vezes deixa um pouco passar do ponto, assim não que ela faça errado, mas assim, deixa se estender um pouco mais, mas isso a gente só aprende mesmo com o tempo, e é o tempo que ela não tem né. Eu acho que no caso dela, a postura era a falta da prática mesmo né. E isso você vai adquirir só com o tempo mesmo, estando ali todo dia.

### Terceira Parte

1) Quais são as suas considerações sobre o estágio?

R: Eu acho que foi bom, acho que a troca foi boa, pelo menos para mim foi, gostei do trabalho, da maneira como foi conduzido, da maneira como ela envolveu as crianças. A ideia da cartola para incentivar a leitura e a escrita. Pena que o tempo é curto, porque a gente poderia ter aproveitado um pouco mais, a ideia que era tão boa. Pois a gente acaba fazendo mais superficialmente, porque o tempo é curto. Mas mesmo assim foi muito válido. Eu acho que contribuiu mais do que para mim e para ela, foi para as crianças, eu achei que eles guardaram muito do que ela falou, porque veio alguém de fora que passou, então acho que isso marcou muito. Então eu acho que, quem saiu mais ganhando foi as crianças. Porque quando eu comento alguma coisa durante as aulas, e esse assunto está relacionado com o que ela trabalhou com eles, eles dizem “é como a estagiária A falou né professora”. Eles gostaram muito do trabalho que ela desenvolveu.

2) Você acredita que sua estagiária atingiu os objetivos? Por quê?

R: Eu acho que sim, pois estar em contato com alguém que está ali com o contato direto contribuiu bastante, até porque ela pode ter contato com a sala de aula e com as vivências presentes no dia-a-dia.

3) Como foi a sua relação com a estagiária? Essa relação teve alguma implicação com o desenvolvimento do estágio? Quais?

R: Foi ótima minha relação com a estagiária, a gente se deu super bem. Eu acho que isso teve implicações com seu desenvolvimento, pois quando a gente se entende podemos caminhar mais tranquilamente, tanto o professor quanto o

estagiário. Eu acho que quando há uma boa relação entre o professor e estagiário, ajuda a conhecer e a entender melhor a estrutura e a dinâmica da sala de aula.

3.1) Você já teve alguma experiência desagradável com estagiário?

R: Não, nunca tive, até porque eu recebo mais estagiário que só faz observação e não interfere em nada, pois só observa e vai embora, mais também não tem retorno e nem troca. Quando você só observa não atua na aplicação das atividades, você fica do lado de fora e quando tem esse estágio em que ela participa, ela passa a ver de uma forma diferente, pois planejou a atividade, a gente pensou e quando chega na hora não aconteceu o que a gente esperava.

3.2) Você acredita que uma boa relação com o professor- titular, possa influenciar de alguma forma no desenvolvimento do estágio?

R: Eu acho que sim, pois quando há boa relação, o professor ajuda a entender melhor a dinâmica da sala de aula. Até porque para que atinja os objetivos, para que possa planejar juntos e ter um bom desenvolvimento precisa haver uma boa relação. E tem que se entender naquilo que foi combinado, do que foi feito, porque se eu falo A e ela fala B, o resultado do que vai fazer vai nem me satisfazer e nem a ela. Então se você não ter uma empatia, eu acho que não funciona e fica o fazer por fazer.

4) Como foi o desenvolvimento do seu estágio?

R: A gente conversava bastante, porque como ela chega no horário da educação física né, então nesse tempo a gente revê o que ela vai fazer naquele dia, o que ela vai trabalhar, e a gente já combina qual vai ser o próximo passo e se eu preciso ver algum material para ela ou se ela quer mostrar alguma coisa. No começo a gente demorava mais, agora não, agora é mais rápido. Às vezes também as crianças estão fazendo alguma atividade comigo ou quando está no final da aula eu vou lá sento com ela e aí a gente conversa enquanto eles fazem alguma coisa.

Pesquisadora: Quem escolheu o tema do projeto?

R: Na verdade ela queria trabalhar com leitura e eu prôpus trabalhar a leitura dentro do meu projeto valores, porque aí já estaria dentro daquilo que a gente teria que estar fazendo mesmo né. Então ela ia complementar meu trabalho. Então ela traz o texto, estimula muito eles a quererem vir aqui na frente ler e trazer alguma coisa para ler.

5) Quais foram as experiências e saberes adquiridos, como foi construída a identidade docente? E quais fatores você acredita que influencie nesta construção?

R: Eu acho que a troca na hora de preparar as atividades de pensar o que vai ser feito, alguns momentos eu acho que o retorno das crianças, na aplicação da atividade, que eu percebi assim que ela (estagiária) veio tirar dúvida perguntando se era assim mesmo que deveria ser o retorno deles, a reação é essa, ou é só comigo que acontece, então isso se não fosse um estágio assim (de regência) ela não perceberia. Porque ela viu que aplicou uma atividade e o retorno não foi o que ela esperava, daí ela ficou naquela, foi eu que fiz errado ou com você não acontece isso. E eu acho que é isso que contribui. Ela veio perguntar e eu poder falar que não é só com você que acontece isso e também não é pelo tempo, e até poder conversar o que dá para melhorar, daí eu falo, se você fizer assim ou assim ai dá para estar ajudando ou de repente vai conseguir aproveitar melhor a atividade fazendo de outra forma, então eu acho que essa troca, essa conversa contribuiu para ela. Enfim, a gente não teve grandes problemas, então como a gente conversou antes, definiu algumas coisas, coisas que a gente direcionou para atender o que ela e eu queríamos, tanto que na finalização ela incluiu uma atividade não que ela precisasse, mas que eu precisava, então contribui com o projeto dela e com o meu. Eu sugeri o tema e ela concordou, então a gente foi conversando e se entendendo, então não tivemos grandes problemas. A direção também contribuiu, pois tudo que a gente precisou, às vezes, de até última hora, vai lá conversa e eles arrumaram. Então não teve uma coisa negativa. As positivas foi a relação que deu certo, as crianças que aceitaram bem e ela também se deu bem com as crianças, ela tem jeito para tratar e conversar com elas. Apesar de alguns alunos às vezes passar dos limites e ter que pegar bastante no pé, mas não achei que houve pontos negativos. Só no início do estágio só que eu disse, olha isso foi ruim, por que ela deixou a sala decidir e eu falei que em alguns momentos ela tem que está determinando, “não é assim” ou “é a aqui e pronto” ou “vai ser assim”, porque senão fica muito por conta deles e eles vão ampliando, ampliando e não chega onde a gente quer e eles não fazem o que deveriam fazer, porque eles desviam, e às vezes acaba saindo coisas que não tinham a ver, eu não sei, mas acho que isso foi falta de experiência. Mas aí, eu fui direcionando e aí não teve mais problemas. Porque se você deixar por conta das crianças eles enrolam a gente e não só com quem está

começando, mas com a gente também, têm muitas horas que eu percebo que eles estão me enrolando e aí tem cortar e direcioná-los. Mas isso não chegou a ser nada negativo, não tenho nada a dizer que “isso foi ruim” ou “aquilo não deu certo”, então para mim não teve isso. Sabe, tudo que ela propôs ela cumpriu.

5.1) Quais experiências ficaram para você dessa relação?

Olha de experiência, ela me fez lembrar algumas coisas, já estavam esquecidas, como uma proposta que você já utilizou e não utiliza mais, e que às vezes fica esquecida. E quando eu a vi fazendo, você vê que realmente você fazia e dava certo e que você já tinha deixado de lado, então acaba retomando algumas coisas. Então eles possibilitou ter essa troca. Além disso, têm algumas posturas da estagiária que eu gostei, que você vê, olha desse jeito é legal, e lembra algumas coisas, que com o tempo vai deixando de lado, esquece, e agora quando você lembra você acaba voltando a fazer, coisas que você não fazia mais.

6) Relação Professor- Estagiário?

R: Para mim foi muito bom, teve várias contribuições, coisas que até você usava e com o tempo você deixa de usar, então você acaba retomando pela postura da estagiária né, e a troca, a conversa, eu acho que sempre bom..

7) Relação Estagiário - Professor?

R: Eu acho que foi bom, mas eu acho que o que mais contribuiu é a postura, é a troca dentro da sala de aula comigo, com os alunos, com a aplicação das atividades, eu acho que o que mais contribuiu não é nem eu, eu acho que é essa convivência, esse movimento da sala. Eu acho que é o que mais contribuiu, não é nem o que eu faço, mas eu acho que é essa dinâmica da sala, de atender, de ver, vê as reações né, acho às vezes que a forma como você reage ou faz alguma coisa é o que mais contribuiu, não é nem chegar e falar, olha faz assim ou faz daquele jeito.

8) Relação Aluno- Estagiário?

R: Eu acho que foi muito boa, porque para eles é uma expectativa enorme nos dias que ela vinha fazer atividades com eles, então ela conquistou os alunos, e eles gostavam muito dela. Mas não só dela, mas como de fazer as atividades e de ter

aquele compromisso em realizar e de participar das atividades com ela, então foi muito bom.

9) Relação Estagiário - Aluno?

R: Eu acho que ela também gostou, e de certa forma serviu como experiência. Sendo que ela já tem um pouco de experiência né, ela trabalha com estágio com crianças, mas assim ela só fica com as crianças quando não está com a professora durante um tempo pelo que eu entendi. É, mas agora, essa coisa de estar na sala de aula, de estar ensinando alguma coisa, de estar passando um conteúdo né, eu acho que isso é nesse momento de estar ali num relacionamento com as crianças, momento de dizer sim, momento de dizer não.

10) Contribuições do estágio para a formação da estagiária?

R: Eu acho que é nas atividades que ela espera uma coisa e o resultado não foi o que ela esperava. Alguns que ela esperava muito e não rendeu, outras que ela esperava pouco rendeu muito mais, então eu acho que a maior contribuição mesmo é essa dinâmica da sala, de colocar a ordem na sala, senão acaba se perdendo e eles não fazem nada né.

11) Relação Estagiário- Funcionários?

R: Eu acho que foi tranquilo né, pelo menos assim o que eu pude observar. Se teve alguma coisa assim ela não comentou, mas eu acho que foi bem tranquilo, acho que foi boa.

12) Considerações sobre o estágio?

R: Então, alguns momentos que a gente conversou percebi que tocou um pouco mais foi a questão de ela querer conhecer um pouco mais a história das crianças né, ou conversando comigo ou com as crianças e perceber como funciona essa dinâmica, porque aquela criança é assim, porque ela está em tal estágio e não em outro. Então, a gente foi tendo essa conversa no decorrer do estágio, né, porque assim na aplicação das atividades, conforme os resultados, nos conversávamos, olha em tal atividade fulano fez assim, esse outro assim, é por quê? Então a gente foi conversando, porque aquele resultado ali, tinha vezes que ela comentava que às vezes ela falava, falava e parecia que eles não entendem, e aí acontece mesmo, e



ela perguntava, às vezes eu to falando alguma coisa muito difícil, será que to falando de uma forma que eles não estão entendendo, é por isso? E na maioria das vezes não é isso, é que as crianças elas perdem muito rápido a atenção, elas ouvem no início e se você estender muito, então tem que sempre estar puxando de volta, senão elas ouvem só a primeira frase e o restante já se perdeu. Então principalmente no início ela percebeu que ela falava, explicava e esperava um retorno e não via um retorno oral, e aí ela ficou um pouco angustiada achando que isso era só com ela, porque ela era estagiária. Então ela constantemente perguntava se esta atividade pode ser usada, ou não, se estava agindo da maneira certa ou não, acho que era mais isso mesmo.

## ANEXO 2: Entrevista com a Estagiária B

### Primeira Parte

1) Você acha importante a realização do estágio no curso de Pedagogia? Por quê?

R: Eu acho importante sim, porque a maior parte das pessoas na minha sala, não fez o magistério e não teve o contato com a escola, com o dar aula, com sistema político da escola, eu acho muito importante para ter noção, para quando chegar lá, ter uma ideia de como será. Eu acho até que poderia ter mais tempo de estágio.

2) Qual era a sua expectativa com relação ao professor que o recebeu em sua classe durante o período de estágio?

R: Nossa eu estava morrendo de medo, pois a gente escuta cada história de professor que não gosta de estagiário, então eu tava morrendo de medo. E quando eu vi a professora, ela tinha até cara de mal, e eu estava apreensiva, fiquei com muito medo dela, medo das dificuldades.

Pesquisadora: E porque você acha que os professores não gostam de receber os estagiários?

R: Acho que o estágio de regência faz pouco tempo que funciona e antes acredito que no magistério era só observação e então o estagiário escrevia tudo que o professor fazia e falava e nem sempre o professor tinha acesso a essas informações. E como a maioria dos professores fez o magistério, ficaram com a ideia que o estagiário vai para criticar, falar mal do professor.

3) Como você esperava que fosse o primeiro contato com o professor- titular?

R: Eu não tinha ideia de como seria, eu nem imaginava assim. Quando fui pela primeira vez na escola, falei com a coordenadora, fui apresentada à escola, à professora, foi algo bem rápido, apenas uma apresentação mesmo, onde a coordenadora me levou na sala e disse que eu seria a estagiária dela e que na próxima semana eu iria no horário de HTPI, para marcarmos os dias do estágio. Eu

também não quis criar expectativas para não me decepcionar depois, eu queria chegar lá e ver como que era.

4) Como esperava que fosse a relação entre você e o professor durante o estágio?

R: Eu não tinha noção o que esperar dela, não tinha ideia, eu achava ela um enigma. Eu achava que ela não estava a fim de ter uma estagiária, porque a hora que a coordenadora me apresentou, ela olhou com uma cara estranha, como se não gostasse de ter uma estagiária na sua sala e isso fez com que eu ficasse com medo.

4.1) Porque você tinha tanto medo?

R: É que eu ficava muito com essa coisa de aluno na cabeça e eu tinha medo da coordenadora, medo do diretor, medo da professora, eu tinha medo de tudo sabe medo de ser castigada, aquele medo de aluno da autoridade escolar. Meu emocional tinha um medo muito grande disso, eu não sei o que acontece comigo, eu tinha muito medo. Acho que é porque eu não tinha muito contato com a escola, acho que esse medo da autoridade escolar que todo aluno tem permaneceu comigo.

## **Segunda Parte**

1) O primeiro contato com a professor a correspondeu as suas expectativas?

R: Olha o meu medo me fez ficar apreensiva e imaginar várias coisas negativas. No segundo contato, na hora que fui conversar com ela, achei que ela estava ainda um pouco distante, eu também estava com um pouco de receio, mas foi tranquilo, ela me recebeu bem e neste dia combinamos os dias, os quais, eu iria ao estágio. Nesse dia ela me explicou que como era uma sala do 1º ano ela trabalha com alfabetização, então todas as atividades que ela traz para sala são voltadas para a alfabetização e que eu poderia me inserir nas atividades que ela passasse para a sala durante o estágio. Então ela não trabalhava as matérias, e ela não trabalha com projetos embora a escola tenha dois projetos que ela trabalha durante o ano com as crianças. Então dentro desse projeto que é da escola ela trabalhava alfabetização com as crianças, então foi combinado de ela me inserir nas atividades de acordo com o que ela programasse e que um pouco mais para frente eu poderia estar fazendo algumas atividades. Então primeiro eu iria observar como ela trabalhava

para eu saber que atividade eu iria trazer e para saber como era as crianças. Os dois primeiros eu só fiquei olhando mesmo, no início eu apenas observava e ajudava quando ela pedia. Mas ela me deu liberdade, ela mesmo dizia se você quiser pegar o caderno para olhar você olha, mas eu tinha muito cuidado de não fazer nada que ela ficasse desconfortável, pois ela estava cedendo o espaço para mim.

Pesquisadora: Durante o estágio, a professora fornecia algum auxílio?

R: Sim, ela sempre explicava o desenvolvimento dos alunos, porque ela tem crianças muito agitadas, então tem criança que vai mais rápido, outras que demoram mais, cada um tem um ritmo. Têm crianças que no final do dia terminam de escrever o cabeçalho e tem outras que pulam, então ela vai passando as atividade conforme eles vão terminando.

2) Quais foram as impressões e o que ficou deste primeiro contato?

R: Tive a impressão que ela era muito sisuda, muito séria, brava. Agora com maior contato foi se quebrando essa imagem. A voz mais alta dava a impressão de que era muito brava, e com o tempo e convivência percebi que esse era o jeito dela, e que na verdade, ela é uma pessoa solícita.

3) Como está sendo o desenvolvimento do seu estágio?

R: A professora sempre me explica como iria aplicar a atividade e qual será o objetivo de cada uma. Explica também que cada aluno tem um ritmo diferente, e que ela passa as atividades conforme eles vão terminando. Toda terça-feira, no horário HTPI, que durava cinquenta minutos, a professora me explicava o porque de cada atividade, como aplicar, como seria melhor, o objetivo das atividades. Isso foi bom, pois eu não tinha a noção de como passar as atividades e como elas avançam rápido. Nessa semana eu trouxe algumas atividades, a professora me disse o que seria interessante trazer para a sala e ela elaborou um esquema com os objetivos de cada atividade. Quando eu levei as atividades, a professora viu o que foi elaborado apenas no dia da aplicação (terça-feira). Essa atividade foi aplicada em dois dias. No primeiro dia eu apliquei sozinha e no segundo dia as duas aplicaram, onde eu levei a atividade de cruzadinha com o tema meios de transporte, pois esse é o tema do projeto da escola da Centrovias, onde, eles vêm trabalhando com teatro desde o

começo do ano, porém agora está com foco maior, pois a apresentação foi essa semana. Depois de eu ter trabalhado com a aplicação da cruzadinha, a professora trabalhou com a parte teórica, do conteúdo trabalhado na cruzadinha. Depois da aplicação a professora me disse o que ficou vago na atividade e me deu sugestões. Na terça quando levei as atividades ela deu sugestões para a atividade do semáforo de quarta. Eu expliquei para ela como iria aplicá-la e a professora me disse que estava vaga, então ela disse que ela poderia trabalhar essa atividade da seguinte maneira:

Eu explicaria cada cor do semáforo e embaixo havia três linhas, onde explicaria apenas as cores, o significado de cada cor e onde eles teriam que pintar as cores. Na outra atividade também tinha semáforo e nessa eles teriam que escrever o significado das cores já explicado, porém a professora disse que isso ficaria muito vago para a criança e ela disse: que na primeira atividade deveria apenas explicar a cor e eles teriam que procurar a palavra, assim identificando as palavras pare, atenção e siga. E após identificar essas palavras deveria pintar de qualquer cor. Escrever do lado a palavra identificada. (Nessa atividade, eles iriam apenas pintar o semáforo, a forma eu coloquei).

4) Até o momento, o que o estágio mudou, quais os conceitos?

R: O estágio me trouxe recordações de minha primeira série, me fez refletir sobre a aprendizagem que recebi em minha primeira série com minha professora e agora com essa professora do estágio. Até o cheiro da merenda me traz recordações. Faz-me refletir de como aprendi, tratamento humano dessa professora, pois essa professora escolhe as crianças aleatoriamente, enquanto a minha professora, quando eu estava na 1ª série, escolhia as crianças mais bonitinhas ou as melhores, e como eu sempre fui gordinha nunca fui escolhida.

Eu Tinha uma idéia que o diretor seria uma pessoa ruim, brava, pois minha diretora na escola onde estudava antes de entrar na faculdade era bem rígida. O diretor desta escola onde faço estágio é bem descolado, eu até achava que ele era funcionário, pois ele é super simpático. Como no ano passado eu observei uma sala do 1º ano, isso me possibilitou relacionar o que foi visto na teoria com a prática. A prática foi importante para mim, pois havia algumas teorias que ficaram vagas, pois só consegui entender o porquê e como fazer, porém como a criança iria absorver só a prática possibilitou essa compreensão. Além disso, a prática possibilitou ver que

se pode trabalhar com vários conceitos distintos com uma mesma sala. O estágio me fez perder o medo da autoridade escolar como aluna. Agora estou começando a me ver como professora e não mais como aluna. Foi acontecendo as coisas, não chegou com uma programação, fui sentindo a professora e deixando ela propor o que ela queria. Além disso, pelo fato de eu estar aprendendo e a sala de aula ser dela, e também por eu não querer prejudicar a aprendizagem dos alunos, por isso fiquei apenas observando e apenas a auxiliava quando mandava. Mesmo que se eu discordasse algum dia dessa professora, eu a respeitaria, pois o espaço está sendo cedido para minha formação.

Acabei também incorporando algumas coisas dessa relação entre o professor e o aluno, da forma como se dirigir ao aluno e dar até broncas, pois é mais fácil e funcional. Adquirir algumas formas da professora lidar com os alunos por ser fácil e dar certo, como dar broncas nos alunos, modo de conversar, incentivar, coisas que deram certo e que uso no meu dia-a-dia em uma ONG que comecei a trabalhar em fevereiro deste ano. Nessa ONG eu fico com 20 alunos com a idade de 6 a 10 anos. A situação sócio-econômica dos alunos é precária. No começo eu não conseguia controlar a sala, pois eles são violentos entre eles, saem da sala sem pedir e correm de mim. Agora estou aplicando na ONG, algumas vivências do estágio. Agora eles melhoraram o comportamento e até pedem para sair da sala. O estágio me possibilitou mudar o modo de como lidar com eles, até a posição corporal acaba ajudando, como o modo de se impor e de se posicionar na sala, gestos e a forma de explicar. Incorporei da professora do estágio a forma de me impor para a sala como autoridade na sala de aula.

O estágio me fez entender algumas coisas sobre as crianças, como por exemplo, que elas não vão ficar sentadas do jeito que eu quero. Eu achava que as crianças da ONG eram crianças problemas, porém, o estágio me fez entender que as crianças dessa faixa etária são agitadas e entendi que o problema não está nela e nem nas crianças.

Possibilitou entender algumas atividades apropriadas para essa faixa etária, pois ela não tinha ideia de como trabalhar com as crianças dessa idade. Pois antes levava atividades mais complexas para as crianças e eles não faziam. Agora, depois do estágio consegui entender que aquelas atividades eram complexas e por isso as crianças não faziam. Agora seleciono mais as atividades e eles estão fazendo.

### Terceira Parte

1) Você considera que o estágio foi importante para sua formação? Por quê?

R: Sim, porque antes eu não tinha nem noção como era o processo, não só do processo de aprendizagem, mas do processo de política e administração da escola, embora não seja estágio administrativo, você fica dentro do ambiente, vai para a sala dos professores, conversa com os professores, diretor, coordenador você vai aprendendo algumas coisas com relação à rotina da escola e a rotina da aula. Eu acho isso bastante importante embora eu não tenha me formado, mas já ajuda formar parte da minha identidade como professor futuramente.

2) Quais são as suas considerações sobre o estágio?

R: Ele foi bom de certo modo, até para eu perder aquele medo da autoridade escolar. Agora já consigo enxergar eles como colegas, não só a professora que realizei o estágio, mas como todos os professores da sala dos professores que conversávamos de igual para igual, eles não me desprezavam por que eu era estagiária nem nada. Então eu acho que foi com por causa disso. Foi bom para eu ter contato maior com a rotina escolar, com a rotina de uma aula, que eu não tinha muita ideia de como era, fora a versão aluna. Vê o trabalho danado que as professoras têm para fazer a aula, ver caderno, ministrar a aula. Eu já sabia que era trabalhoso, mas não tanto assim, principalmente professora de alfabetização, volta e meia ela tá mudando todo o cronograma dela, porque depende muito das respostas das crianças. É uma coisa bem flutuante assim, o cronograma dela de aula.

3) Quais foram às experiências e saberes adquiridos?

R: Acho que é o que eu falei, é saber adquirido em si, por mais que a gente vê a professora trabalhando, você aprende alguma coisa mais é, quando você for professora vai ser tudo diferente, porque é outra sala, você vai ter uma personalidade diferente como professor, tem muitas atitudes dessa professora que eu achei bacana, têm outras atitudes que eu não achei tão legal. Mas, não estava lá para criticar, então eu acho que é isso.

4) Você atingiu seus objetivos? Por quê?

R: Sim e não, quando eu entrei, eu tinha um objetivo e durante o estágio eu criei outros objetivos, porque eu vi que aquele que no começo eu ia seguir não ia dar certo. Eu pretendia ter dado mais aulas, um contato maior com o planejamento, mas enfim, aí eu tentei aprender o máximo possível, passava nas carteiras das crianças para ver as lições e tirar as dúvidas e foi isso.

4.1) Durante o estágio você teve quantas aulas de regência?

De regência mesmo eu tive apenas uma aula, que eu peguei a atividade e ministrei foi uma vez, mas teve dias que eu fiz o cabeçalho da lousa, teve dias que eu olhei os cadernos com ela. Tinha vezes que ela passava as lições na lousa e eu explicava para as crianças de outra maneira para eles conseguirem entender.

5) Quais as contribuições que você obteve da sua professora- colaboradora? Essas contribuições foram importantes para você? Por quê?

R: É coisa simples do tipo, é, pedir para as crianças pularem a linha do caderno para escrever, senão fica um emaranhado de letra. Ela deu muitas dicas do que esperar de uma criança dessa idade ou mesmo a fase da escrita que eu não tive na minha aula de alfabetização eu aprendi com ela. É coisas assim do aspecto da parte de alfabetização mesmo, que ela me contribuiu bastante para entender a formação da criança nesse período, até mais que as aulas de psicologia.

6) Como foi a sua relação com o professor- titular? Essa relação teve alguma implicação com o desenvolvimento do seu estágio? Quais?

R: Foi boa a professora sempre me deixou muito a vontade dentro da sala, nunca falou para eu fazer isso, ou me chamar atenção ou não faz desse jeito, sabe não tá certo, num gosto, nunca tive esse tipo de problema com ela. Sempre me deixou muito a vontade para circular pela carteira, para ajudar as crianças, já para o final do estágio muito das aulas dela eu auxiliava na explicação, e acho que não tive nenhum problema ou atrito com ela, tive uma relação muito boa. Ela foi muito solícita dentro do que ela podia me oferecer e realmente eu não tava lá para entrar em conflito com ela. Tudo que ela falava dentro da sala para mim era lei, porque a classe era dela, é a sala, é a aula dela, e eu tô lá aprendendo. Então foi muito tranquilo. Eu já fui para o estágio com essa posição de não entrar em conflito com o professor.



7) Como foi o desenvolvimento do seu estágio?

R: A maior parte do tempo foi mais auxílio da aula dela, então quando ela ficava apertada com o programa me largava com as crianças com a atividade, então eu acompanhava as crianças durante a atividade e ela ficava lá fazendo outra coisa que ela precisava, a maior parte do tempo era assim, quem explicava as coisas das atividades era ela e eu acompanhava o andamento.

8) Em sua concepção como é construída a identidade docente? E quais fatores você acredita que influencie nesta construção?

R: Eu acho que o estágio é legal para a identidade, porque você tem uma noção muito curta na faculdade, então você faz o estágio para viver a prática. E é legal que tem muita coisa assim que a gente vê que não é legal, e às vezes você vê a professora fazendo, embora a hora que você tá lá, você até entende porque o professor fez aquilo. Porque tem hora que realmente passa do limite.

E você entende muita coisa também e você consegue ver o lado do professor e relevar e tal. Então isso é bom para a sua própria formação. Porque lá na frente quando você for professora às vezes você vai se pegar fazendo isso, e aí você vai ficar horrorizada e com o estágio talvez você entenda porque fez, ou tenta melhorar, e se você fosse fazer isso algum dia você tenta não fazer ou procurar algo por outro meio, não dá para formar a identidade profissional com o estágio. Eu acho que isso, você vai formar sua formação a hora que você estiver com a sua classe, no meio, dando aula. E cada classe que você pegar você vai construir uma identidade profissional porque cada classe é de um jeito diferente. Então eu acho que professor é um ser mutável que vai mudar durante a carreira dele toda.

8.1) Como foi a relação entre estagiário-professor?

R: Foi boa, foi o que eu falei, eu cheguei lá com a cabeça de não entrar em conflito com o professor, não importa o que aconteça, mesmo que ela não tenha a razão, não vou entrar em conflito. Então foi muito boa assim, e o que a professora falava para mim era lei, foi muito boa, muito tranquilo.

8.2) Como foi a relação entre professor- estagiário?

R: Acho que nesse ponto, foi uma troca, eu estagiária, e a professora, que às vezes eu não me expressei bem ou a professora, é, não foi como eu gostaria que tivesse

sido. Gostaria que eu tivesse tido mais prática, mas acho que também foi um pouco de falha de eu me expressar, um pouco da professora de não perguntar.

8.3) Como foi a relação entre estagiário-aluno?

R: Aí é uma graça, ótima, adoro a sala, tô morrendo de saudade já, embora eles fossem uns pistinhas, mas eu gostava muito deles. Acho que a relação com os alunos foi a melhor parte do estágio. Não importa que professor esteja lá, elas são super apegadas, elas pegam amizade com você.

8.4) Como foi a relação entre aluno- estagiário?

R: Eu acho que o aluno comigo também, eu particularmente tive uma recepção muito boa da sala, então eles me chamavam bastante para ajudar, na grande maioria da sala. Alguns ainda preferiam chamar a professora, mas digamos que metade da sala me chamava muito para auxiliar, acho que a relação deles comigo foi muito boa, porque se não tivessem confiança eles não chamariam tanto.

8.4) Como foi a relação entre estagiário-funcionário e vice-versa?

R: A foi tranquilo, os funcionários de um modo geral foi bom, foi ótimo, foram umas gracinhas de pessoas, as monitoras não sei se todas tiveram a mesma apreensão, mas teve uma delas que ficou com a sala um dia que a professora saiu e aí a monitora ficava comigo e era uma das monitoras mais jovens e ela me confidenciou que ela ficava apreensiva de ficar comigo na sala porque ela não se achava nada, porque eu era estagiária, porque eu estava fazendo Pedagogia e quem era ela para ficar com a sala se eu estava lá. Eu fiquei chateada porque realmente eu acho que ela sabia muito mais do que eu, porque eu não fico direto com a sala então eles devem saber mais do que eu lá. E aí conversando com ela eu acho que acabou esse tipo de pensamento dela, porque eu estava lá para aprender e sabia menos ainda que ela. Eu a incentivei a fazer Pedagogia já que ela tem vontade e acabei até ficando amiga dela.

### **ANEXO 3: Observação da Estagiária A**

#### **Primeiro dia de observação**

No dia vinte três de maio no ano de dois mil e doze, foi observado no período da tarde, uma sala do 3º Ano da escola, na qual a Estagiária A desenvolve seu estágio com a Professora – Titular A.

Durante as observações foi possível notar que das 13h às 13h50 a professora corrigiu a lição de casa com os alunos. Das 13h50 às 14h40 é o horário de educação física, portanto este é o horário de HTPI desta educadora. Assim que a professora de educação física chegou à sala de aula, permaneceram uns vinte minutos para que finalizassem a tarefa da aula passada, a qual eles desenharam em uma cartolina um jogo de basquete.

A estagiária chegou à sala às 13h50, no horário do HTPI e enquanto a professora de educação física aguardava os alunos finalizar o cartaz, a estagiária e a Professora-Titular sentam-se no fundo da sala, onde a estagiária mostra e discute sobre os resultados obtidos na atividade que foi realizada na aula passada e a atividade que irá aplicar nesta data.

Assim que as crianças terminaram o cartaz, foram expor seus trabalhos no corredor da escola e depois saíram na área externa para jogar basquete, no tempo que restou desta aula.

Assim que elas saíram, a estagiária e a professora organizaram as carteiras em forma de círculo e colocou uma cadeira no centro, uma cartola e um bastão sobre essa cadeira. Ao terminar de arrumar, pegou o caderno de lição de casa de um aluno, para mostrar à estagiária que ele havia feito a lição.

Assim que os alunos retornaram da educação física, a educadora pediu para que todos guardassem seus materiais embaixo da carteira. Em seguida, a estagiária foi até ao centro da roda e disse boa tarde a todos e perguntou quem fez a tarefa que ela havia passado na segunda-feira (aula anterior). Após alguns alunos terem levantado a mão, ela pediu para que os educandos que não haviam feito a lição contassem o porquê, porém todos permaneceram em silêncio. Diante do silêncio, solicitou para um aluno que havia realizado a lição fosse ao centro do círculo bater o bastão na cartola e falar a virtude que havia pesquisado. Assim que o aluno faz esse procedimento, a estagiária coloca a cartola sobre a cabeça dele, para que conte a

virtude pesquisada. Quando o aluno terminou de falar, a estagiária perguntou quem gostaria de ir até ao centro falar sobre sua virtude, e conforme o aluno levantava a mão manifestando sua vontade de falar, esta criança passava pelo mesmo processo descrito acima.

Durante essa atividade, era a estagiária quem conduzia os alunos e a professora ficava apenas observando e tirando foto dos alunos.

Após a fala de todos os alunos que fizeram a tarefa, a professora- titular perguntou se algum dos alunos que não haviam feito gostaria de falar algo sobre alguma virtude, porém nenhum aluno se prontificou, então ela conversou com a sala sobre a responsabilidade e comprometimento que eles devem ter, pois a atitude que alguns alunos tiveram em não fazer a lição de casa era falta de responsabilidade e de comprometimento com a estagiária.

Ao terminar esse diálogo entre a professora e alunos, a estagiária colocou a cartola na cabeça e andou em círculo, passando em cada carteira lendo um texto sobre a responsabilidade e ao finalizar perguntou o que eles haviam entendido e cada um relatou sua compreensão.

Na sequência, ela solicitou com que todos ficassem em pé para realizarem uma atividade. Antes da execução desta, explicou que iria jogar o barbante para um aluno e que este ao pegá-lo deveria falar uma ação de responsabilidade e assim por diante até o barbante passar pelas mãos de todos.

Assim que ela iniciou jogando o barbante para um educando, ele quase caiu para pegá-lo, pois todos ficaram em pé atrás da carteira. Então, nesse momento a professora intervém e solicita que todos fossem para frente da carteira, assim fazendo uma roda em pé, um do lado do outro. Além disso, pediu que jogassem o barbante devagar e ter cuidado para que o barbante não machuque o amigo.

Apesar de a estagiária ter conduzido a atividade, a professora fez algumas intervenções, como por exemplo, quando o aluno não sabia o que dizer, ela perguntava para este, que responsabilidade você tem ou deveria ter na sua casa?

Durante a realização da tarefa, ocorreram alguns momentos de conversas paralelas, porém tanto a estagiária quanto a professora chamavam a atenção dos alunos.

Assim que todos haviam participado, a aprendiz disse para que eles observem os barbantes entrelaçados e perguntou o que eles lembraram, e várias crianças disseram ter se lembrado de uma teia de aranha, então ela dialogou

dizendo que todos estavam unidos pela responsabilidade, pois cada um apresentou uma atitude de responsabilidade. Além disso, perguntou o que cada um havia aprendido sobre essa virtude e quais as responsabilidades que eles devem ter com o mundo, e vários responderam que se deve reciclar para não poluir o planeta e economizar água para que ela não acabe.

Nesse momento de diálogo, tanto a estagiária quanto a professora instigou os alunos a refletir quais responsabilidades eles devem ter dentro da escola. E uma aluna disse que se deve economizar água, para não faltar e outro disse que deve separar o lixo para reciclar. Um aluno também falou que ao jogar o barbante sem machucar o colega, é uma atitude de responsabilidade e tanto a estagiária como a professora disse que o aluno estava certo e que todos devem ter responsabilidade uns com os outros, seja na sala de aula ou na hora do intervalo.

Após toda essa discussão, a professora solicitou para que todos sentassem em suas respectivas carteiras, e assim que todos se sentaram, a estagiária sentou-se no fundo da sala, ficando apenas observando e desse momento em diante a professora assumiu a sala de aula.

Assim que todos estavam acomodados em suas carteiras, solicitou para cada um pensar o que precisariam fazer e melhorar para ter responsabilidade. Um aluno disse que deve fazer a lição de casa e arrumar a cama. Outro disse que não pode esquecer de fazer a lição de casa e que deve parar de ficar muito tempo na frente do computador.

Logo que terminou o diálogo, pediu para voltar as carteiras em fileiras e nesse momento, vários alunos pediram para permanecer as carteiras como estava, em círculo, porém disse que iria usar a lousa e que deveriam colocar as carteiras em fileiras.

Assim que organizaram as carteiras, pediu que abrissem o caderno de tarefa, para que pudesse olhar antes do intervalo.

Assim que os alunos saíram para intervalo, a estagiária ficou alguns minutos conversando com eles. Durante esse momento eles pediram sugestões de brincadeiras, e perguntam se ela gostaria de brincar também.

Já a professora realizava seu intervalo na sala dos professores, onde foi possível observar que durante esse horário elas falam sobre vários assuntos, sendo eles desde o ambiente escolar até de suas vidas pessoais. Quando faltavam uns cinco minutos para finalizar o intervalo, houve uma correria na escola, pois uma

menina pertencente à sala da estagiária A, estava correndo, brincando com os amigos e caiu no chão da área externa, a qual é de cimento, onde a aluna acabou ralando todo seu rosto. A menina ao cair no chão desmaiou o que assustou alunos e funcionários da escola, que chamaram o SAMU.

Assim que deu o sinal do intervalo, a professora ficou com a aluna acidentada e a estagiária ficou com os alunos na sala até o horário da saída. Vários alunos entraram na sala chorando e abalados com o que havia acontecido e diante desta situação, a estagiária pegou um livro de orações dentro de sua bolsa e leu uma oração junto com a sala.

Ao terminar a leitura, ela autorizou um aluno de cada vez ir à lousa escrever um recado à aluna acidentada, e enquanto isso acontecia, a estagiária deixou um de cada vez ir à frente da sala, colocar a cartola e ler uma oração. Durante esse momento, enquanto um aluno lia a oração, a sala toda permanecia em silêncio e prestava atenção no que estava sendo dito, e assim foi conduzida a aula até o horário da saída dos alunos.

Por volta das 16h45 a professora retornou à sala de aula e os alunos perguntaram sobre o estado de saúde da aluna e a educadora disse para todos ficarem tranquilos, pois ela estava bem, apesar de ter machucado o rosto.

Ela perguntou aos alunos o que eles fizeram durante o tempo que ela havia ficado fora da sala e os alunos explicaram que estavam lendo orações, para que a amiga se recuperasse logo do acidente. Após essa conversa, a professora solicitou que todos pegassem seus cadernos de lição de casa, e disse: “para lição de casa de hoje, vocês devem fazer uma carta para a amiga que está no hospital, dizendo que desejam que ela melhore logo e tudo que vocês acharem importante, pois levarei essa carta amanhã depois da aula quando eu for visitá-la”.

Após ela ter explicado o motivo da carta e como eles deveriam fazê-la, pediu que todos guardassem o material, pois estava no horário da saída. Enquanto eles guardavam, a educadora foi até ao fundo da sala conversar com estagiária para saber como a sala se comportou e quais atividades foram desenvolvidas. Essa conversa entre a professora e a estagiária durou cerca de dez minutos, pois logo os pais dos alunos chegaram e ela se dirigiu à porta para recepcioná-los (1ª Observação – 23/05/2012).

## ANEXO 4: Observação da Estagiária B

### Segundo dia de observação

No dia seis de junho no ano de dois mil e doze, foi observado no período da manhã, uma sala do 1º Ano da escola, na qual a estagiária B desenvolve seu estágio com a professora – colaboradora B.

As crianças chegam à sala de aula, colocam suas mochilas penduradas atrás da cadeira e saem para tomar o café da manhã, enquanto isso a professora pegou os cadernos de matemática para trabalhar numerais e dar continuidade do que foi passado na aula anterior (05/06/12 - terça-feira).

A estagiária, desde a hora que chegou, permaneceu sentada em sua cadeira apenas observando.

Nessa aula, as crianças estavam sentadas em duplas e conforme eles voltavam do refeitório, pegavam o caderno de matemática para copiar o cabeçalho que a educadora havia feito na lousa. Assim que a maioria fez o cabeçalho, ela começou a retomar o conteúdo da aula passada, escrevendo os numerais de zero a vinte, mas sempre escrevendo de dez em dez. Logo que ela terminou de escrever na lousa, propôs umas brincadeiras às crianças, dizendo o seguinte, “olha gente vocês sabiam que existem dois fazendeiros que tem vários bozinhos, porém um fazendeiro vai ter várias unidades de bozinhos e o outro quer comprar por dezena (de dez em dez), então a brincadeira vai ser o seguinte um vai ser o fazendeiro com os bozinhos das unidades e o outro vai ser o fazendeiro que vai comprar os bozinhos com as dezenas”.

Nessa hora, assim que a educadora finalizou a explicação da atividade, pediu ajuda à estagiária, solicitando que ela pegasse o material dourado e distribuísse as peças para que os alunos pudessem realizar a tarefa, conforme a estória dos fazendeiros. Como eles estão sentados em duplas, no primeiro momento eles teriam que fazer uma troca, o que tem unidades terá que contar até 10 para trocar as 10 unidades por uma barra de 10 e depois, no segundo momento, o outro aluno faria o mesmo que o seu colega havia feito anteriormente.

Durante essa atividade, a professora passa de carteira em carteira olhando se os alunos estão fazendo corretamente e os que estavam fazendo errado, ela chamava a atenção “por que você fez assim?”, “foi assim que eu expliquei para

você?”. Depois de chamar atenção, ela explica como a criança deverá fazer e acompanhava para verificar se ela estava fazendo conforme foi explicado.

Já a estagiária após entregar o material, sentou-se em sua cadeira e apenas levantava quando um aluno estava com dúvida e pedia para ela explicar.

Assim que a maioria havia finalizado a tarefa, a educadora explicou o conceito de milhar através do material dourado, logo em seguida, chamou quatro alunos para ir à frente, no qual o primeiro aluno representou a unidade, o segundo a dezena, o terceiro a centena e o quarto o milhar.

Assim que os quatro alunos estavam segurando e mostrando para a sala as unidades que cada um representava, a educadora perguntou à sala quanto cada aluno segurava e todos responderam corretamente.

Após a explicação, a educadora pediu para que eles levassem o material até a sua mesa para guardá-los. Na sequência, começou a passar na lousa os números de 10 até 19 com a ajuda dos alunos, perguntando, “quando é dez mais um”, e eles responderam, “onze”, depois perguntou, “e se colocar mais um, como que fica?”, eles responderam “fica doze”, e assim por diante até chegar ao número dezenove.

Durante a explicação, havia um aluno que não estava prestando atenção, então ela o colocou ao lado de sua mesa, porém, conforme realizava a explicação, ela se situava à frente do aluno, e logo ele conseguia apenas ver as costas da professora e conforme ela explicava, ele fazia mímicas e acabava distraindo a sala, e logo que a educadora percebeu, gritou dizendo “pode parar com isso, você tem que olhar para mim e não para a sala e ficar fazendo gracinha”.

Logo após chamar a atenção do educando, ela terminou a explicação, e eles saíram para ensaiar.

Ao retornarem do ensaio, a educadora desenhou uma barra (1dezena) e mais 4 unidades e pediu para os alunos responderem o quanto correspondia aquele desenho e um aluno acertou dizendo, quatorze. Ela pediu para esse aluno ir à frente explicar para os outros como ele chegou nessa conclusão. Após a explicação do aluno, ela desenhou uma barra e mais duas unidades e perguntou para eles quanto era, e um aluno respondeu quinze e outro educando respondeu doze, então, diante de duas respostas ela pediu para os dois irem à lousa explicar como eles chegaram ao resultado. Enquanto o aluno que respondeu doze estava explicando como chegou ao resultado, o outro aluno que havia respondido quinze chegou à conclusão que sua resposta estava errada e que a correta seria doze.



Assim que a educadora passou esse dois exemplos e escreveu na lousa três atividades parecidas com essas para que os alunos as façam sozinhos.

Ao chegar o intervalo, a estagiária se dirigiu até a sala dos professores, e observou a indignação dos professores sobre a prova Brasil, pois um professor disse as seguintes frases, “eles estão cobrando questões inadequadas para um segundo ano”, “colocaram perguntas sobre números romanos”, “meus alunos não viram isso ainda”. Além da prova Brasil, eles falaram sobre indisciplina de alunos. Assim que a educadora retornou à sala de aula, colocou recado aos pais dos alunos em seus respectivos cadernos, e enquanto isso a estagiária observava o movimento da sala.

Durante esse tempo que a professora utilizava para colar recados, permanece o tempo todo chamando a atenção dos alunos, como por exemplo, “você já terminou a lição”, “vira para frente”, “senta no seu lugar”, “para de falar com aluno X.”, “vamos fazer a lição, senão vai ficar atrasado”, “o que você está fazendo em pé”.

Assim que ela terminou de colar os recados, distribuiu os cadernos e passou alguns exercícios do livro didático de matemática, os quais estavam relacionados com o assunto da aula de hoje. Os alunos que não entendiam se dirigiam à mesa da educadora, para pedir explicações.

Nessa atividade, nenhum aluno perguntou nada e nem pediu a ajuda da estagiária, e ela por sua vez também não passou nas carteiras para verificar como eles estavam realizando a atividade.

Enquanto havia alguns alunos na mesa da professora para sanar algumas dúvidas do exercício, vários alunos estavam conversando, um menino havia batido no amigo e outros estavam brincando ao invés de fazer a tarefa. Diante desta situação a aprendiz levantou-se da sua cadeira e se dirigiu até a esses alunos, pedindo para que eles se sentassem, porém de nada adiantou.

Uma aluna fez uma pergunta à estagiária, pois não estava conseguindo entender um dos exercícios do livro e a aprendiz explicou a ela da mesma forma como a professora havia explicado. Depois que ela explicou, passou de carteira em carteira vendo se os alunos estavam fazendo a tarefa, chamou a atenção dos alunos para sentar em sua cadeira. Outra aluna não conseguiu entender a primeira explicação passada pela estagiária, então ela tentou explicar de outra forma, dizendo que dezena é um grupo de dez, onde ela usou um exemplo, no qual deu um abraço nessa menina e mais outra amiga que estava junto, assim dizendo que elas

formavam um grupo de três, então disse que, “a dezena é um grupo de 10, são 10 unidades juntas”. E a partir dessa explicação, a aluna disse ter compreendido.

No decorrer das atividades, a professora sentiu falta de um aluno que havia pedido para ir ao banheiro e já fazia um tempo que não havia retornado à sala, então ela saiu para procurá-lo, porém não o encontrou. Ao retornar, perguntou se alguém estava sabendo de alguma coisa e alguns alunos disseram ter ouvido dizer que pretendia pular o muro. Diante de tal situação, a professora procurou uma inspetora para relatar o ocorrido e tanto a inspetora quanto a coordenadora pedagógica saíram para procurá-lo nas redondezas da escola.

A educadora aproveitou o momento para conversar com a sala que não se pode fazer isso e o quanto isso é perigoso para eles. Após o diálogo, a estagiária continuou olhando os cadernos dos alunos e tirando algumas dúvidas.

Quando faltavam uns vinte minutos para chegar o horário da saída, a inspetora chegou com o aluno que havia pulado o muro da escola, e disse que o encontrou em sua casa brincando de pipa. Tanto a professora, inspetora e coordenadora chamaram sua atenção dizendo que isso é muito perigoso e que não é coisa que se faça. Além disso, elas ficaram indignadas, pois a professora disse à coordenadora-pedagógica, “como a mãe dessa criança vê que ele chegou sem a mochila da escola, sabendo que ele estava no horário de aula e não comunica a escola?”.

Logo, quando faltava aproximadamente cinco minutos para o horário da saída, a educadora pediu para que todos guardassem seus materiais. Conforme os pais chegavam, alguns perguntavam sobre o desempenho do aluno e outros apenas buscavam a criança sem questionar nada.

Assim que a irmã do aluno que havia fugido chegou para buscá-lo, a professora disse que ela teria que passar com a coordenadora-pedagógica para conversar sobre o ocorrido.

## **ANEXO 5: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

### *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE)*

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 196/96)

Venho convidá-lo(a) a participar do projeto de pesquisa “Construindo relações intergeracionais na formação de novos professores: processos de aproximação e de parceria entre professores e estagiários” e pedir o seu consentimento na utilização dos dados coletados para eventuais publicações.

Essa pesquisa tem como objetivo investigar como ocorre esse processo, e de que maneira são estabelecidas as relações entre professor titular e estagiário na escola. Pretende-se identificar como acontecem os primeiros contatos entre as duas partes, o tipo de dificuldade- que por ventura enfrentam durante a relação na escola, seus receios, expectativas, tipos de vínculos estabelecidos, choques e diversos outros aspectos que poderão surgir no decorrer desta pesquisa.

Mediante as características deste estudo, o qual será baseado em entrevistas e observações, entende-se que há riscos como constrangimento e/ou desconforto, os quais são mínimos, visto que será garantida sua privacidade e anonimato e nenhuma informação será utilizada sem o seu consentimento. Serão garantidas todas as precauções para evitar quaisquer desconfortos ou constrangimento durante todo o processo da pesquisa. Não se fará outro uso dos dados que não seja o de fins de pesquisa e ensino. Além disso, você poderá se recusar a responder qualquer pergunta e/ou retirar o seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo algum. Se você estiver suficiente esclarecido sobre sua participação voluntária nessa pesquisa, convido-o a assinar este Termo elaborado em duas vias, sendo que uma via ficará com você e a outra com o pesquisador.

## Dados dos sujeitos da Pesquisa

Nome: \_\_\_\_\_  
 RG: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_, Bairro: \_\_\_\_\_  
 Cidade: \_\_\_\_\_, Estado: \_\_\_\_\_  
 Telefone: (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_

Rio Claro,.....de ..... de 20.....

Assinatura: \_\_\_\_\_  
 Assinatura do sujeito da pesquisa

\_\_\_\_\_  
 Michelle Cristina Bueno  
 aluna pesquisadora

\_\_\_\_\_  
 Flavia Medeiros Sarti –  
 pesquisadora responsável-

Título do Projeto: “Construindo relações intergeracionais na formação de novos professores: processos de aproximação e de parceria entre professores e estagiários.”

Pesquisadora Responsável: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flavia Medeiros Sarti

Cargo/função: Professor Assistente Doutor

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (Campus de Rio Claro/SP)

Endereço: Avenida 24 A,1515, CEP: 13500-900.

Dados para Contato: fone (19) 3526-4260

e-mail: fmsarti@rc.unesp.br

Aluna/ Pesquisadora: Michelle Cristina Bueno

Cargo/função: Estudante

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (Campus de Rio Claro/SP)

Endereço: Avenida 24 A,1515, CEP: 13500-900.

Dados para Contato: fone (19) 98488414

e-mail: michellebueno772@hotmail.com

---

Discente: Michelle Cristina Bueno

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Flávia Medeiros Sarti

Rio Claro

Outubro/2012